



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM  
CULTURAS POPULARES

ANDRÉ BARBOSA DE SANTANA

**RECORTES BIOGRÁFICOS DAS TAIEIRAS DE LAGARTO-SE**

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2023

ANDRÉ BARBOSA DE SANTANA

**RECORTES BIOGRÁFICOS DAS TAIEIRAS DE LAGARTO-SE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe, como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em Cultura Popular.

**Orientador:** Prof. Dr. Micael Carmo Cortês Gomes.

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2023

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S232r Santana, André Barbosa de  
Recortes biográficos das taieiras de Lagarto-SE / André  
Barbosa de Santana ; orientador Micael Carmo Cortês Gomes. –  
São Cristóvão, SE, 2023.  
147 f. : il.

Dissertação (mestrado em Cultura Popular) – Universidade  
Federal de Sergipe, 2023.

1. Cultura popular – Lagarto (SE). 2. Taieira – Lagarto (SE). 3.  
Autobiografia. 4. Danças folclóricas – Lagarto (SE). I. Gomes,  
Micael Carmo Cortês, orient. II. Título.

CDU 398(813.7)

FOLHA DE APROVAÇÃO

**RECORTES BIOGRÁFICOS DAS TAIEIRAS DE LAGARTO-SE**

ANDRÉ BARBOSA DE SANTANA

APROVADA pela banca examinadora composta por:

---

**Prof. Dr. Micael Carmo Cortês Gomes**  
Universidade Federal de Sergipe

---

**Prof. Dr. Fernando José Ferreira Aguiar**  
Universidade Federal de Sergipe

---

**Profa. Dra. Mariana Emanuelle Barreto de Góis**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe

---

**Maria Ione do Nascimento (Mestra da Cultura Popular)**  
Associação Folclórica de Lagarto  
Suplente

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2023

## AGRADECIMENTOS

Não é fácil descrever toda a minha vontade e todo o desejo de estar concluindo mais uma etapa. Os obstáculos foram grandes, um caminho com alguns espinhos, porém quem crê e tem fé consegue fluir com positividade e alcançar o seu alvo. Em abril de 2021, tive uma experiência entre duas faces de uma moeda: sobreviver a uma pandemia e vencer vinte dias internado na UTI com COVID-19. E depois de deixar o Hospital Universitário de Lagarto, não desistir de concluir o mestrado, sonho que hoje vira realidade.

Aos meus pais, *in memoriam*, Edmundo e Amélia, exemplos que sempre estarão em minha história. Com meu pai, aprendi a reconhecer minha capacidade de conquistar meus sonhos, sem prejudicar ninguém; e com minha mãe, seu espírito de аллергия e sua fé inabalável me sustentaram nos momentos de medo e inseguranças.

Ao meu companheiro de todas as horas, Dan, a quem serei sempre grato por tudo, com nossa cumplicidade e lealdade, tenha certeza de que o meu amor por ti é longo e intenso.

Aos meus irmãos: Cristina, Elaine, Mariza (*in memoriam*), Michele, Cláudia, Lúcia e Nina; e aos meus sobrinhos (Letícia, Melk, Mikael, Brando, Kaline e Kailane), por compartilharem momentos especiais e mostrarem que estão seguindo os bons ensinamentos dos nossos ancestrais.

Aos meus avós (Manoel e Pureza, João e Lindalva), quero agradecer a inspiração e os conhecimentos através das histórias e cantigas da rica cultura popular vivida por vocês e transmitida para nós, seus netos e netas.

Ai de nós, se não fosse a sensibilidade de sermos e termos amigos em forma de anjos! À amiga-irmã Catarina Costa, toda a minha gratidão pelos momentos eternizados. Nossa sintonia vai além dos infinitos céus e estrelas. Aos amigos de todas as horas — Simone Prata, Márcio Cruz, Obderan Bispo, Dênis Ribeiro, Kátia Napoili, Fernanda Fernandes, Danilo Rodrigues, Renata Santos e Cleriston Carvalho —, quero deixar meus agradecimentos e meu aplauso. Ao amigo Rudvan Cicotti pelo apoio, incentivo e os longos diálogos sobre a vida acadêmica, minha eterna gratidão. Com eles, aprendi a plantar fé, semeando amor e colhendo amizade.

Aos companheiros, conselheiros e professores da Secretaria Municipal da Cultura, Secretaria Municipal do Turismo, Secretaria Municipal da Educação, do Conselho Municipal de Cultura e Colégio Estadual Francisco Barbosa Santos, deixo o meu agradecimento, compreensão e carinho por todos os momentos que passamos juntos em conquistas para a nossa cultura, reinventando técnicas para legitimar políticas públicas de acesso à cultura e incorporando a educação como meio de elevação intelectual para os nossos discentes, compondo uma trajetória educacional diferente e envolvente.

Aos mestres que me ensinaram a ser quem eu sou, meu eterno agradecimento, desde a Escolinha Chapeuzinho Vermelho, onde me ensinaram as primeiras letras, o lúdico e saber respeitar o espaço e o conhecimento de cada um. Ao Colégio Estadual Dr. Evandro Mendes, onde encontrei o meu EU na cultura popular. Ao Colégio Estadual Prof. Abelardo Romero Dantas (Polivalente), que me instruiu em minha formação cidadã, ensinando os primeiros conceitos de fazer e mudar minha trajetória de vida. Ao Colégio Cenecista Laudelino Freire, onde vivi memórias incríveis, aos quais guardo e levarei comigo por toda a vida. Gratidão sempre, por tudo e por todos.

Quero externar meu apreço e admiração pelos mestres que compõem o PPGCULT/UFS. Ao meu orientador, professor doutor Micael Carmo Cortês Gomes, minha estima e meu respeito pelo conhecimento compartilhado e o vínculo criado durante esses dois anos. Também deixo meu carinho aos professores Flávia Lopes Pacheco, Neila Dourado Goncalves Maciel, Raphaela Schiassi Hernandez, Rosana Eduardo da Silva Leal, Elizia Cristina Ferreira, Marcelo Alves Brazil, Christian Jean-Marie Boudou, Roberto dos Santos Lacerda, Alexandra Gouvea Dumas, Lourdisnete Silva Benevides e Toni Edson Costa Santos (*in memoriam*), por terem ofertado seu conhecimento e a experiência acumulada nos momentos mais expressivos desta caminhada. Quero agradecer, ainda, aos professores convidados à minha banca de qualificação: Prof. Dr. Fernando José Ferreira Aguiar e Profa. Dra. Mariana Emanuelle Barreto de Góis, pelas orientações preciosas no sentido de apontar caminhos mais retilíneos no espaço da pesquisa. Em especial, à mestra da cultura popular e presidente da Asflag (Associação Folclórica de Lagarto), Maria Ione do Nascimento, pelo carinho e pela colaboração fundamental para a construção desta dissertação.

E aos colegas do programa de mestrado (André Valença, Cris, Mari, Gustavo, Eloí, Léo, Ibernnon e Juliana), que dividiram comigo tantos momentos de angústia, tédio e alegrias.... No desfiar desses dois longos anos, quero externar minha alegria por tê-los em meu convívio, nunca largando a minha mão, e assim chegamos, ao final.

Meu coração jorra alegria e pulsa felicidade, com gratidão ao Supremo do Universo, que me guia diariamente ao lado de meus ancestrais, que nunca largaram minha mão. Minha fé gerou coragem, abrindo os caminhos e levando para bem distante todos os males. Não posso deixar de agradecer a Maurelina Santos (*in memoriam*) que a vida me apresentou e presenteou com uma mestra, irmã e amiga, você me ensinou com oportunidades, com paciência e amor, não tem palavras para descrever sua importância na construção do meu conhecimento nas culturas populares, GRATIDÃO.

Aos meus avós paternos: vovô Mané de Gino e vovó Pureza. E meus avós  
maternos: vovô João e vovó Moça. (*In Memoriam*)



Meu São Benedito,  
a vossa mão cheira,  
cheira cravo e rosa,  
flor de Laranjeira.

(Trecho de louvor a São Benedito – Domínio Popular)

## **RESUMO**

### **RECORTES BIOGRÁFICOS DAS TAIEIRAS DE LAGARTO-SE**

O objetivo investigar o desenvolvimento e resistência das relações culturais e das culturas populares das Taieiras em Lagarto, Sergipe. Para atingir os objetivos propostos e as discussões centrais desta pesquisa, fundamentei-me em estudos de teóricos como Dosse (2015), Canclini (2013), Arfush (2010), Dantas (2013) e Manetta (2021), entre outros. Logo, esta dissertação se caracteriza como um estudo explicativo, portanto, de abordagem qualitativa, tendo como estudo metodológica a pesquisa do método (auto) biográfico. A partir da recomposição de minha memória e vivências junto às Taieiras, assim como dos relatos orais e biográficos dos integrantes desse grupo de dança, a intenção é apreender nas suas dinâmicas culturais, desde a origem e hierarquias, passando por produções, processos de interação social na comunidade, até a resistência ao longo dos anos, recriando-se, reinventando-se e contribuindo para sua existência.

**Palavras-chave:** Taieiras; culturas populares; Lagarto; autobiografia.

## **ABSTRACT**

### **BIOGRAPHICAL CUPPINGS OF THE LAGARTO-SE TAIEIRAS**

The objective is to investigate the development and resistance of cultural relations and popular cultures of Taieiras in Lagarto, Sergipe. In order to achieve the proposed objectives and central discussions of this research, I based myself on studies by theorists such as Dosse (2015), Canclini (2013), Arfush (2010), Dantas (2013) and Manetta (2021), among others. Therefore, this dissertation is characterized as an explanatory study, therefore, with a qualitative approach, having as a methodological study the research of the (auto) biographical method. From the recomposition of my memory and experiences with the Taieiras, as well as the oral and biographical reports of the members of this dance group, the intention is to apprehend in their cultural dynamics, from the origin and hierarchies, passing through productions, processes of social interaction in the community, to resistance over the years, recreating itself, reinventing itself and contributing to its existence.

**Keywords:** Taieiras; popular cultures; Lizard; autobiography

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                                                                                       |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Pós-apresentação no Desfile Cívico-Cultural de Lagarto, 1960.....                                                                                                                          | 17 |
| Figura 2 - Obelisco da Cruz das Almas, 1983. ....                                                                                                                                                     | 24 |
| Figura 3 - Mapa da Sede de Lagarto (Ruas e Divisão de Bairros). ....                                                                                                                                  | 26 |
| Figura 4 - Apresentação no Circulando Cultura em Lagarto, 2022. ....                                                                                                                                  | 28 |
| Figura 5 - Apresentação no 26º Festival Nacional de Folclore, em Olímpia-SP, 1980.<br>.....                                                                                                           | 31 |
| Figura 6 - Apresentação no 7º Encontro Cultural de Lagarto, 2022. ....                                                                                                                                | 31 |
| Figura 7 - Saudosa Dona Josefa, Taieira mais antiga, em carro alegórico durante o<br>Desfile Cívico-Cultural de Lagarto, 2010.....                                                                    | 39 |
| Figura 8 - Escultura em madeira de São Benedito, séc. XIX. ....                                                                                                                                       | 40 |
| Figura 9 - Rei e Rainha das Taieiras no 7º Encontro Cultural de Lagarto, 2022. ....                                                                                                                   | 47 |
| Figura 10 - Escultura em madeira de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, séc.<br>XIX. ....                                                                                                            | 48 |
| Figura 11 - Discografia das Taieiras/CSFB-009, 1976.....                                                                                                                                              | 49 |
| Figura 12 - Instrumento de querequexé, 2022. ....                                                                                                                                                     | 51 |
| Figura 13 – Espadas em madeiras utilizadas pelas Taieiras e capacetes, 2022. ....                                                                                                                     | 52 |
| Figura 14 - Apresentação do Desfile Cívico-Cultural de Lagarto, 1985.....                                                                                                                             | 52 |
| Figura 15 - Tocadores e porta-estandarte, Lagarto Iluminado, 2022. ....                                                                                                                               | 53 |
| Figura 16 - Indumentária utilizadas pelas Taieiras, 2021. ....                                                                                                                                        | 54 |
| Figura 17 - Apresentação no Circulando Cultura em Lagarto, 2022. ....                                                                                                                                 | 56 |
| Figura 18 - Apresentação do Natal Lagarto Iluminado, 2021. ....                                                                                                                                       | 57 |
| Figura 19 - Apresentação do 7º Encontro Cultural de Lagarto, 2022. ....                                                                                                                               | 60 |
| Figura 20 - Após apresentação desfile folclórico em Olímpia/SP, 2022.....                                                                                                                             | 65 |
| Figura 21 - Dona Dior em meados de setembro de 2022. ....                                                                                                                                             | 67 |
| Figura 22 - Dona Helena na entrevista realizada em meado de abril de 2022.....                                                                                                                        | 69 |
| Figura 23 - As Taieiras em apresentação no 8º Encontro Cultural de Lagarto, no<br>momento do combate (bateção de espadas), 2023. ....                                                                 | 70 |
| Figura 24 - As Taieiras em apresentação no 8º Encontro Cultural de Lagarto;<br>momento de apresentação do Rei e Rainha, a corte real (2023). ....                                                     | 72 |
| Figura 25 - As Taieiras em apresentação no 8º Encontro Cultural de Lagarto;<br>apresentação em forma de cortejo da nobreza, confronte a Igreja de<br>Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (2023). .... | 74 |

|                                                                                                                                  |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 26 - Dona Lindalva, conhecida popularmente como “Paquita”, no 58º Festival Nacional do Folclore, Olímpia/SP (2022). ..... | 75 |
| Figura 27 - Mestre Eder conduzindo os louvores das Taieiras com os tocadores no 8º Encontro Cultural de Lagarto (2023). .....    | 77 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                              |    |
|--------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 - Tempo de contribuição cultural nas Taieiras ..... | 64 |
|--------------------------------------------------------------|----|

## SUMÁRIO

|                                                                                                         |            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>PRÓLOGO - TENHO ORGULHO DE SER TAIEIRAS .....</b>                                                    | <b>16</b>  |
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                 | <b>21</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1 – LAGARTO: ENTRE CORES E FITAS.....</b>                                                   | <b>24</b>  |
| 1.1 Folcloreando .....                                                                                  | 29         |
| 1.2 Salve a cultura popular, salve Nossa Senhora do Rosário e São Benetido .....                        | 33         |
| <b>CAPÍTULO 2 – TAIEIRAS, AH! JESUS DE NAZARÉ... ..</b>                                                 | <b>38</b>  |
| 2.1. Quem é aquele santo que vem no andor? É São Benedito com nosso senhor.....                         | 40         |
| 2.2. Ô dia, ô dia... Dias de tanta alegria. ....                                                        | 46         |
| 2.3. Virgem do rosário, senhora do mundo .....                                                          | 57         |
| <b>CAPÍTULO 3 – MEMÓRIAS: Ê, Ê, Ê... COLÔNIA AFRICANA, TODOS VENHAM VER, TAIEIRAS! .....</b>            | <b>61</b>  |
| 3.1. O amor, a fé e a devoção.....                                                                      | 64         |
| 3.2 Do sagrado ao profano .....                                                                         | 67         |
| 3.3 A alegria que reina .....                                                                           | 71         |
| 3.4. Quando o cortejo se perde pelo caminho .....                                                       | 73         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                       | <b>79</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>                                                                 | <b>82</b>  |
| <b>APÊNDICES .....</b>                                                                                  | <b>85</b>  |
| Apêndice 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....                                     | 86         |
| Apêndice 2 - Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos.....                                   | 89         |
| Apêndice 3 - Formulário de entrevista (GERAL).....                                                      | 91         |
| Apêndice 4 - Formulário de entrevista (AUTOBIOGRAFIA).....                                              | 95         |
| <b>ANEXOS .....</b>                                                                                     | <b>100</b> |
| Anexo 1 - Ata de fundação da Associação das Atividades Folclóricas da Cidade de Lagarto.....            | 101        |
| Anexo 2 - Lei nº 7.432 de 05 de julho de 2012 que revalida a Lei nº 4.118 de 26 de agosto de 1999. .... | 105        |
| Anexo 3 - Lei n.º 76 de 07 de junho de 2002. ....                                                       | 106        |
| Anexo 4 - Lei n.º 15 de 04 de dezembro de 2004. ....                                                    | 107        |
| Anexo 5 - Ata de Assembleia Geral extraordinária de afastamento e posse da nova presidência.....        | 108        |

|                                                                              |     |
|------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Anexo 6 - Lei n.º 321 de 05 de abril de 2010. ....                           | 109 |
| Anexo 7 - Transcrição da entrevista com Maria Ione do Nascimento .....       | 111 |
| Anexo 8 - Transcrição da entrevista com Lindalva Maria Santos Oliveira ..... | 115 |
| Anexo 9 - Transcrição da entrevista com Rosimeire Leite da Costa.....        | 117 |
| Anexo 10 - Transcrição da entrevista com Dionisía Lisboa dos Santos.....     | 122 |
| Anexo 11 - Transcrição da entrevista com Olivete Maria de Jesus Santos ..... | 125 |
| Anexo 12 - Transcrição da entrevista com Maria Helena dos Santos.....        | 131 |
| Anexo 13 - Transcrição da entrevista com Luís Carlos da Cruz Santos .....    | 137 |
| Anexo 14 - Transcrição da entrevista com Eder Cláudio Ferreira Santana ..... | 140 |



## **PRÓLOGO - TENHO ORGULHO DE SER TAIEIRAS**

Ainda menino, experienciei meu primeiro contato com a cultura popular. Frequentava o sítio de meus avôs paternos, os saudosos Mané de Gino (Manoel José de Santana) e Dona Pureza (Pureza Maria da Conceição), no povoado de Jubiatá, zona rural da cidade de Lagarto-SE. Através de suas narrações, passei a conhecer os encantos e o imaginário das lendas folclóricas, dos contos e todo esse arcabouço que envolve o universo mágico da cultura popular.

Ainda ressoa em meus ouvidos, mais que sobrepujante, a memória da sanfona de vovô em suas participações nos grupos de Reisado e São Gonçalo. Ao acompanhá-lo, descobria-me cada vez mais apaixonado pelas permanências culturais. Com o passar dos anos, percebi que meus avós tinham um largo conhecimento entre os saberes e fazeres da cultura popular. Na farinhada, momento que os meus tios, tias e alguns vizinhos, sentavam para raspar as mandiocas, moer, espremer, assar e ensacar para a consumação e vendagem na feira livre da cidade, e nesse trabalho, minha vovó cantava e, com o sorriso sempre estampado no rosto, meu avô tocava a sanfona para animar os dias quentes e as noites frias da feita da farinha em seu sítio.

Nos anos de 1989 há 1992, tempo que estudei no Colégio Estadual Dr. Evandro Mendes, na cidade de Lagarto, comecei a desenvolver um olhar criativo nas aulas de arte e na obsoleta Educação Moral e Cívica. Era participativo, transmitindo aos colegas os relatos que obtinha dos meus avós, despertando o desejo de intensificar esse saber constantemente, unindo a teoria apreendida à prática vivenciada.

Em janeiro de 1993, já adolescente, tive meu primeiro contato com as Taieiras de Lagarto, no Santuário Mariano de Nossa Senhora da Piedade, durante missa festiva em louvor a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito. Recordo-me, com fervor, que após a missa elas saíram em cortejo pelas principais ruas de Lagarto em direção à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, com louvores, encenações e apresentações das brincantes durante todo o trajeto. Na chegada à praça Manoel Filho de Carvalho, conhecida popularmente como Praça do Rosário, acontecia a apresentação das Taieiras e as louvações aos santos padroeiros, consagrações e coroação da rainha. Depois dos ritos, as imagens de São Benedito

e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos eram colocadas no altar-mor. Essas recordações avultavam com a minha trajetória, como numa relação simbiótica.

Mais adiante, em meados do ano 1997, fui apresentado a Associação das Atividades Folcloristas da cidade de Lagarto (ASFLAG)<sup>1</sup>, criada em 21 de setembro do mesmo ano, com o intuito de legitimar as políticas públicas da cultura popular. Seu fundador foi o saudoso mestre Gerson (Gerson dos Santos Silva), que sempre buscava, de forma contundente, políticas públicas para auxiliar nas dinâmicas das culturas populares na premissa de ofertar vez e voz para a tradição das Taieiras.

A partir desse fato, fui instigado a participar das atividades exercidas pela ASFLAG, conhecendo as histórias e as dificuldades nos grupos, em particular nas Taieiras, entendendo melhor seu significado e sua representatividade cultural para a comunidade lagartense, desde a sua origem, particularidades e a resistência dos brincantes ao seguir atuando e criando novos paradigmas.

**Figura 1** - Pós-apresentação no Desfile Cívico-Cultural de Lagarto, 1960.



Fonte: acervo pessoal de Reinaldo Prata.

---

<sup>1</sup> Ata de Assembleia Geral para fundação, eleição da diretoria e aprovação do Estatuto da Associação das Atividades Folcloristas da Cidade de Lagarto/SE, elaborada no dia 21 de setembro de 1987 (ver em anexo 01).

A cima, umas das fotografias mais emblemática do desfile cívico-cultural da década de 1960, na qual era muito significativa para o mestre Gerson Silva, pois na sua infância, o mesmo vim na zona rural, aonde residia com seus pais.

Mais tarde, em 1998, já trabalhando na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Lagarto, passei a me envolver nas atividades ligadas às manifestações culturais, como saraus, vernissages, fóruns e outras atividades relacionadas às políticas públicas da cultura. Na época do então Centro Cultural Adalberto Fonseca, fui me inserindo em ambientes que proporcionaram um maior contato com as atividades de cunho cultural, incorporando de fato o ofício à minha vida.

Foi em 2000 que conheci o jovem brincante Eder Cláudio Santana (*in memoriam*), entusiasta das culturas populares, que acompanhava o mestre Gerson Silva na jornada de organizar as indumentárias, as cantigas e as danças. Sempre dotado de imersa alegria e determinação, Eder fazia parte da trajetória da ASFLAG até maio de 2023.

Com o passar do tempo, em 2001, ao assumir o cargo de diretor da Biblioteca Municipal José Vicente de Carvalho, passei a ter um contato mais próximo com o mestre Gerson Silva (autoridade folclórica em nosso município) e passei a me incorporar em atividades culturais por ele conduzidas. Nesse período, fui convidado por ele a ser um dos integrantes do grupo folclórico Parafusos em uma apresentação no Colégio Estadual Dr. Evandro Mendes. Todavia, em razão de meu berço religioso, tradicionalmente evangélico e de considerável rigidez em determinados quesitos, e temendo um confronto familiar, resolvi recusar. Os estudos continuaram e, com o passar do tempo, revi minha doutrina e tomei a decisão de me desvincular da crença em questão.

Toda essa narrativa expõe como fui inserido nesse universo cultural e suas ressalvas. Permanecer arraigado nas atividades desse cunho me levava a não me negar à tradição que certamente trazia no âmago da resistência. Dessa forma, propus-me a ajudar o mestre Gerson Silva na organização de documentos e arquivos. Um momento memorável se deu quando a Assembleia Legislativa de Sergipe aprovou e o governo do estado sancionou, na gestão de João Alves Filho, a lei 4.118, de 26 de agosto de 1999, com o reconhecimento da ASFLAG como de

Utilidade Pública Estadual<sup>2</sup>; e a Prefeitura Municipal de Lagarto, na gestão de José Rodrigues dos Santos, sancionou a lei n.º 76, de 07 de junho de 2002, reconhecendo a associação como de Utilidade Pública Municipal<sup>3</sup>.

Foram várias conquistas, prêmios e títulos que o mestre Gerson Silva recebeu pelos serviços prestados as culturas populares. Com toda essa vivência, estiquei meus estudos sobre as Taieiras, uma das suas paixões.

Com a preocupação de garantir o ensino da cultura lagartense, a Prefeitura, por meio da lei n.º 153<sup>4</sup>, de 30 de dezembro de 2004, incluiu no currículo das escolas públicas municipais a disciplina Cultura Lagartense, a fim de diversificar e ampliar os conhecimentos dos alunos de ensino fundamental e médio, enfocando obras dos ilustres filhos e sua cultura popular, recebendo muito a contribuição do mestre Gerson Silva, Angélica Amorim, Sônia Nascimento, André Barbosa, Maria do Carmo Fonseca e entre outros baluartes de nossa cidade.

Precisamente no dia 13 de novembro de 2005, a ASFLAG convocou uma reunião extraordinária com seus associados para discussão e substituição do mestre Gerson Silva do cargo de presidente. Ele estava com dificuldades de locomoção em virtude da severa diabetes que o deixou acamado. Por unanimidade, Maria Ione do Nascimento foi aclamada como presidente<sup>5</sup>, tendo como vice o jovem brincante Eder Cláudio Ferreira Santana.

Mais tarde, ao lecionar a disciplina Sociedade e Cultura no Colégio Nossa Senhora da Piedade, em janeiro de 2007, pude começar a partilhar os saberes sobre as nossas manifestações das culturas populares, além do valor imaterial de grupos como: Taieiras, Parafusos, Batalhão de São João, Samba de Coco, Reisado, Pastoril, Pau de Fita, Chegança, Caninha Verde, Cavallhada e Cacumbi, e da rica gastronomia tradicional: maniçoba, arroz de galinha, ginete, pimentinha, pé de moleque, beiju molhado, tapioca, biscoito de goma, malcasado, bolos de puba, leite, macaxeira, milho e entre outras delicias da culinária tradicional de nossa cidade.

---

<sup>2</sup> Lei n.º 7.432 de 05 de julho de 2012, que revalida o reconhecimento de utilidade Pública Estadual e altera para “Associação das Atividades Folcloristas da cidade de Lagarto”, a denominação da então Associação Folclórica e Lagarto, de que trata a Lei n.º 4.118 de 26 de agosto de 1999 (ver anexo 2).

<sup>3</sup> Lei n.º 76 de 07 de junho de 2002, que reconhece de utilidade pública a “Associação das Atividades Folcloristas da cidade de Lagarto” e dá providências correlatas (ver anexo 3).

<sup>4</sup> Lei n.º 15 de 04 de dezembro de 2004, que inclui no currículo das escolas públicas municipais a disciplina Cultura Lagartense e institui providências afins (ver anexo 4).

<sup>5</sup> Ata de Assembleia Geral extraordinária do primeiro aditivo de alteração do estatuto social da Associação das Atividades Folcloristas da Cidade de Lagarto/SE, bem como, nomeação de nova presidente, elaborada no dia 13 de novembro de 2005 (ver em anexo 5).

O saber dos nossos mestres das culturas populares e não posso esquecer-me dos artesanatos de barro, palha, bordados de ponto cruz, cheio e vazado, retalhos de pano e madeira que recriavam objetos e brinquedos populares em nossa infância, além do patrimônio arquitetônico estampado em nossas igrejas, casarões e prédios abandonados, que lutam contra o tempo e resistindo ao descaso das políticas públicas para a cultura.

Estive por duas vezes como diretor de Arte e Cultura no município de Lagarto, nos anos de 2005 e 2017, oportunidade essa que fiz, um trabalho em parceria com os mestres, artistas, produtores e fazedores da cultura local. Nesses encontros, reuniões, conferências e fóruns, reafirmei minha colaboração e meu incentivo para continuar colocando em prática as políticas públicas para a cultura, fazendo um elo de ligação entre o legislativo, executivo e a sociedade civil.

Em um dia nublado de 5 de novembro de 2007, numa segunda-feira, recebo a notícia da morte do mestre Gerson Santos Silva (1946–2007). Nós, estudiosos das culturas populares que tínhamos uma aproximação especial com o mestre, sentimos profunda dor, sabendo que com ele estava indo uma parte do conhecimento dos saberes e fazeres populares Lagartenses.

Com a mestra Maria Ione, sucessora do saudoso mestre Gerson Silva, sempre demonstrei minha dedicação em prol das culturas populares, revigorando o desejo de absorver a troca de saberes com a presidente da ASFLAG, mulher forte, determinada, respeitada pelas brincantes, atuante e voltada para a tradição do coletivo, significando seus afazeres e atribuindo responsabilidades aos demais que, indubitavelmente, agiam para a compreensão e interação do grupo.

## INTRODUÇÃO

Diante do explanado, emergiu de forma latente o desejo de me aprofundar nas histórias das Taieiras de Lagarto, razão pela qual passei a me dedicar ao tema. Com o intuito de aliar os estudos culturais para contribuir com as discussões e dispor de uma melhor compreensão sobre as intercessões da prática em si, seu legado e significado no processo histórico de sua continuidade no cenário das manifestações culturais, trago, por meio de recortes biográficos, um determinado tempo da vida dos brincantes, momentos vivenciados e sua participação ativa nas Taieiras, suas vivências e a resistência na constituição desse cenário histórico, cultural e político.

As questões a serem explanadas basicamente giram em torno do que foi efetivamente preservado das práticas originais e essencialmente fundante dessa manifestação cultural e do que foi alterado ao longo de sua existência. Como a estética e o formato de apresentação das coreografias e das danças exibidas pelas Taieiras sofreram ou receberam tendências e/ou influências de sua contemporaneidade? Em que as biografias podem contribuir para a compreensão de sua história? O que devemos considerar e compreender dentro dos limites do sagrado e do profano exalado e propalado pelos grupos praticantes e mantenedores dessa manifestação?

Essas questões estarão no foco deste estudo, visando refletir a influência das relações dos processos identitários das Taieiras de Lagarto, bem como esboçar um quadro compreensivo sobre a importância das memórias e vivências relatadas através da oralidade, demonstrando sua afetividade com suas experiências com as Taieiras.

Para atingir o objetivo proposto e as discussões centrais desta pesquisa, fundamentei-me nos estudos de teóricos como Dosse (2015), Canclini (2013), Arfush (2010), Dantas (2013) e Manetta (2021), entre outros autores de considerável relevância em meu campo de estudos.

Logo, esse trabalho qualifica-se como um estudo de caráter explicativo e abordagem qualitativa, a qual, segundo entendimento, é “aquela que privilegia a análise de micro processos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, é caracterizada pela heterodoxia no momento da análise” (MARTINS, 2004, p. 289) das informações e detalhes

obtidos no processo construtivo e investigativo da pesquisa. A estratégia adotada nesse estudo tem base na pesquisa de método (auto)biográfico, em que, segundo Abrahão (2004), o sujeito se desvela para si e se revela para os outros, como uma história autorreferente carregada de significado.

No método autobiográfico, segundo o autor, a subjetividade é atribuída como um valor de conhecimento, dado que a realidade é lida do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado, ao passo que a interação pessoal é densa e complexa. No entanto, é a ausência de objetividade que, aliás, difere o método biográfico das metodologias quantitativas e experimentais.

Metaforicamente, é assim que ocorre com a pesquisa científica, em que as leituras são organizadas e a direção é encontrada com ajuda do orientador na pesquisa. Para tanto, a abordagem qualitativa traz o universo dos significados do mundo real e a subjetividade do sujeito como algo indissociável e indivisível, que não podem se restringir a um quantitativo em números. Conforme ressalta Gil (2009, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos”.

Evidentemente, nossos relatos estarão carregados de informações, percorrendo constantemente oralidade e memória para explicar e reforçar fatos que consolidaram determinadas vivências, práticas, cânticos, coreografias e vestes, entre outros. Ao passo em que a metodologia vai também extraindo resultados obtidos nas informações necessárias para a (re)construção do ideário, historicidade e simbologia dessa prática cultural por meio da nossa narrativa sobre ela.

Por fim, este trabalho apresentará três capítulos. O primeiro descreve uma conjuntura da cidade de Lagarto, situada no centro-sul de Sergipe, onde desvela a história e sua geografia, contextualizando a importância dos nomes das culturas populares, trazendo algumas de suas personalidades e retratando o folguedo Taieiras, com seu enredo e resistência, seu contexto religioso, o trajeto e suas peculiaridades quando se trata do território lagartense.

O tema, portanto, é apresentado por meio de um apanhado sobre as Taieiras, seus primeiros registros e suas principais localidades. Manetta (2021) refere-se ao território como espaço geográfico que compõe relações e redes de compartilhamentos de pertence identitário, memórias afetivas numa autoafirmação. “Um saber dinâmico e atualizado gera processos de subjetivação ligados a uma autoafirmação existencial que se opõe à opressão das relações capitalistas”

(MANETTA, 2021, p. 83). Assim, imaginar esses círculos de cooperação que contribuem entre si para a dinâmica da coletividade, para saberes e fazeres das manifestações populares vivas nesse território, preservando seu patrimônio imaterial e cultural faz com que Lagarto, Cidade Ternura, carinhosamente chamada de capital do Interior, torne-se primogênita neste estudo de pesquisa.

O Capítulo 2 traz, em sua essência, o cerne da pesquisa: as Taieiras. Intitulado pelo fragmento do refrão de um de seus louvores — “Taieiras, Ah! Jesus de Nazaré...” —, foca na abordagem historiográfica contida por embasamentos teórico-sociais e identitários, desde o processo de sua construção, resistência e permanência da manifestação em louvação a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Em seu texto, Dantas (2013) discute como os grupos de Taieiras no Estado de Sergipe passaram a manipular os conceitos já assimilados de folclore e parafolclore utilizados por pesquisadores de orientação folclorista, refletindo diretamente em seu comportamento e produto. Sempre preocupados em registrar fatos “tradicionais”, “originais” e “antigos”, as limitações das pesquisas “folclóricas” quase sempre acabam por influenciar a interação social das comunidades e sua dinâmica cultural, gerando hierarquias não antes pensadas e até recriações culturais. Como todos os grupos estudados são classificados ou se auto classificam a partir desses conceitos, justificam-se, então, seu esclarecimento e definição.

Para tanto, o Capítulo 3 reunirá, por meio das narrativas, as memórias vivenciado por mestres, mestras e brincantes, validando todo o teor da pesquisa, focado na resistência e devoção. Uma das formas mais produtivas e enriquecedoras de se conhecer uma área do conhecimento é desenhar a sua história, mostrando como foram delineadas as suas formas pelo tempo e de que maneira o inevitável novo alterou sua pedra fundamental para ampliar sua crônica (QUEIROZ, 2003). Desta forma, as Taieiras de Lagarto-SE trazem a necessidade de se validar como um grupo nas culturas populares. O âmago deste trabalho baseia-se, a priori, nos relatos efetivos da mestra Maria Ione do Nascimento e suas conversações com o mestre Gerson Silva (*in memoriam*), nas narrativas de Eder Cláudio Ferreira Santana (*in memoriam*) e nas memórias vivas das brincantes, atrelados à minha vivência, que buscará explicar de que forma o grupo sofreu e sofre influências, para a compreensão de como a referida manifestação tem grande impacto e é muitíssimo apreciada culturalmente, além de ser símbolo de grande resistência nos dias atuais. Ê, ê, ê... Colônia africana, todos venham ver, Taieiras!



## CAPÍTULO 1 – LAGARTO: ENTRE CORES E FITAS

Na principal entrada da cidade, o símbolo representativo de um lagarto condiz com o nome, localizada no estado de Sergipe, região nordeste do Brasil, é tida como um dos maiores municípios do interior, com cerca de 101.579 mil habitantes, de acordo com dados do IBGE de 2022. Situada na região centro-sul do estado, limita-se ao norte com cidades como São Domingos e Campo do Brito; ao sul, com Boquim e Riachão do Dantas; a leste, com Itaporanga e Salgado; e a oeste, com a cidade de Simão Dias.

Entre os 117 povoados que agregam a cidade, destaca-se Santo Antônio, no qual se originou a cidade de Lagarto, onde, como marco, foi construído em 1972 o Obelisco da Cruz das Almas (Figura 2), simbolizando o local de origem da cidade. Há cerca de 143 anos Lagarto foi elevada à categoria de cidade e vem sendo o terceiro maior território de Sergipe, como atesta o IBGE (2001), e uma das maiores populações e economias do estado.

**Figura 2** - Obelisco da Cruz das Almas, 1983.



Fonte: Acervo Floriano Fonseca.

A noção de lagartinidade conforme a Lei nº 321<sup>6</sup> de 05 de abril de 2010, que incluiu no calendário cívico-cultural o “***Dia da Lagartinidade***”, a ser comemorado em 20 de outubro, com pertencimento, políticas, religiosidade e, sobretudo, imortalidade cultural, por meio da qual vem delineando a produção de sua matriz identitária.

Apelidada de “capital do interior”, Lagarto também é conhecida como Cidade Ternura, inspiração para os poetas e amantes da boemia que descrevem, com encanto, a cultura lagartense em versos e rimas, fitas e cores que embreados de seu território e peculiaridades, como descrito na poesia abaixo:

A calma das águas do rio jacaré  
Embalava a terra em teu sono  
E de repente ela despertou  
Querendo despontar.  
Uma pedra batizou e deu o teu nome?  
Surgiu na terra o trabalho do homem,  
Do chão, da enxada na mão,  
Com braço firme querendo te agigantar.  
Manhãs, malhadas, milho, mandioca,  
Seguir rumo ao fumo no roçado,  
Papar a jaca, tanger o gado,  
Laranja brotando e flor de maracujá.  
De pequena vila a próspera cidade,  
Na farta vontade de querer crescer.  
Nasceu Laudelino Freire dando-te orgulho,  
Cresceu Sílvia Romero trazendo-te saber.  
Pintores, pincéis, poetas, poesias,  
Setembro é mais colorido em teus dias.  
Taieiras, Quadrilhas, Cangaceiros, Lambe-sujos,  
Reisado e a roda de babados dos pintados Parafusos.  
Folclore, fama, fibra e força,  
A beleza serena das morenas moças,  
Frutos constantes da tua terra segura.  
Vibra, Lagarto, cheia de glórias  
Que através da tua história  
É esta grandeza envolvida em ternura.  
BARBOSA, (2013, p. 13).

O ilustre professor Assuero Cardoso Barbosa, premiado poeta, é membro fundador da Academia Lagartense de Letras, onde ocupa a cadeira de número dois, também conhecido como “poeta dos becos da boemia”, é autor de livros como Nu e noturno, Tribo, Lua lírica, entre outros.

---

<sup>6</sup> Lei n.º 321 de 05 de abril de 2010, que institui, no calendário cívico-cultural do município de Lagarto, o Dia da Lagartinidade, e da providência correlatas (ver anexo 7).

Segundo Santos e Andrade (1998), Lagarto foi à terceira vila a ser criada na Capitania de Sergipe, pouco tempo depois de São Cristóvão, Santo Antônio e Almas de Itabaiana. E há registros de que sua origem populacional teve seus primeiros indícios no povoado Santo Antônio, mais precisamente, no ano de 1604.

**Figura 3** - Mapa da Sede de Lagarto (Ruas e Divisão de Bairros).



Fonte: Prefeitura Municipal de Lagarto/SE.

A figura acima trata do espaço territorial contemporâneo e seus limites com outros municípios, visto que, nas pesquisas cartográficas, não encontramos registros que datem a sua iniciação territorial. Tratava-se do seu primeiro aglomerado, materializado em pequenas palhoças — onde, posteriormente, seria a cidade de Lagarto. Sendo assim, a ocupação das terras lagartenses remonta a segunda metade do século XVI, quando seu povoado foi crescendo concomitantemente ao surgimento dos engenhos de açúcar e ao plantio de algodão, milho e feijão, até começar a se destacar, de fato, com o cultivo da cana-de-açúcar, bem como na pecuária, caindo assim no gosto dos colonizadores.

Segundo Diniz (1991), devido ao sistema de colonização instaurado no Brasil, em que grandes extensões de terra eram cedidas a pessoas consideradas importantes (geralmente membros de uma mesma família), a sesmária (como eram chamadas essas glebas) era característica o sistema de distribuição de terras no início da colonização.

No caso de Sergipe, esse processo foi reforçado pela forma de produção das atividades econômicas mais importantes, assim como a criação de gado em pastagens naturais e lavouras canaviais, que exigiam uma quantidade considerável de terras.

Há mais de uma teoria em relação à origem do nome “Lagarto”. Uma das versões é relatada pelos autores Santos e Andrade (1998):

Em 1645, por causa de um grande surto de Varíola, sua população foi transferida para a colina do Lagarto, nome atribuído devido a existência de pedras que apresentavam pequenos relevos (marcas de ondas em forma de Lagarto, Teiú). Com a presença de religiosos Carmelitas foram construídos no local um convento e uma capela, e instaladas fazendas, o que deu origem a pequeno núcleo demográfico que posteriormente foi também denominado de Lagarto. (SANTOS e ANDRADE, 1998).

Outra versão atribui o nome da cidade de a uma relação com a família de nobres portugueses, contemplada com uma sesmária, onde o brasão esculpido na fachada daquela fazenda era a figura de um lagarto. Essa informação consta no livro do Banco do Nordeste do Brasil de 1981. Assim, de acordo com Santos e Andrade (1998), em 1679 foi criada a freguesia de Lagarto, sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto, sendo elevada à categoria de vila, e, posteriormente, em 20 de abril de 1880, tornando-se cidade, por força da Lei Provincial nº 1.140.

Considerada terra de grandes manifestações culturais — Parafusos, Taieiras, Reisado, São Gonçalo, Batalhão de São João, Samba de Coco, Ciranda de Roda, Capoeira, Maculelê, Dança do Fogo, Puxada de Rede, Chegança, Caninhas Verdes, Pastoril, Quadrilhas Juninas, Silibrina —, além de ser o torrão de importantíssimos intelectuais, como Sílvio Romero, Laudelino Freire, Aníbal Freire, Luís Antônio Barreto, Aglaé Fontes, Beatriz Dantas, Angélica Amorim, Adalberto Fonseca, Floriano Fonseca, entre outros, Lagarto passou a ganhar destaque por sua relevância nas culturas populares brasileira.

A filósofa Marilena Chauí diz que “a sociedade histórica é aquela que precisa encontrar em si mesma a sua própria origem, não podendo recorrer a princípios naturais divinos e conscientemente racionais para determiná-la”. E ela ainda afirmava que “o mundo é mundo cultural” (CHAUÍ, 1989). Desse modo, pode-se compreender que a cultura acaba retratando o tempo dos acontecimentos, cada época, cada fase com suas características que, posteriormente será contada, contextualizando o que chamamos de história, representada de forma cíclica conforme a Figura 4, que trata de uma exposição no ano de 2022 que não mais corresponde como outrora.

**Figura 4** - Apresentação no Circulando Cultura em Lagarto, 2022.



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Lagarto/SE



Já Canclini (2013) inicia uma discussão, questionando se “híbrido” é uma boa ou má palavra. Não basta que seja muito usada para que seja considerada respeitável. Para ele, o seu profuso emprego favorece que lhe sejam atribuídos significados discordantes. Ao passo em que é transferida da biologia para as análises socioculturais, ganha novos campos de atuação, enquanto perde sua univocidade. Daí que alguns prefiram continuar a falar sobre sincretismo em questões religiosas, de mestiçagem em história e antropologia, de fusão em música, questionando sobre a vantagem, para a pesquisa científica, de recorrer a um termo carregado de equivocidade.

O mesmo autor, em princípio, define hibridização como processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Logo, convém salientar que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridizações e, por essa razão, não podem ser consideradas fontes puras.

### **1.1 Folcloreando**

O termo “folclore” é oriundo de duas palavras anglo-saxônicas — folk e lore — que, juntas, significam “o saber do povo”. Essa nomenclatura foi conhecida pela primeira vez em 22 de agosto de 1846, criada pelo arqueólogo e teórico inglês William John Thomas, denominando o que os ingleses costumavam chamar de “antiguidades populares” ou “literatura popular”, mais tarde vindo a se tornar o conceito, hoje em dia tido como tradicional, que caracteriza a sabedoria ou o conhecimento do povo.

Muitas vezes, o saber não pode ser considerado algo institucionalizado, uma vez que também está baseado na experiência popular e surge de forma espontânea, empiricamente. O folclore é um conhecimento passado, na maioria das vezes, de forma oral, com artes e técnicas aprendidas por imitação ou exemplo. Trata-se de algo enraizado. É pertencimento, algo intrínseco, como parte daquele povo.

Folclore é a cultura é a cultura do popular, tornada narrativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários que se valorizam numa ampliação do emocional além do ângulo do funcionamento racional. A

mentalidade móbil plástica torna os dados recentes, integrando-os na mecânica assimiladora do fato coletivo. (CASCUDO, 1965).

Portanto, conclui-se que a cultura popular é a arte, o saber de um povo, elemento socializador recreativo, indispensável à continuidade da cultura de um povo, possibilitando a preservação dos valores imprescindíveis a uma sociedade. Dessa forma, muitas vezes e em diversas partes do mundo, as pessoas procuram manter firmes as suas tradições folclóricas, mesmo diante das adversidades.

Antonio Gramsci faz uma aguda interpretação da realidade cultural europeia, quando afirma que “o folclore é uma concepção do mundo e da vida do povo, entendido como complexo de classes subalternas e instrumentais que objetivamente se contrapõem as classes oficiais, hegemônicas e dominantes”.

“A cultura popular, segundo Ginzburg, se define antes de tudo pela sua oposição à cultura letrada ou oficial das classes dominante, o que confirma a preocupação do autor em recuperar o conflito de classes numa dimensão sócio cultural globalizante. Mas a cultura popular se define também, de outro lado, pelas outras relações que mantém com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas de acordo com seus próprios valores e condições de vida. É a propósito desta dinâmica entre os níveis culturais popular e erudito, já que a cultura letrada filtra à sua moda os elementos da cultura popular”(CARDOSO; VAINFAS, 1997).

É possível destacar uma quantidade inumerável de festas folclóricas no Brasil, que preenchem extenso calendário nas mais diversas cidades desde o período colonial. Elas ocupam grande parte do tempo ocioso dos moradores, os quais, por vezes, mal acabam de encerrar uma festa e começam os preparativos para a seguinte, estabelecendo laços de solidariedade que contribuem para a formação da identidade do grupo, ajustando-se, simultaneamente, os papéis sociais. Contudo, é importante lembrar que:

[...] no Brasil contemporâneo, muitos intelectuais ditos de esquerda, especialmente no período da ditadura militar (1964-84), insistiram na tese de que as festas populares seriam instrumentos de alienação e controle social, já que o povo envolvido na comemoração, não dava importância aos artifícios políticos voltados à sua opressão (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Nesse caso, afirmar que as festas populares servem somente como instrumento de controle social ou de alienação do povo parece desconsiderar, no mínimo, o processo de formação de nossa identidade cultural.

Na mistura da história, e por décadas, cada uma deixou a sua marca, que se refletiu em nosso jeito de ser, de falar, de contar e no nosso folclore (FONTES, 2003). É perceptível nas imagens 5 e 6, apresentadas na sequência, que, mais de quatro décadas depois, a permanência da identidade e preservação da manifestação seguem em nosso imaginário coletivo.

**Figura 5** - Apresentação no 26º Festival Nacional de Folclore, em Olímpia-SP, 1980.



Fonte: Acervo da ASFLAG.

**Figura 6** - Apresentação no 7º Encontro Cultural de Lagarto, 2022.



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Lagarto/SE.



No entanto, todo o material produzido é um roteiro de estudos e reflexão, lançando um olhar crítico sobre a cultura do povo, buscando identificá-la nas raízes, como parte de uma análise em relação à organização da sociedade e, em especial, a fazer cultura popular.

Conforme as leituras sobre Dantas (2013), considerando seu trabalho com as Taieiras de Sergipe, depois de ter publicado um livro, apresentou à Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde era uma jovem professora, o projeto intitulado “Levantamento e documentação das manifestações da lúdica folclórica”.

Fazia parte dos programas de extensão universitária, na qual alunos bolsistas, com supervisão de um professor, eram treinados em atividades em vários campos de atuação, como saúde e cultura, entre outros.

Os projetos eram desenvolvidos nos municípios onde a universidade tinha ação extensionista. Desse modo, o levantamento da lúdica folclórica foi realizado em Lagarto, onde atuaram, sob sua supervisão, duas bolsistas — Angélica Maria Vieira de Araújo e Eunice Tavares Dantas —, que fizeram a coleta de informações sobre expressões folclóricas, objetivando mapear as manifestações locais.

Na sociedade brasileira, folclore é um termo que tem muitos sentidos e uma longa trajetória em que se sucedem momentos de valorização e desprestígio do conteúdo que abarca, geralmente definido como expressões tradicionais da cultura popular. Nesse campo de estudo, notabilizou-se a figura do lagartense Sílvia Romero, pelo pioneirismo, pela proposta científicista e pelo registro documental, no final do século XIX.

Com o passar dos anos, o folclore atraiu estudiosos de diversos segmentos, que não se contentavam em conhecê-lo, mas procuravam interferir nos fenômenos estudados, configurando o que Vilhena (1997) denominou de movimento folclórico brasileiro.

A proteção e a restauração de folguedos populares, por exemplo, foi um projeto que se incorporou à prática dos folcloristas, alimentou políticas públicas, deu visibilidade a grupos diversos de brincantes, projetou localidades e líderes e ajudou nas construções identitárias de muitas coletividades, evidenciadas na figura acima, que retrata uma apresentação das Taieiras lagartenses na estância turística de Olímpia, São Paulo, como ressalta Dantas (2018) em sua contribuição à edição número 2 da Revista da Academia Lagartense de Letras, de 2018.

Por assim ser, darei o tratamento qualitativo ao nosso objeto para, com ele, sermos capazes de concebermos os objetos de investigação e pesquisa como próprio investigador:

[...] a realidade estudada como uma construção social e subjetiva, reconhecendo que nossas ações nesse processo estão carregadas de intenções e valores que influenciam nosso trabalho de campo, a coleta dos dados e as próprias análises, e isso constitui uma marca fundamental que diferencia a abordagem qualitativa da abordagem quantitativa, que enfatiza a mediação de fatos e o estabelecimento de relações causais de variáveis. (MARTINEZ, 2012, p. 139).

Segundo Spradley e McCurdy (1975), a modificação cultural pode ser percebida em quatro processos relacionados entre si, a saber: inovação, aceitação social, performance e integração. Baseado nessa relação, Ribeiro (2003) apresenta a mudança cultural como um processo não linear, cuja inovação deve ser aceita pelo chefe do grupo, o novo elemento incluso no processo, sucedendo a performance e resultando na aceitação social e na integração, de forma que todos os processos estejam correlacionados e se influenciando mutuamente.

## **1.2 Salve a cultura popular, salve Nossa Senhora do Rosário e São Benetido**

A cultura popular na Idade Média e no Renascimento, obra de François Rabelais, contextualiza a correlação da cultura e suas vertentes entre a cultura cômica popular e a cultura oficial da Igreja e do Estado feudal (RABELAIS, 1999). Nas palavras de Bakhtin (1996), essa relação é marcada pela seriedade e lança os pressupostos de seu conceito de circularidade cultural.

Para Bakhtin (1996), o fato de a obra rabelaisiana ter essa ligação profunda com as fontes populares permite vislumbrar o seu autor como afastado dos cânones e regras literárias do século XVI. As imagens criadas por Rabelais (1999) acabam por se distinguir em razão de seu caráter não oficial e só são compreendidas considerando-se a cultura popular. A maior parte dos pesquisadores da obra de Rabelais passou por dificuldades para entender e decodificar seus enigmas devido à sistemática do desprezo à fonte popular. O que desperta, dessa forma, sua obra é a expressão e grandiosa referência da cultura popular na literatura.

Portanto, torna-se plausível que a primazia e afinidade de Rabelais pela filosofia do riso e suas virtudes curativas tenham surgido no período de estudo e, a posteriori, na Faculdade de Medicina de Montpellier, na França, onde lecionou, sendo acatadas e difundidas. Assim, com o surgimento das classes e do Estado, a convivência pacífica e igualitária entre as duas expressões — o riso e o sério — dissolveram-se e, lentamente, as formas cômicas foram se transformando, de não oficial a expressão popular traduzida para o contexto da cultura popular.

Bakhtin (1996) aborda o histórico do riso em períodos distintos (Idade Média, Renascimento e nos séculos XVII e XVIII). Esse é o momento mais significativo de sua obra para a compreensão do conceito de circularidade. Assim, merece destaque como ele delineia essa historicidade.

Para Bakhtin (1996), nas existências primitivas, anteriores ao regime de classes e do Estado, os aspectos sérios e cômicos eram considerados igualmente sagrados. Ainda dentro da perspectiva do autor, a cultura popular é vista a partir da inversão de valores sociais, em que a forma da cultura oficial é recriada a partir de novos valores.

Uma característica importante em suas pesquisas é a definição do conceito de cultura oficial produzida pelo avesso, o que torna imprescindível salientar a importância, em princípio, e compreender a influência da cultura cômica popular na obra de François Rabelais, “seu porta-voz na literatura”. Logo, estabelecer os alcances da pluralidade das manifestações da cultura popular.

Segundo ele, as múltiplas manifestações dessa cultura podem subdividir-se em três grandes categorias: as formas dos ritos e espetáculos (festejos carnavalescos, obras cômicas representadas nas praças públicas, etc.); obras cômicas verbais (incluindo as paródicas), tanto ao se tratar da natureza oral quanto escrita, seja em latim ou em língua vulgar; e das mais diversas formas e gêneros do vocabulário familiar, até o mais grosseiro.

Todas essas características da cultura popular da Idade Média e do Renascimento, que vão convergir com a mediação do gênero de François Rabelais, estão permeadas pelo princípio da vida material e corporal. Isso significa um aviltamento para o plano material e corporal de todas as coisas. A esse fenômeno estético, Bakhtin denomina de realismo grotesco. Nas palavras do autor: “O traço marcante do realismo grotesco é o rebaixamento, isto é, a transferência ao plano

material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato”.

Bakhtin (1996) procura resgatar não somente a essência do realismo grotesco na cultura popular na Idade Média e na literatura do Renascimento, como também a “verdadeira” face da poderosa obra de François Rabelais. Foi no final do século XVIII e início do século XIX, quando a cultura popular tradicional estava começando a desaparecer, que o “povo” (o folk) se converteu em tema de interesse para os intelectuais europeus.

Os artesãos e camponeses decerto ficaram surpresos ao ver suas casas invadidas por homens e mulheres com roupas e pronúncias de classe média, que insistiam para que cantassem canções tradicionais ou contassem velhas histórias. Novos termos são um ótimo indício do surgimento de novas ideias, e naquela época se começou a usar, principalmente na Alemanha, toda uma série de novos termos.

Já Burke (2010) aponta que a noção de cultura popular é problemática. Existiam muitas “culturas populares ou muitas variedades de cultura popular — é difícil optar entre as duas formulações porque uma cultura é um sistema de limites indistintos, de modo que é impossível dizer onde termina uma e começa outra”.

As concepções por trás do termo “canção popular” são expressas vigorosamente no ensaio premiado de Herder, de 1778, sobre a influência da poesia nos costumes dos povos nos tempos antigos e modernos. Seu principal argumento era que a poesia teve outrora uma eficácia posteriormente perdida enquanto, para os gregos e outros povos, eram tidas como ação viva e divina.

A sociedade histórica é aquela que precisa encontrar em si mesma sua própria origem, não podendo recorrer a princípios naturais divinos e conscientemente racionais para determiná-la — “terá que encontrar dentro de seu no mundo das práxis” —, afirmando ainda que em fins do século XVIII e início do XIX ocorreu a redescoberta da cultura popular, definida dessa forma por oposição à cultura erudita.

Por essa perspectiva, Albuquerque Júnior (2011), destaca que em grande parte do século XIX “a noção de cultura recobria a produção de formas e matérias de expressão pertencentes apenas às elites das sociedades ocidentais”. Ser culto era ter o espírito cultivado, possuir uma formação escolar, ser letrado. Nessa concepção, alguns grupos sociais tinham cultura, e outros não. Ter ou não cultura era motivo para o estabelecimento de uma hierarquia que alijava a maior parte da

população de qualquer atividade política organizada e do direito de participar do governo. Ainda conforme o ator, a partir do interesse pelo que produz o povo — desde que este não tenha o novo rosto assustador do morador da cidade, dos subúrbios das cidades industriais, do operariado, das classes perigosas —, nascem as ciências do folclore. “A cultura popular nasce, assim, como um conceito elaborado pelas elites letradas para se apropriar e fazer delas mote para uma cultura nacionalista ou regionalista.” Muniz afirma que Sílvio Romero foi um dos pioneiros no uso da cultura popular, até para se colocar contra as elites governantes, adotando o lado do marginalizado povo para denunciar a própria marginalização das novas gerações emergentes no seio das camadas dominantes e médias, que não encontravam espaço no aparelho estatal.

Os ecos dos estudos europeus chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX. Assim como Albuquerque Júnior (2011) e Cortês (2000) concorda que Romero é considerado o pai e fundador dos estados que abordam o folclore no Brasil e, por meio de seus trabalhos, contribui de forma eficaz na mudança das pesquisas realizadas no país, ao fazer críticas, às vezes contraditórias, a uma produção romântica na literatura brasileira, impregnada pela influência de movimentos na Europa.

O trabalho de Romero (1862), ancorado no mito das três raças no Brasil, reuniu vasto material sobre o povo brasileiro, que ele próprio definia como mestiço, fruto da confluência racial. Mesmo após a ampliação dos estudos que procuraram diversificar o campo de atuação dos folcloristas, ainda hoje se encontra resistência à civilidade do folclore. Tudo que se relaciona à cultura erudita, à escolarização e principalmente à cultura de massa é considerado como ameaça ao folclore: “ampliação dos meios de comunicação e a chegada da Educação com os conteúdos dispostos em disciplinas rígidas quebrariam o isolamento de grupos rurais e determinariam o fim da cultura local e consequentemente das tradições populares”.

Para Ortiz (1994), mesmo diante de tanta diversidade, “a noção de cultura popular enquanto folclore recupera invariavelmente a ideia de tradição, seja na forma de tradição, sobrevivência ou na perspectiva de memória coletiva que dinamicamente, no mundo das práxis”. Afirma ainda que foi entre o final do século XVIII e início do século XIX que ocorreu a chamada redescoberta da cultura popular, sendo definida dessa maneira por se opor à chamada cultura erudita.

Canclini (2013) foca sua atenção nos papéis dos agentes sociais envolvidos na construção dos produtos culturais ditos cultos, populares ou massivos (aqueles ligados à produção da indústria cultural) e suas relações com a modernidade. Para tanto, apresenta as estratégias de diversos setores, entre os quais os artistas, os literatos, os museus e as disciplinas sociais (especialmente a antropologia e a sociologia).

Segundo o autor, a mídia e as classes políticas e culturais abordavam tradicionalismo e modernidade reforçando a ideia de uma longa história em construção da cultura híbrida na América Latina, em sinonímia com a modernidade e pluralidade, e o antagonismo entre as relações hegemônicas e subalternas, tradicional e moderno, popular e massivo.

## CAPÍTULO 2 – TAIEIRAS, AH! JESUS DE NAZARÉ...

Estandarte

O estandarte, a força, a arte, abertura  
à frente do cortejo, às vezes no meio no final,  
sempre dançando em tudo que é canto.

São Benedito lá no alto sendo erguido  
por uma Taieira que se enche de amor e paz.  
São Benedito também cantou espalhou o amor.

São Benedito e a força de vir de ir de dançar  
e rodar mostrar o mundo a alegria a força  
de cantar de chegar em só ritmo.

Oh Taieira ao vento ao tempo momentos diferentes  
vem de uma força única e direta numa pisada  
que puxa risos, gargalhadas firmes.

Oh Taieira, você lá na praça e a energia que vamos embora,  
mas com uma força que vemos carregar  
para sempre nossos risos,  
fazem parte do que aconteceu  
ou que vai acontecer comigo  
e com você te espero na próxima apresentação  
as cores serão as mesmas a magia será eterna.  
NASCIMENTO (1998)

Este capítulo, em especial, discorre sobre como o grupo das Taieiras, além de narrar alguns de seus passos, com suas particularidades. Acima o poeta Celso de Jesus Nascimento, descreve poeticamente sua vivência que teve na adolescência com o grupo Taieiras, demonstrando a sua fé a São Benedito, as cores e energia que contagiou sua identidade cultural.

Por se tratar de um reflexo da sociedade, os comportamentos — suas vestes, atuações, instrumentos, os louvores com a inserção de cânticos religiosos — trazem belíssimas imagens das nossas Taieiras, entre elas a saudosa Josefa de Jesus Santos, representada na figura 7, inspiração para sua filha Olivete Maria de Jesus Santos, 64 anos e quase 21 anos como brincante ativa das Taieiras, contextualizando-as e enfatizando a devoção por São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, bem como a ligação entre as gerações de fé.

**Figura 7** - Saudosa Dona Josefa, Taieira mais antiga, em carro alegórico durante o Desfile Cívico-Cultural de Lagarto, 2010.



Fonte: Acervo da ASFLAG.

É possível perceber contradições ao descrever a história e a tradicional cultura das Taieiras, seja na descrição da origem ou de suas características, que se distinguem de um local para outro, mesmo concentradas nas dimensões do estado de Sergipe. É a clareza dessas contraposições, na elaboração de um material elucidativo sobre essas dinâmicas, que se pretende apresentar neste estudo.

Conforme Moraes Filho (2002, p.69):

Em Lagarto, no estado de Sergipe, os registros datam de 1882, por Silvio Romero, no qual relata suas cantigas e fala sobre a grande importância das Taieiras, que exercia durante os cortejos e celebrações na festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Os brincantes comemoravam em 06 de janeiro, no qual se comemora a festa de Santos Reis, não na data festiva de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. (MORAES FILHO, 2002).

Dessa forma que a resistência em louvar e participar das Taieiras, fortalece a sua continuidade, são relatos orais que podemos ver e vivenciar durante toda a construção das entrevistas, relatos orais de cada componente.



## 2.1. Quem é aquele santo que vem no andor? É São Benedito com nosso senhor...

Muitas autoridades civis e eclesiásticas não viam com bons olhos os “ajuntamentos” e festas dos africanos. A proibição dos reisados no Compromisso de 1842 foi motivada pelo bispo do Rio de Janeiro que, em linhas gerais, seguia o movimento de romanização da Igreja Católica Brasileira. O Compromisso de 1842 foi construído com negociações não só entre os irmãos, mas também entre o grupo do pardo Miranda Ribeiro e o referido bispo.

A devoção e os louvores firmavam sua crença em um santo negro que intercedia por todos, sinalizado na Figura 8. Era tradição nas Irmandades do Rosário e São Benedito realizar eleições de reis e rainhas, que personificavam e presidiam as festividades em homenagem aos santos de devoção. Além de serem figuras às quais a comunidade negra se reportaria para resolver suas questões internas, eram respeitadas pelos escravistas (MAMIGONIAN, 2005).

**Figura 8** - Escultura em madeira de São Benedito, séc. XIX.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O Compromisso de 1842 tentou quebrar a tradição do Reisado. As inversões culturais com reis e rainhas pretos representavam uma ameaça à ordem pública,

principalmente quando esses indivíduos assumem autoridade sobre a comunidade negra. Mesmo contra o regimento de 1842, houve festa do rei de noites consecutivas em 1843. A Câmara Municipal de Desterro, em seu código de posturas, proibiu os reisados três anos após o novo Compromisso: “Ficam proibidos [sic] d’aqui em diante os ajuntamentos de escravos, ou libertos para formarem batuques; bem como os que tiverem por objetivos os supostos reinados africanos, que, por festas, costumam fazer”.

A proibição dos reisados era parte do movimento ultramontano de moralização do catolicismo devocional brasileiro. No caso da Irmandade do Rosário e São Benedito de Desterro, incluiu a presença de jesuítas a partir de 1843 e culto ao Sagrado Coração de Jesus nos anos seguintes.

A relação entre irmãos e jesuítas aparentemente era boa até se deteriorar, em 1847. Por influência dos jesuítas, foi iniciada na Igreja do Rosário e São Benedito a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Muitos irmãos da Irmandade do Rosário e São Benedito foram contra. Como parte da reforma ultramontana, o objetivo dos jesuítas era combater o catolicismo de devoção baseado em santos e, como estratégia, estava a colocar a estátua do Sagrado Coração de Jesus em uma das laterais da igreja.

Alguns irmãos reclamaram que a colocação da estátua diminuiria a devoção à Virgem Maria. O mordomo da Irmandade leu uma carta dos padres em uma das reuniões. Segundo Ferdinand Azevedo (1982–1983, p. 59), constava na carta a afirmação feita pelos padres de que “este ataque contra a localização da estátua era, de fato, contra os padres, querendo que eles saíssem da Igreja”.

Os principais setores do governo na província se localizavam no Largo da Matriz: a Câmara Municipal, a Igreja Matriz e o Palácio do Governo. O Largo também era espaço de comércio em barracas e quitandas. Era um local onde pessoas livres, escravizados e forros poderiam vender peixes, frutas e verduras para a população local, marinheiros e viajantes diversos.

Essas barracas e quitandas eram contestadas desde o ano de 1832. O jornal *O Catharinense*, cujo dono era o maçom Jerônimo Francisco Coelho, denunciou o aspecto dos africanos que vendiam o peixe e diversos outros produtos nas quitandas, solicitando a demolição, que deveria ser providenciada pela Câmara, visto “o estado de ruína em que se acham, a qualidade de seus moradores (a maior

parte negros e negras quitandeiras) apresenta a quem desembarca na praça, um aspecto bem triste e ridículo”.

O jornal representava também a Sociedade Patriótica Catarinense, fundada por Jerônimo Coelho e opositora às barracas e quitandas. Na Ata da Sociedade de 1832 consta uma solicitação feita pelo maçom Patrício Antônio de Sepúlveda Everard à Câmara Municipal de Desterro.

Ele era filiado à Loja Maçônica Esperança de Niterói (1822) (BARATA, 2002), provável loja originária de Jerônimo Coelho. Solicitava-se, em suas palavras, a demolição das “barracas instaladas em frente da praça, acabando-se enfim com esta guarida de vagabundos e escravos vadios”.

Em contrapartida, deveria ser feito um novo trapiche, um arvoredado para servir de passeio público e “uma banca para a venda do peixe das citadas barracas”. O governo da província (1838) autorizou a construção de uma Praça de Mercado, que deveria ficar entre as ruas do Livramento e Ouvidor, em terreno da Marinha, fora do Largo da Matriz, o qual foi concluído em 1851 (GARCIA, 2006).

Nesse contexto, de um lado estavam os maçons da Sociedade Patriótica, que desejavam instalar as barracas e quitandas fora do perímetro urbano; do outro, os comerciantes, que defendiam a permanência das barracas e quitandas no Largo da Matriz. A motivação dos comerciantes em defesa da permanência se deu pelo fato de temerem perder freguesia com a retirada das barracas e quitandas.

A visita de Dom Pedro II e do bispo do Rio de Janeiro (1845) levou a Câmara de Desterro a adotar medidas que iam ao encontro das solicitações da Sociedade Patriótica. O centro urbano foi higienizado e as barraquinhas foram removidas para as proximidades do Largo Santa Bárbara, junto à Ponte do Vinagre, fora do perímetro urbano (voltaram ao local de origem no ano de 1846) (GARCIA, 2006).

Nesse mesmo ano, foi reforçada a perseguição aos ajuntamentos de africanos. As Posturas Municipais passaram a estabelecer limites aos escravos e forros quanto à permanência nas casas comerciais, com multas àqueles que as descumprissem.

As barracas e quitandas eram locais de encontro da comunidade africana e, portanto, de afazeres dos irmãos do Rosário e São Benedito.

Os escravos e forros se encontravam para trabalhar, conversar, cantar, tocar e dançar, beber e comer, fazer compras ou vender produtos. Observa-se, pois, que as Posturas afirmam:

“Todo vendeiro que consentir dentro do armazém, taberna ou casa de quitanda, vadios, escravos, por mais tempo do que o necessário para a compra ou venda, ou consentir nas ditas casas de negócio, quitanda ou as suas portas ajuntamentos deles, toques, danças ou quaisquer vozerias, será multado em 10\$000 pela primeira vez, 20\$000 réis pela segunda e em 30\$000 pela terceira, ou tantos dias de cadeia quanto forem os mil réis de multa pecuniária” (DIAS, 2020).

Nota-se que o mecanismo de controle da população africana, pelo policiamento, em lugares públicos teve início com a criação de um corpo de guardas voluntários em Desterro (1831), substituídos por uma força policial estatal em 1835. As funções dessa força policial era: 1º - prender os criminosos em flagrantes, 2º - dispensar os ajuntamentos de escravos e de quaisquer pessoas que com eles estejam de mistura, empregando a força se necessário (GARCIA, 2006, p. 130). A força policial era imbuída de dispersar os escravos, retirando-os dos agrupamentos, em uma tentativa de extinguir qualquer organização grupal.

Um dos primeiros decretos da Assembleia Legislativa reitera o preconceito da época de que os escravos e forros eram promíscuos e sujos, e indica a proibição dos ajuntamentos (por volta de 1835): “Fica proibido, depois de anoitecer, todo o ajuntamento nas praças, ruas e estradas de quatro ou mais escravos ou libertos africanos, sós ou promiscuamente. Os que assim forem encontrados serão presos e punidos”.

Havia leis, posturas e políticas contra qualquer tipo de organização africana, com exceção da permanência em uma irmandade, o que fazia com que essa instituição fosse central na organização política e social africana. Entre os pretos da Irmandade, destaca-se o forro Francisco de Quadros, da Nação Benguela, como provável pivô da filiação da Irmandade ao Partido Conservador nas eleições. Era um dos quitandeiros prejudicados, pois possuía uma quitanda perto do Porto, provavelmente no Largo da Matriz. Era parte de uma rede social africana maior, visto ser “dono de escravos, padrinho de outros africanos e compadre de crioulas, que escolheu por padrinhos de seus filhos homens e mulheres livres sem o estigma da escravidão, casado com uma crioula” (MORTARI, 2007, p. 187). Sua influência

na comunidade escrava e forra pode ser medida pelo grande número de afilhados que tivera, em torno de 27 — desses, apenas dois eram forros. Francisco de Quadros ocupou o cargo de juiz da Irmandade nos anos de 1845, 1848, 1850 e 1852. Foi também irmão da mesa por doze vezes e procurador da Irmandade em 1841, 1842, 1843 e 1846 (DIAS, 2008).

A relação entre pretos da Irmandade e comerciantes locais fica mais clara quando se analisam os cargos honoríficos da Irmandade e se identificam os escravistas que pagavam joias para seus escravos. Desses, a maioria era da família Livramento, base do Partido Conservador, também chamado de Partido Livrametista (1847). A família Livramento era uma derivação da família Costa, oriunda do casal Tomás Francisco da Costa (1729–1796) e Mariana Jacinta da Vitória (1729–?<sup>7</sup>), ambos açorianos nascidos nas ilhas do Faial.

Nesse contexto, o sobrenome Livramento teria sido adotado por parte da família por devoção a Nossa Senhora do Livramento. Outros conservadores eram homenageados e ocupavam cargos na irmandade africana, tais como Manuel Joaquim de Almeida Coelho (1792–1871), João Francisco de Souza Coutinho e o padre Joaquim Gomes d'Oliveira e Paiva. Nenhum partidário liberal foi encontrado (DIAS, 2008).

Um dos cargos mais ilustres da Irmandade era o de juiz por devoção. O compromisso de 1842 não especificava suas atribuições. É possível, contudo, analisá-lo como sendo semelhante a um apadrinhamento da instituição, uma homenagem àqueles que contribuía com a Irmandade. Pagava-se joia pelo cargo (caridade). Pode-se pensar em sua designação como estratégia política dos irmãos em agraciar a quem contribuía econômica e politicamente em favor da instituição, assim como a caridade ou o pagamento de joia pelos senhores escravistas não era considerado somente ato de piedade; poderia ser uma maneira de agregar valor econômico ao escravo, tornando-o ladino e manso.

As referências a esse cargo aparecem sempre nos momentos em que se está tratando das eleições, por se tratar de cargo eletivo. Não é possível saber se havia um critério claro para a eleição do(a) juiz(a) por devoção. O que se percebe é que escolhiam sempre pessoas diferentes e influentes. Na maioria, eram militares, comerciantes, funcionários públicos e padres. Com o domínio dos pretos sob a

---

<sup>7</sup> Não foi possível identificar em registros históricos a data de óbito de Mariana Jacinta da Vitória

Irmandade após 1842, alguns partidários conservadores receberam o título de juiz por devoção, demonstrando a relação entre os pretos da Irmandade e os conservadores.

O capitão Domingos Luís do Livramento foi eleito juiz de devoção de Nossa Senhora do Rosário em 1844. Uma das poucas pessoas a ser escolhida mais de uma vez foi o militar e futuro major Manuel Joaquim de Almeida Coelho Sobrinho (1846, 1848 e 1851). Ele foi eleito na eleição provincial de 1847 e tinha, na administração provincial, o cargo de juiz de capelas e resíduos. Era o funcionário da administração pública responsável pelo bom andamento das igrejas, cultos e irmandades, ou seja, tinha influência direta sobre a administração da Irmandade. Foi também diversas vezes tesoureiro (1845, 1851, 1854) e, por muitas vezes, sua assinatura é encontrada nas atas. Sua presença na Irmandade pode ser averiguada entre os anos de 1841 e 1854. O seu cargo o tornava influente em todas as irmandades. Era filiado ao Partido Conservador (DIAS, 2008).

Outra pessoa homenageada com o título de juiz por devoção é o conservador João Francisco de Souza Coutinho, conhecido por compor e tocar músicas sacras e profanas. Nota-se que, apesar de ser filiado ao Partido Conservador, pertenceu à Sociedade Patriótica entre os anos de 1831 e 1836 — logo, antes da ruptura na elite política local, em 1846–1847. O nome do padre Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva aparece diversas vezes nas atas da Irmandade. Esse filho de comerciante português estudou no Seminário São José, na Corte. Em 1843, abriu um colégio de ensino secundário em Desterro e, entre 1844 e 1849, foi vigário na Freguesia de São José. No período eleitoral e depois, tornou-se ferrenho opositor dos jesuítas, aparentemente por terem apoiado os liberais (DIAS, 2008).

No livro de atas da Irmandade do Rosário, pode ser identificada a presença dos escravos da família Livramento. O major João Luís do Livramento aparece como dono de Antônio (1841), enquanto o major e comendador Francisco Luís do Livramento pagou joia ao escravo Pedro (1843). Lá, encontram-se ainda os escravos Caetano do Livramento e Antônio Luís do Livramento, cujo sobrenome indica a família do proprietário (1842). É citado na ata da Irmandade o capitão Domingos Luís do Livramento em 1844 (DIAS, 2008).

Como parte do fazer político próprio da situação escravista, os pretos eram aliados das famílias de comerciantes locais, formadas pelos escravistas mais antigos da ilha, e o caminho para o diálogo foi a convivência na Irmandade. Os comerciantes

queriam manter os africanos e suas barracas no Largo da Matriz, enquanto a direção da Sociedade Patriótica, de maioria maçom, não. A disputa política em torno das barracas e da liberdade de ajuntamento, a presença de jesuítas e de comerciantes locais na Irmandade, e as atividades da maçonaria eram parte da figuração política das eleições de 1846–1847.

Naquela ocasião, pode-se dizer que tudo que remetia ao povo preto caracterizava o “lado mais fraco” da corda, aquele que arrebenta primeiro e que, como diz um velho ditado, “se você não pode com ele, junte-se a ele”. Não havia muitas opções; portanto, sábios eram aqueles que sabiam exatamente a quem se aliar.

## **2.2. Ô dia, ô dia... Dias de tanta alegria.**

Pelo fragmento da cantiga, interpreta-se a força e a alegria da resistência da manifestação da cultura popular. De acordo com FONTES (2003), as Taieiras têm sua origem nos reinados de congos, onde abrilhantavam os festejos de Santos Reis. Os reinados de congos eram tradicionais no período do Brasil-Colônia e tinham como principal objetivo reviver as cerimônias das cortes africanas, simulando, de alguma forma, os cortejos reais daquela época.

A Figura 9 foca na representatividade do hibridismo mencionado por Canclini (2013), retratando a continuação das manifestações culturais e não perdendo sua essência diaspórica, readaptando-se à atualidade. Anteriormente, toda rainha das Taieiras era caracterizada como mulher negra, o que reforçava a menção e subjetiva da ancestralidade de representatividade de reis e rainhas além do Atlântico.

**Figura 9** - Rei e Rainha das Taieiras no 7º Encontro Cultural de Lagarto, 2022.



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Lagarto/SE.

As Taieiras têm em seu repertório musical um dos elementos principais incluídos como parte do amplo “folclore brasileiro”. Como característica geral e em quase sua totalidade, constituem-se de mulheres que dançam e cantam, louvando a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

São vários os estudiosos das culturas populares, segundo Fontes, que apontam para esses fatos relacionados à origem das Taieiras. Com o declínio dos congos, passaram a se apresentar isoladamente, conservando características como a coroação, com a presença de reis e rainhas, utilizando instrumentos de percussão e caprichando no processo de encenação.

Nesse contexto, a igreja cedia o espaço e se integrava à manifestação, em razão da ligação das Taieiras com os santos católicos São Benedito e Nossa Senhora do Rosário (conforme Figuras 8 e 10), ambos padroeiros dos negros.



**Figura 10** - Escultura em madeira de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, séc. XIX.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Ao passo que a relação com os santos católicos confere às Taieiras uma característica religiosa, sua atuação em festas populares e seu repertório musical lhes conferem uma característica profana, de diversão. Explica-se: nem todos os grupos de Taieiras estão atrelados somente às datas festivas do calendário católico. “Festivais de cultura”, “encontros folclóricos” e festas particulares também se tornaram um bom pretexto para as Taieiras se divertirem e conhecerem outras localidades.

Tal vínculo religioso poderia ser observado mesmo nos momentos em que ensaiavam, uma vez que se ajoelhavam em cantoria, louvando o bendito e com outros cantos religiosos que encenam a louvação aos santos. Essas irmandades reuniam os negros e funcionavam mediante permissão de autoridades civis e religiosas do país.



Segundo (DANTAS, 2013), em seu livro *Devotos Dançantes* (2015), agora já sob a denominação de Taieiras, a manifestação folclórica foi registrada no século XIX pelo ilustre lagartense Sílvia Romero.

Baseado nas observações levadas a cabo na sua terra natal, Lagarto em Sergipe, apresenta as Taieiras como mulatas que, cantando e dançando, tomavam parte na Procissão de São Benedito, da qual também participavam rainhas negras e os congos, grupo de homens que encenava uma disputa pela posse da coroa real. (ROMERO, 1959).

Para Dantas (1972, p. 74), como grupo de dançarinas que fazem sua apresentação na festa de São Benedito, as Taieiras foram registradas no passado em povoações alagoanas, sergipanas e, certamente, baianas.

O festejo da Taieira se dá com o decurso dos anos. O dia 6 de janeiro passa a ser sempre salientado na cidade de Laranjeiras, onde se celebra a Festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário por pessoas mais ligadas a rituais tradicionais, nos quais se notam características predominantemente populares.

Uma característica muito comum observada diz respeito ao parentesco consanguíneo entre membros do grupo. Além disso, as relações entre a dirigente do festejo e os participantes do grupo são regidas por princípios de obediência e respeito. Assim, suas decisões são aceitas por todos. E, ao se retirarem, os dançantes/brincantes pedem a bênção à dirigente, uma vez que a chefe do grupo é uma mãe de santo: Bilina.

Convém salientar que, para a organizadora, mesmo com todo o trabalho, é muito satisfatório manter a festa. Para tanto, ela se compromete e se disponibiliza a manter os festejos enquanto viver, pois se trata de uma promessa de sua mãe. Ademais, ela acredita que São Benedito poderá castigá-la caso não o faça (a menos que realmente não possa). Além disso, ela confessa que não abre mão de seu status.

A presença de pessoas adultas no festejo é assegurada pelo relacionamento pessoal e religioso com Bilina. É a ligação com a velha mãe de santo e o respeito que lhe devem como dirigente espiritual que as levam a aceitação dos papéis de guias, rainhas e lacraias. (DANTAS, 2013).

Entre os primeiros registros das Taieiras em Sergipe, estão os trazidos por Sílvia Romero em relatos de sua presença nas festas do ciclo natalino em Lagarto, enquanto Serafim Santiago, grande memorialista de São Cristóvão, traz os relatos

do grupo pelas ruas são-cristovenses, ao passo que Beatriz Dantas enriquece a história trazendo tudo sobre as Taieiras de Bilina, na cidade de Laranjeiras, tornando Sergipe o estado brasileiro mais notório no que se refere às Taieiras, conferindo-lhes a inquestionável cidadania sergipana.

A cidade de Lagarto representa papel bastante significativo na história das Taieiras. Os festejos eram antigamente organizados pelos ancestrais de Rubão (Rubens de Oliveira Rocha, proprietário de uma pensão localizada nas proximidades da feira antigo organizador da festa de São Benedito), que se encarregou de manter a festa e levá-la adiante após a morte de seu pai, estando à frente do tradicional evento por mais de trinta anos, sobre o qual descreveu da seguinte forma:

No segundo domingo de novembro, saíam a zabumba, os jogadores de espada, o organizador do festejo, levando a Figura de São Benedito para pedir esmolas para a festa. Pedia nas casas e no comércio e com esse dinheiro eram custeadas as despesas com fogos, flores, ajuda. (DANTAS, 2013).

As Taieiras na sua maioria são mulheres, com algumas figuras masculinas que acompanham as festividades culturais, em geral, de cunho comemorativo. Esse grupo é composto por no mínimo 24 pessoas, denominadas de brincantes. Esses brincantes são regidos por uma mestra, que os organiza, distribui funções e delega atividades, não havendo limite máximo para sua formação.

Esse grupo conta com duas guias, uma mulher de cada lado, para guiar os cordões, que são justamente o que denominamos de Taieiras, ou seja, os limites da atuação dos brincantes. Eles carregam consigo os querequexés (instrumentos musicais utilizados nas apresentações) e as espadas (normalmente utilizadas pelos capacetes e por algumas Taieiras), como segue a demonstração, de acordo com as figuras 12 e 13.

**Figura 12** - Instrumento de querequexé, 2022.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

**Figura 13** – Espadas em madeiras utilizadas pelas Taieiras e capacetes, 2022.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Em conformidade com a Figura 14, as lacraias se vestem a caráter e se assemelham às Taieiras no que se refere as roupagens. Elas carregam o pálio, que as protege a nobreza do sol ou da chuva. As lacraias acompanham o Rei e a Rainha, durante todo o percurso do desfile cívico-cultural que, por sua vez, se ocupam de acompanhá-los e submeter-se às ordens dessa nobreza.

A rainha também carregava uma coroa; seu vestido era longo e rodado; e trazia em suas mãos um “cetro”. Convém salientar que o príncipe e a princesa eram representados por duas crianças — o menino se enfeitava com um gorro e a menina, com um diadema em sua cabeça.

**Figura 14** - Apresentação do Desfile Cívico-Cultural de Lagarto, 1985.



Fonte: Acervo da ASFLAG.



Contamos ainda com os capacetes, que são efetivamente a guarda real. Eles cumprem a função de proteção e salvo-conduto da nobreza. Para anunciar a chegada da nobreza. Temos o porta-estandarte, que leva o símbolo e a marca do grupo, responsável pela manifestação, conforme a Figura 15.

**Figura 15** - Tocadores e porta-estandarte, Lagarto Iluminado, 2022.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Assim como os tocadores que irrompem o som, executando as melodias e harmonias relativas à apresentação e ao tema cultural proposto por zabumba (portada pelo trovador), caixa e um cantador. Por fim, a baiana, que leva o andor conjunto dos santos católicos. A função central desse grupo é demonstrar o processo histórico e cultural de louvação às santidades em questão: São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

Em conformidade com a Figura 16, as Taieiras usavam vestidos brancos com enfeites de fitas, além dos seus muitos adornos, colares, brincos, pulseiras e chapéu, carregando na mão um querequexé ou espada, enquanto o rei trajava roupa branca e manto vermelho, levando na mão um “cetro”, carregando na cabeça uma linda coroa.

**Figura 16** - Indumentária utilizadas pelas Taieiras, 2021.



Fonte: Acervo da Impact Vídeo e Fotografia

Ainda segundo Dantas (2013), os jogadores de espada era um grupo de homens mulatos, trajando calça escura, camisa branca e boné. Em suas mãos, traziam uma espada que brandiam no ar, comandados pelo capitão-de-campo. O cortejo parava em frente à igreja do Rosário, onde as Taieiras, ao som do tambor, ajoelhavam-se e entoavam o seguinte canto:

*Aqui mim ajuÊiu  
Sinhô taieira  
São Binidito valei-me (bis)  
Com seus devotu, taieira  
São Binidito, valei-me (bis)  
Virgem do Rosário, senhora do mundo...*

Logo após a parada para o cântico, formava-se o cortejo, conduzido pelos jogadores de espada, os reis, as rainhas, o príncipe e a princesa. Em seguida, vinham as Taieiras, e todos se encaminhavam para a Igreja Matriz, onde paravam para assistir à missa festiva. Depois da louvação, as Taieiras se organizavam para dançar, dispostas em duas fileiras, para frente e para trás, girando em torno de si mesmas aqui e acolá, cantando a cantiga de rua apresentada nas casas:

*Ô le le le le  
Que santo é quele  
Ô le le le le  
Quem vem acolá  
Canto*

De acordo como brincante lagartense Rubem, a dança era feita de acordo com a cantiga, e assim entravam madrugada adentro.

*Ô meu são binidito ô lê lê  
Eu não quero mais coroa  
Quero uma tuaia ô le le  
Infeitada em lisboa...*

Os versos nem sempre respeitam a mesma sequência, porém, como retrata Fontes (2003), pela linha melódica, os brincantes sabem exatamente quando é chegada a hora de responder, em coro, o estribilho.



**Figura 17** - Apresentação no Circulando Cultura em Lagarto, 2022.



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Lagarto/SE.

Em harmonia, a Figura 17, reproduzida acima, corrobora a afirmativa da folclorista Aglaé Fontes, segundo a qual uma das diferenças entre as Taieiras de ontem e as de hoje é que os componentes atuais são muito mais jovens, “quase crianças”.

No estudo de taieira, a cidade de Lagarto representa papel significativo, pois foi baseada na descrição da dança aí realizada no século passado que o fato folclórico passou a ser objeto de análise dos folcloristas. Até hoje, são as informações de Sílvio Romero e Melo Morais Filho que servem de base ao estudo dessa dança cortejo. (Dantas, 1972).

Os relatos de Sílvio Romero em *“Cantos Populares do Brasil”* de 1897 e de Melo Morais Filho no livro *“Festas e Tradições Populares do Brasil”* de 1888, que através dessas obras, descrevem minuciosamente as cantigas, modo de vestir, louvar e organizar as comemorações realizada em janeiro nas festas de Reis. Podemos observar a fé, resistência e continuidade nas louvações e como as taieiras contagiam por sua fé nos santos padroeiros: São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

### 2.3. Virgem do rosário, senhora do mundo

Vinculando o subtítulo a mais uma das cantigas tradicionais e ligada às festas católicas, em princípio elas são apresentadas como dança religiosa, sempre para se apresentar na festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, cantando louvores aos santos, seja na igreja ou em frente aos presépios tradicionalmente armados nas casas durante o ciclo natalino.

De acordo com Dantas (2013), as manifestações históricas das Taieiras em Sergipe sempre tiveram esse sentido religioso. Em Lagarto e São Cristóvão, por exemplo, era explícito que as comemorações se davam em alusão aos santos, apresentando-se na igreja e, em seguida, acompanhando a procissão em festejos alusivos aos santos padroeiros dos negros.

**Figura 18** - Apresentação do Natal Lagarto Iluminado, 2021.



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Lagarto/SE.

Com o passar dos anos, as associações religiosas foram perdendo muito da sua importância no contexto do catolicismo, resultando no desaparecimento das irmandades dos pretos e despertando um comportamento negativo por parte dos

padres da época em relação às manifestações populares e tradicionais na religião. Isso contribuiu decisivamente para o processo de desaparecimento das Taieiras por um longo período, conta a história, mais precisamente por meio de Dantas (2013), segundo o qual as Taieiras de Lagarto não persistiram sequer como dança de rua e apresentação em palco, não se secularizando.

A Taieira de Lagarto não persistiu sequer como dança de rua e apresentação em palco, não se secularizou. Há poucos anos, naquela cidade, sob as iniciativas de autoridades locais, promoveu-se a realização da dança no palco, para comemorar um acontecimento cívico. Foi antes uma manifestação idealizada e realizada no seio da classe erudita inspirada no fato folclórico, do que uma tentativa de reviver a tradição da taieira no meio folclórico. Essa experiência não se repetiu. E assim, enquanto o antigo organizador do festejo guarda a esperança de realizá-lo na terra de Sívio Romero. (Dantas, 2013).

No tocante à religiosidade, houve um tempo em que as recomendações pós-conciliares em relação às imagens dos santos foram ponto de atrito entre as autoridades religiosas. Especialmente no caso das lagartenses, no decorrer do tempo as Taieiras reorganizaram-se por intermédio da ASFLAG, retomando suas atividades de cunho religioso e representativo para as brincantes e trazendo à tona a memória subjetiva da importância de sua ancestralidade e crença. Segundo Dosse (2015), “não metem na cabeça que se trata de uma verdadeira criação artística e que notas aos milhares não adiantam nada.

É preciso esculpir a personagem”. Dosse afirma ainda que censura em muitas suas bibliografias excessivamente tímidas, como que protegidas por paraquedas, correias e cintos de segurança, uma vez que a bibliografia é um gênero arriscado e, por isso, deve ficar a cargo da maturidade. O gênero prossegue Dosse, tem exigências peculiares, e muitas biografias de historiadores são, de acordo com ele, falsas-obras eruditas, muito bem documentadas, mas que não chegam a captar a personagem e as deixam sem substância alguma. E finaliza com a seguinte afirmação: “para mim, escrever biografias é um trabalho duro”.

É importante afirmar que a preservação dessas manifestações se faz necessária para a própria pertença indenitária numa sociedade tão estratificada. Diz respeito a se perceber enquanto produtores de cultura numa unicidade entre passado e presente, entre o saber e o ser, entre o estar e o fazer. Pode-se constatar, na figura abaixo, a tradição que genuinamente traz a beleza, não pela indumentária nem pelas danças, tampouco na audição dos louvores. A beleza é

repercutida na alegria, no “riso” destilado, seja brincando, louvando ou fazendo cultura. É assim que esse bem-estar deve ser preservado na comunidade. E é o debruçar desse “riso” que, no contexto histórico, alicerça a manifestação cultural das Taieiras.

Contudo, ocorreram modificações nessa trajetória, sugerindo as transformações por elas sofridas ao longo do tempo e enfatizando seu processo de modernização. Afinal, se desapareceu enquanto manifestação de louvor, com enfoque na fragilização da irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, ressurgiu como manifestação de projeção cultural mais abrangente.

Tais acontecimentos são percebidos em um contexto no qual a manifestação deixou de ser um grupo meramente de etnia negra e passou a contar com a adesão de outras etnias em sua composição basilar e formativa, como demonstrado na Figura 18, em que é possível verificar o colorismo. Esse trabalho é uma produção de caráter predominantemente de recortes auto biográfico, segundo Dosse (2015):

O domínio da escrita biográfica tornou-se hoje um terreno propício à experimentação para o historiador apto a avaliar o caráter ambivalente da epistemologia de sua disciplina, a história, inevitavelmente apanhada na tensão entre seu polo científico e seu polo ficcional. O gênero bibliográfico encerra o interesse fundamental de promover a absolutização da diferença puramente científica-pois, como nenhuma outra forma de expressão, suscita a mescla, o caráter híbrido, e manifesta assim as tensões e as convivências existentes entre a literatura e as ciências humanas. (DOSSE, 2015).

Por mais clara que pareça a lembrança de um acontecimento antigo, não é a mesma imagem vivida na infância, pois a pessoa não é mais a mesma de então, e sua percepção mudou e com ela suas ideias, juízos, realidade e valor.

Por isso a oralidade, pode ser modificada de com o modo de como perguntamos ao indivíduo, pois os relapsos emocionais da memória sofrem alterações, simples fato de recordar-se o passado no presente impossibilita a identidade entre as imagens de uma época e de outra e sugere uma diferença de pontos de vista.

Na imagem abaixo (Figura 19), momento de combate em proteção a nobreza, as guias e taieiras estão conectas numa mesma sintonia de não errarem o compasso da dança, pois suas memórias gravaram cada movimento e sua importância representativa para o apresentação perante o público.



**Figura 19** - Apresentação do 7º Encontro Cultural de Lagarto, 2022.



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Lagarto/SE

### **CAPÍTULO 3 – MEMÓRIAS: Ê, Ê, Ê... COLÔNIA AFRICANA, TODOS VENHAM VER, TAIEIRAS!**

Dosse (2009) afirma que “o recurso à ficção no trabalho biográfico é, com efeito, inevitável na medida em que não se pode restituir a riqueza e a complexidade da vida real”. E o biógrafo deve procurar trazer tudo à luz: desde o tempo e a ambição que o orienta até uma aporia que o condena ao fracasso. Já de acordo com Arfush (2010), o caminho da pesquisa perpassa a indagação em relação à relevância do tema, cujos campos de questões procuram intervir, considerando seus rastros e objetivos, entre outros aspectos. Na medida em que as formas podem ser incluídas no espaço bibliográfico, oferecem uma possibilidade articuladora sincrônica e diacrônica, impondo uma busca genealógica que, sem pretensão de essência ou de verdade, torna inteligível o seu devir atual. Tal busca conduz ao horizonte da modernidade.

A narração da própria vida como afirmação de “si mesmo” parece remeter tanto a esse caráter “universal” do relato postulado por Roland Barthes (1966 a 1974) como à “ilusão de eternidade” que, segundo Lejeune (1975), acompanha toda objetivação da experiência. No entanto, a aparição do “eu” como garantia de uma biografia é um fato que remonta a pouco mais de dois séculos somente, indissociável da consolidação do capitalismo e do mundo burguês. Efetivamente, é somente no século XVII e, segundo certo consenso, a partir das confissões de Rousseau que começa a se delinear nitidamente a especificidade dos gêneros literários autobiográficos, na tensão entre a indagação do mundo privado, à luz da incipiente consciência histórica moderna, vivida como inquietude da temporalidade, e sua relação com o novo espaço social (ARFURH 2010, p. 35).

Retomando ao pensamento de Dosse (2015), diz-se que a biografia não depende apenas da arte. Ela se estende pelas fontes escritas, testemunhos orais, além de ser estribada no verídico, uma vez que se preocupa em dizer a verdade sobre a personagem biografada. Desse modo, o biógrafo pode então extrair o melhor da documentação íntima, uma vez que se encontra o mais perto possível do autêntico, às vezes até alimentando a ilusão de poder restituir inteiramente uma vida.

À maneira do cientista, o biógrafo tem de cruzar suas fontes de informação e confrontá-las para se aproximar da verdade. Segundo Dosse, o biógrafo dispõe da

obra como espelho do biografado. Sente-se tentado a estabelecer uma relação espetacular entre autor e herói (DOSSE, 2015, p. 59). Ainda de acordo com a obra de Dosse (2015), o biógrafo deve ao leitor, acima de tudo, a verdade. E ele vê uma deficiência com relação ao romancista, na medida em que não pode evocar a vida interior de seu personagem. Faltam-lhe as fontes que lhe permitam penetrá-la, ao passo que o romancista sempre dá largas à fantasia.

Em relação à autobiografia, Arfush (2010) afirma que o que constitui a sua especificidade e felicidade — suscitando, através dos séculos, uma paixão ininterrupta — pode estar ligado à temporalidade, que oferece ao destinatário mais que por uma especificidade temática, tornando-a um conceito interessante a ser retido.

Contudo, o falar e o fazer biográfico requerem elementos básicos e sequenciados para a coleta de dados, observação, propriedade histórica, oralidade e escuta. Objetivando os saberes do ponto de vista da cultura, Canclini (2013) foca sua atenção nos papéis dos agentes sociais envolvidos na construção dos produtos culturais ditos cultos, populares ou massivos (aqueles ligados à produção da indústria cultural) e suas relações com a modernidade. Para tanto, apresenta as estratégias de diversos setores, entre os quais os artistas, os literatos, os museus, as disciplinas sociais (especialmente a antropologia e a sociologia), a mídia e as classes políticas, na abordagem do que é tradicional e do que é moderno, para então reforçar a ideia de que, na América Latina, há uma longa história de construção de uma cultura híbrida, em que a modernidade é sinônimo de pluralidade, mesclando relações entre hegemônicos e subalternos, tradicional e moderno, culto, popular e massivo.

Canclini chama a atenção para uma situação paradoxal: no momento em que os artistas e os espectadores “cultos” abandonam a estética das belas-artes e das vanguardas porque sabem que a realidade funciona de outro modo, as indústrias culturais, as mesmas que encerraram essas ilusões na produção artística, reabilitam-nas em um sistema paralelo de publicação e difusão.

Se a noção de espaço bibliográfico me levava a delimitar um universo, o que agora ia me conduzir à conformação de um corpus era a focalização em narrativa midiática e científica. Atenta ao “devir bibliográfico” da entrevista na mídia, e embora as ocorrências desse tipo costumem acontecer em qualquer intercâmbio, considera-se relevante organizar um corpus com certa homogeneidade-temática pragmática,

do tipo de suporte em questão, tornando várias das principais antologias em livro, quer dizer, dotadas de uma “segunda vida” editorial de entrevistas publicadas nos últimos anos (com exceções) disponíveis em nosso cenário atual (ARFUCH, 2010).

Para Dosse (2015), a biografia é um gênero híbrido, situado entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo a regra da mesmice, e o polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador, dependendo, ao mesmo tempo, da dimensão histórica e da ficcional, assim como ocorre com o historiador, por exemplo.

Este capítulo traz os relatos de algumas das figuras mais ilustres no tocante à preservação e manutenção das nossas Taieiras, conservando suas memórias e insistindo na importância da sua história, a partir de suas experiências aliadas ao amor e à dedicação, mesmo que empiricamente.

Os estudos transcritos descrevem como a história é vista pela perspectiva do historiador/pesquisador. Mas é no relato de quem efetivamente vivenciou a experiência que é possível perceber a grandiosidade e magnitude da manifestação. Como descrito por REIS (2017), é por meio das experiências narradas por outros que se ressignificam trajetórias, práticas educativas e caminhos formativos.

As histórias de vida são como uma performance na cultura, agarram-se a materiais empíricos da existência, da vida e do cotidiano: a dor, a tristeza, a alegria, os desejos, os sonhos, os fracassos, o sentir, os afetos, mas sobretudo, o pesquisador tem que ter muito cuidado, atenção e respeito sobre a história, sentimentos, dores e tristeza do pesquisado. (REIS, 2017, p. 42 e 43).

Minha pesquisa teve sua origem numa espécie de inquietação, assim como um desejo latente de compreender a história das Taieiras, a fim de contribuir, ainda que minimamente, em seu contar, sob a perspectiva de quem de fato vivencia as Taieiras, com seus ônus e bônus, suas mais variadas faces, bem como todo o esforço por trás das sombrinhas e fitas coloridas.

Para tanto, foi realizada uma série de entrevistas semiestruturadas, nas quais as perguntas são previamente elaboradas, seguindo um roteiro, porém com flexibilidade para questionamentos e indagações a partir da pergunta inicial, com o propósito de enriquecer as respostas, trazendo até mesmo novas informações. Tais entrevistas, quando somadas, tiveram duração média de cerca de dois dias, num tempo líquido de oito horas.



Abaixo, no tabela 1, estão descritos os dados cadastrais como nome, idade, cargo e tempo de colaboração ao movimento de cada entrevistado.

**Tabela 1** - Tempo de contribuição cultural nas Taieiras

| <b>NOME</b>                    | <b>IDADE<br/>(ANOS)</b> | <b>CARGO<br/>EXERCIDO</b> | <b>TEMPO NA<br/>TAIEIRAS<br/>(ANOS)</b> |
|--------------------------------|-------------------------|---------------------------|-----------------------------------------|
| Maria Ione do Nascimento       | 70                      | Mestra                    | 25                                      |
| Lindalva Maria Santos Oliveira | 73                      | Taieira                   | 13                                      |
| Rosimeire Leite da Costa       | 63                      | Guia                      | 10                                      |
| Dionísia Lisboa dos Santos     | 82                      | Taieira                   | 40                                      |
| Olivete Maria de Jesus Santos  | 64                      | Taieira                   | 21                                      |
| Maria Helena dos Santos        | 82                      | Taieira                   | 30                                      |
| Luís Carlos da Cruz Santos     | 28                      | Rei                       | 04                                      |
| Eder Claudio Ferreira Santana  | 38                      | Mestre                    | 25                                      |

Fonte: do Autor.

### 3.1. O amor, a fé e a devoção

O movimento das Taieiras tem seu berço nas festas da Igreja Católica, mais precisamente vinculado ao catolicismo português, conforme Dantas (2022) reforça que o objetivo da dança era louvar São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, apresentando-se na igreja e na procissão no dia 6 de janeiro, desde o século XIX até onde essa prática se extinguiu.

Apesar de se firmar como manifestação fortemente cultural, a religiosidade das Taieiras permanece firmemente representada nas letras das músicas entoadas nas apresentações. É por meio dos cânticos que os brincantes demonstram a fé e devoção aos santos outrora padroeiros dos negros, situação reforçada na fala de Olivete (uma de suas brincantes).

Porque as músicas das Taieiras são todas do tipo religiosa e então todas emocionas, principalmente aquela de São Benedito, né? (Canto) SÃO BENEDITO A SUA CASA, aí a gente tira assim o chapéu e tudo e isso aí emociona demais pois a gente tá falando de uma referência muito forte na vida da gente. (sic)

Olivete Maria de Jesus Santos, 64 anos, nascida em Lagarto/SE, há 21 anos está no grupo Taieiras, teve como inspiração sua saudosa mãe, Josefa de Jesus Santos, que participou das Taieiras por mais de 30 anos, viajando para Olímpia/SP, Laranjeiras/SE, Nova Petrópolis/RS e outros lugares, levando sua serenidade e fé aos santos padroeiros. Abaixo imagem fotográfica da taieira Olivete em noite de apresentação em meados de agosto de 2022 em desfile alusivo ao 58º Festival nacional do Folclore de Olímpia/SP.

**Figura 20** - Após apresentação desfile folclórico em Olímpia/SP, 2022.



Fonte: Acervo ASFLAG.

Era essa religiosidade, assim como a ancestralidade, presente no seio familiar de antes que contribuiu para estender a tradição de participação da manifestação cultural e adoração aos santos:

Minha mãe sempre foi muito religiosa, então sempre, sempre. Ela ensinou a ser religiosa também, e nas taieiras foi onde minha mãe se encontrou, porque na época era uma dança bem religiosa, hoje foi mudando com o tempo, porque cresce e os filhos que vão ficando, os netos... (Olivete).

Além dos cânticos, a dança presente nas apresentações reforça a devoção aos santos católicos, especialmente São Benedito, propiciando uma ligação mais próxima com o santo “pretinho”, co-padroeiro da cidade de Lagarto. Em sua tese sobre os limites e a contradição da romanização em Lagarto-SE, SANTOS (2016, p. 152) afirma que “Dentro do universo católico, os santos, mais de perto o santo preto, conseguiam atar um laço entre o ‘Deus-católico’, notadamente distante e pouco afetivo, e uma religião por demais austera, com o ente religioso. A carência do divino era suprida, de algum modo, pela proximidade quase familiar com o santo”.

(...) a gente faz a missa no dia 06 de janeiro, a missa na igreja católica mesmo, a missa pra ele ajudar o ano todo pra gente dançar pra ele. Porque a gente dança pra São Benedito. (...) sabe, a gente sente que tá ali fazendo uma homenagem a São Benedito. É isso que fortalece as taieiras, que pra mim né. Porque pra mim eu penso eu estou aqui dançando para São benedito. (Olivete) (sic)

Ademais, para as Taieiras, o ato católico de louvar santidades é o oposto da sisudez e pompas clericais característicos de eventos religiosos. A devoção, para seus brincantes, é sinônimo de alegria, trazendo à memória, até dos participantes mais antigos, suas letras, sensações e o amor e felicidade ao fazer parte de algo tão rico e engrandecedor.

“Vou cantar um refrão para ver se a senhora se lembra. *Quem é aquele santo que vem com no andor, é são benedito com nosso senhor... Taieiras...*” (autor)  
 “Ah! *Jesus de Nazaré, Taieiras, Ah! Jesus de Nazaré... Taieiras...*” *Senhora Rainha, rabo de Tainha. Hoje na cama amanhã na cozinha, Taieiras...*” (Dionísia)

Uma das mais emblemática devota de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, dona Dionísia Lisboa dos Santos, nascida em Lagarto/SE, em 10 de julho de 1941, hoje com 82 anos, conhecida pelo apelido de Dona Dior, participou por mais de 40 anos nas Taieiras.

**Figura 21** - Dona Dior em meados de setembro de 2022.



Fonte: Acervo de Dona Dior.

Hoje com saúde fragilizada, mesmo assim com um olhar atendo e um sorriso estampado no rosto (Figura 21) para relatar alguns momentos de sua participação no grupo, mais quando ouviu um trecho dos louvores, a memória recordou e começou a cantar com emoção sua devoção e fé aos santos padroeiros das taieiras.

### **3.2 Do sagrado ao profano**

De acordo com Dantas (2022), em Lagarto, a dança era realizada seguramente na segunda metade do século XIX, conforme informações de Sílvia Romero. É basicamente a mesma data em que se pode autorizar os dados da cidade de São Cristóvão em relação à existência dessa dança.

Ainda segundo Dantas (2022), a introdução da Taieira nessas cidades é anterior à época desses registros, sendo difundida primeiramente em terras baianas, havendo registros datados do século XVIII. A proximidade geográfica e as constantes comunicações entre os dois estados teriam facilitado o processo de difusão do complexo cultural.

Em Lagarto, as Taieiras formavam o séquito real. Iam buscar os soberanos em suas casas e dançando enfeitavam o cortejo no seu deslocamento para a Igreja ou durante a procissão. Devendo os reis recolherem-se após os atos religiosos, as Taieiras acompanhavam-nos até suas residências e só então punham-se a dançar nas casas das pessoas, realizando a parte profana do festejo. (Dantas, 2022, p. 91)

Beatriz Góis Dantas ainda afirma que, antigamente, assim como em Lagarto, as Taieiras iam buscar os soberanos em suas casas para acompanhá-los até a igreja. Após a coroação e a missa, os reis e as rainhas encaminhavam-se para um palanque situado na praça e ali assistiam ao combate da Chegança e à dança do Cacumbi, ao tempo em que as Taieiras dançavam nas casas e, depois, todos participavam do banquete oferecido pelos soberanos.

Em cada momento com os brincantes, era revelado a emoção de estar na Taieiras, suas recordações afetivas eram despertadas e as mesmas falavam com detalhes suas participações, viagens e amizades construídas que para algumas tornou-se parte da família.

Cada movimento durante as apresentações tinha um significado muito importante, conforme relata Maria Helena dos Santos, nascida em Lagarto/SE, 83 anos, que expressa, com alegria, um momento significativo dela no movimento das espadas.

A dança é assim, as taieiras é assim tem as espadas, né? Tem o batimento das espadas. Quer dizer que quando a gente vai fazer o caminho batendo com as espadas aí segue o caminho cada um pra o seu lado e depois nós vira e vai bater as espadas, passa uma do lado para outra, aí vai trocando batendo as espadas. Era a coisa mais importante pra mim era o bater das espadas porque como é que se diz. Botava as duas de frente que era eu e a menina, como é o nome dela... Hilda, pois é lá na frente era eu e Hilda, adepois colocaram as duas de Zefa. (Helena).

Ao se referir às batidas das espadas, Dona Helena ressalta a simbologia de devoção e proteção aos santos, tanto a São Benedito como a Nossa Senhora do Rosário, quando as Taieiras, em batalha, simbolicamente dizem: “até a morte defenderei a minha fé”. Na imagem abaixo (Figura 22), Dona Helena emocionada com uma parte de sua indumentária, que está com ela a mais de 45 anos, guarda como recordação de vários momentos vividos nas Taieiras.

**Figura 22** - Dona Helena na entrevista realizada em meado de abril de 2022.



Fonte: Acervo do autor.

Nesse contexto, os querequexés, as flores, assim como o passo que é bailado, não necessariamente dançado, significam o seu ato de fé — e nenhum desses objetos pode faltar:

[...] os batedores de espada era nós, tinha os reis, quando ele se separava da rainha para bater as espadas, quer dizer que tinha uns 25 pra bater as espadas com a rainha que tinha que sair na frente para bater as espada se fazer as partes, era isso, mas era muito bonito. (Helena)

Todos os detalhes que compõem as Taieiras são fundamentais em sua composição, desde o momento da entrada, como a bater as espadas, conforme demonstra a Figura 23. É deles que dependem a sua harmonia, e devem estar interligados, sem ausência de nenhum. Tudo importa, e elas sabem que, em sua fé, serão atendidas.



**Figura 23** - As Taieiras em apresentação no 8º Encontro Cultural de Lagarto, no momento do combate (bateção de espadas), 2023.



Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Lagarto/SE.

Ainda em relação às batidas de espadas, o mestre Eder chama a atenção para a forma específica da qual o ato é praticado, especialmente na cidade de Lagarto, de onde ele descreve ricamente o seu passo a passo.

Ei, aqui em Lagarto a gente chama de batedores de espada, mas na época das taieiras eram chamados de guarda real, que são os quatro que ficam em proteção do rei e da rainha. Quando o rei passa ele cruza as espadas para o rei passar e vão fazendo toda a trajetória, e depois eles fazem a luta da guerrilha de espada na hora da apresentação. (Mestre Eder)

Descrever oralmente os detalhes de como é conduzido cada movimento, seu significado e a função de cada personagem dentro das taieiras, nos faz observar que não é somente um ato representativo artístico e sim sua demonstração de fé e compromisso com os valores culturais dos seus ancestrais.

### 3.3 A alegria que reina

Ave Marias é muita coisa, as taieiras é a coisa mais importante da minha vida, pois quando eu vivi de depressão, foi a coisa mais importante que aconteceu na minha vida foi as taieira. (Helena)

Em sua fala, Dona Helena expressa toda a emoção e gratidão ao grupo por ter transformado a sua vida. De olhos marejados, chama a atenção para um momento bastante delicado, quando teve a saúde mental comprometida em virtude de uma depressão e enxerga nas Taieiras a cura para o problema pelo qual passou.

Ah! De tudo na vida, porque eu senti assim: senti alegria do meu sentimento, a alegria da minha vida, a experiência de viajar, dessa viagem rodei São Paulo quase todo, fui pra Goiânia, andei em Brasília, andei em... ne... no Paraná eu não fui não, mas para o Rio Grande do Norte, nesse mundo quase todo a gente já foi representando as taieiras. E em Olímpia tinha um samba de roda que eu tenho as roupas tudo aí. As roupas das taieiras. (Helena)

A saúde mental da maioria das brincantes, está vinculado aos problemas de solidão, se sentirem inúteis e muitas vezes tratadas com descaso pelos seus familiares. Em busca de um convívio com pessoas da mesma faixa etária, elas se encontram dentro do grupo Taieiras a possibilidade e oportunidade de viajarem para distração e cura mental.



**Figura 24** - As Taieiras em apresentação no 8º Encontro Cultural de Lagarto; momento de apresentação do Rei e Rainha, a corte real (2023).



Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Lagarto/SE.

Dona Helena, ainda bastante tomada pela emoção, segue com seus relatos sobre a alegria e o sopro de vida que as Taieiras representam em sua trajetória.

[...] sabe porque quando eu tava na tristeza de toda a minha vida com meu esposo, foi quando ele me abandonou, saiu e foi embora me deixou eu grávida, adepois chegava e dizia que não era filho dele, dizia que era filho disso e daquilo, até short vestido por baixo tinha, pra quando a gente dançava não amostrava as caçola... (Helena)

A preocupação do mestre Gerson Silva com todos os brincantes, desde com a indumentária até com shorts para serem usados por baixo dos saíotes, sendo que as mesmas possuem anáguas de tules para dar o enchimento e com o mesmo comprimento, para não comprometer a dignidade das senhoras e moças que participavam de cada apresentação, e esse detalhe é seguido por sua sucessora mestra Maris Ione.

### 3.4. Quando o cortejo se perde pelo caminho

Nota-se, por parte dos entrevistados, muito mais que uma abordagem cultural em seu sentido literário, mas uma paixão que se reaviva dia após dia, “aos trancos e barrancos”. Apesar de berço de tão significativos nomes da nossa cultura brasileira, Lagarto e suas Taieiras nem de longe veem a devida e merecida valorização à sua cultura, tampouco aos seus mantenedores. É uma realização de amor, nada mais que o amor...

Em sua fala “*Mas como a gente vive o profano...*”, Mestra Ione chama atenção para o fato de as Taieiras de Lagarto terem o profano como característica notória. Como ressalta Dantas (2002), em sua obra *A TAIEIRA DE SERGIPE: uma dança folclórica*: “A Taieira de Lagarto não persistiu sequer como dança de rua em apresentação em palco, não se secularizou”. (Dantas, 2022, p. 104).

Para cada brincante, a sua resistência em manter viva as Taieiras, tem um sentimento singular, o que importa não é se estão nas ruas, no cortejo religioso ou num mero ensaio, mais sim a fé em louvar os santos padroeiros, com sua dedicação, prosseguir e persistindo na sua crendice. A leveza que cada uma delas traz nas suas vestes, nas cores das suas fitas e no levado da saia, no batido das espatas e no soar dos querequexé, demonstra que todo ensinamento repassado pela oralidade dos mestres, sustentam sua devoção e fé em São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

**Figura 25** - As Taieiras em apresentação no 8º Encontro Cultural de Lagarto; apresentação em forma de cortejo da nobreza, confronte a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (2023).



Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Lagarto/SE.

Já a brincante Lindalva Maria Santos Oliveira, carinhosamente conhecida como Paquita, de 73 anos, que nos traz o seguinte relato:

“A primeira vez que eu brinquei as taieiras foi no desfile de 7 de setembro, tradição em Lagarto sempre o folclore participar no desfile cívico. E eu tive o prazer de ajudar as taieiras a se apresentar montando o enredo junto com.. aí já foi junto com o finado Gerson, daí a gente conseguiu botar o desfile na rua, e eu peguei amor às taieiras...

Conforme podemos perceber na própria fala de “Paquita”, para quem já está no grupo há tanto tempo, estabelecer um paralelo comparativo entre o antes e o depois (no caso, os dias atuais) remete ao “se perder pelo caminho”, uma vez que já não é mais como antes, e essa compreensão pode ser dolorosa.



**Figura 26** - Dona Lindalva, conhecida popularmente como “Paquita”, no 58º Festival Nacional do Folclore, Olímpia/SP (2022).



Fonte: Acervo ASFLAG.

Dona Helena faz parte de uma época em que a ignorância e o preconceito reinavam muito mais que a rainha do grupo em questão. Tal situação é retratada quando ela relata sobre ser chamada de “macumbeira”, bem como a forma como respondia aos “insultos” no mesmo tom, na “mesma moeda”... Tudo isso nos remete a uma cultura enraizada em nosso povo, em que as religiões de matrizes africanas sempre sofreram certa marginalização e um infeliz desmerecimento de sua tão rica cultura, aqui retratada como grande motivo de orgulho para a história de nossas Taieiras.

Mas a própria inocência em sua narrativa nos traz resquícios do quanto a discriminação está enraizada em nós, em muitas de nossas falas e atos, infelizmente, será dessa forma que alguns retratam as Taieiras:

Era tudo, era tudo porque depois que o mestre Gerson morreu as taieiras se acabou. Aqui dentro de Lagarto não tem taieiras mais. Pra se fazer os grupo que se fazia mais não, porque quando a gente chegava no Gbarbosa pra chegar cá no ribeirinho aqui pro lado de cabo Zé, ali era bonito viu. Eu passei pouco por macumbeira, quando eu passava com aquelas saias rodadas e os colação bonito, né? Gritavam “Ói as macumbeiras”, e eu dizia a primeira macumba que eu vou jogar é pra sua mãe! (Helena)

Em seu reeditado livro *As Taieiras de Sergipe: uma dança folclórica* (2022), Beatriz Dantas traz a informação de que a Taieira de Lagarto já não era mais dançada. Tal informação, no entanto, pode ser contestada pelo fato de que na década de 60, com apoio de autoridades locais e incentivo do poder público municipal, as Taieiras voltaram a se apresentar:

Há poucos anos, naquela cidade, sob a iniciativa de autoridades locais, promoveu-se a realização da dança no palco, para comemorar um acontecimento cívico. Foi antes uma manifestação idealizada no seio da classe erudita, inspirada no fato folclórico, do que uma tentativa de reviver a tradição da Taieira no meio folk. Essa experiência não se repetiu. E assim, enquanto o antigo organizador do festejo guarda a esperança de realizá-lo ainda nos moldes tradicionais, a Taieira não mais foi dançada na terra de Sílvia Romero. (Dantas, 2022, p.104)

No olhar analítico do nosso saudoso mestre Eder Santana, a educação é a base formadora da continuidade da nossa cultura popular:

“Eu vejo a educação levando para as escolas, pois é nas escolas que eu vejo formadores de cultura populares e conhecedores também, eu acho que a palavra chave é “conhecedores”, e dos pequenos que se faz os grandes. Então tem que vir da escola, pois você levando para a escola você vai tá passando conhecimento e vai trazer toda a história, a história de um antepassado todo que os jovens não conhecem a sua história a sua origem, as suas raízes... e precisam buscar! (Mestre Eder)

A importância da educação é a chave de toda a consciência cultural que está na base (ensino infantil até o fundamental maior) construída e aplicada dentro do currículo escolar e o mesmo não fique somente em datas comemorativas, mais sim, colocadas em sua prática diária.

Sabemos da resistência de alguns professores em implementar as culturas populares na prática do seu planejamento, por não ter acesso a material ou não ter condições de tempo, para buscar mais conteúdo que possa encantá-lo e encantar seus discentes.

**Figura 27** - Mestre Eder conduzindo os louvores das Taieiras com os tocadores no 8º Encontro Cultural de Lagarto (2023).



Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Lagarto/SE (2023).

O próprio mestre Eder reafirma que a Igreja, de modo geral, tem uma parcela importantíssima na contribuição e formação da história das Taieiras, de modo que sua origem se deu justamente pela louvação aos santos católicos Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

“[...] as mulheres que dançavam e eram devotas de São Benedito, e daí eu passei a conhecer, eu jovem, lá com ele, passei a conhecer, a participar de alguns ensaios e apresentações em laranjeiras, e também aprendi que lá a taieira é católica sagrada e aqui a gente trabalha com o profano, que é a que não tem a religião firme da afro descendente, nas ela tem a sua função dentro deste contexto...” (Mestre Eder)

O mestre Eder toca num ponto importantíssimo, qual seja a inserção do estudo das tradições no âmbito escolar, não somente em datas comemorativas, quando se faz uma pseudovalorização da cultura, de maneira esporádica, mas essencialmente trazendo para o contexto educacional a inclusão, desde o ensino infantil ao fundamental maior, não somente das teorias, mas principalmente das práticas. Partindo desse princípio, a escola agiria como motivadora, uma

incentivadora da nossa cultura, que também é a nossa identidade, parte da nossa existência, uma vez que um povo sem identidade é um povo que, na verdade, não existe.

Atrair os jovens para as tradições, porque os jovens estão muito afastados, os jovens hoje eles não querem, eles não querem ver com outros olhos eles querem ver como eles querem. A gente já faz um papel importante na sociedade que é manter viva a tradição, mas precisaria que os jovens tivessem esse conhecimento e das valorizações. (Mestre Eder)

A percepção do mestre Eder é de grande relevância, e ele ainda chama a atenção para a forma como os jovens hoje têm cada vez menos incentivos e estímulos na valorização cultural. Esse é um detalhe que precisa rever urgentemente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, é chegado o momento que por tantas vezes me pareceu inalcançável, inatingível. Chegamos às tão sonhadas e almejadas (in)conclusões deste árduo e, ao mesmo tempo, gratificante trabalho. Confesso ainda não acreditar que aqui cheguei, mas vamos lá...

Empenhado, apaixonado, encantado e com sede de descortinar os recortes auto biográfico por trás de cada fitinha colorida, fui em busca de tudo que eu já pensava conhecer, com o propósito de trazer esse material como contribuição acadêmica. Mal sabia que o maior privilegiado com tudo o que descobri e aprendi fui eu mesmo. Cada passo que precisou ser modificado, cada nota que precisou ser afinada, cada coreografia por tantas vezes reensaiada resultaram em ainda mais amor, mais fé e uma maior devoção. Devoção esta que extrapola os próprios santos e me despertam uma verdadeira adoração por toda essa riqueza histórica chamada Taieiras. EHHHH, Taieiras...

Iniciei este percurso com as seguintes indagações: o que foi efetivamente preservado das práticas originais e essencialmente fundantes dessa manifestação cultural? E o que foi alterado ao longo de sua existência?

Chegou-se à conclusão de que os louvores, essencialmente, continuam. O modo de os instrumentos serem tocados também foi conservado, enquanto as vestimentas sofreram alterações, perdendo algumas de suas características originais, assim como um ponto de bastante relevância sofreu fortes alterações — refiro-me à questão da etnia, cuja raiz era composta integralmente por pessoas negras e, hoje, apresenta toda essa mistura que podemos ver.

Respondidas as primeiras indagações, seguimos em busca de sanar os demais questionamentos. entre eles como a estética e o formato de apresentação das coreografias e das danças exibidas pelas Taieiras sofreram ou receberam tendências e/ou influências de sua contemporaneidade?

Constatou-se que esse quesito não se destaca por ter sofrido consideráveis alterações, mantendo-se e conservando a seguinte ordem: cortejo, meia-lua, apresentação das figuras (digamos, sem uma coreografia necessariamente fechada, porém com características mais fiéis à sua criação).

Contudo, ainda precisava ser esclarecido o seguinte quesito: em que as biografias podem contribuir para a compreensão da história das Taieiras? O que foi



perfeitamente respondido pelos relatos de Sílvio Romero e Moraes Melo Filho, atestando que as Taieiras seguem toda uma louvação a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, sem perder a sua essência de fé e devoção, mostrando que a cultura permaneceu viva, principalmente, por salvaguardar a memória de seus ancestrais.

Por fim, foi perguntado sobre o que devemos considerar e compreender dentro dos limites do sagrado e do profano exalados e propagados pelo grupo, praticantes e mantenedoras dessa manifestação? O que pôde ser respondido, no tocante ao sagrado, é que se mantém a questão dos louvores e da fé, podendo-se afirmar ser a grande responsável pela constância e permanência das Taieiras até os dias atuais. Ao passo que o profano certamente tem como ponto de grande relevância a não preservação da castidade, a ausência da exigência da virgindade das brincantes, que acreditam compensá-lo com tão forte e genuína fé, capaz de transpor o que seriam grandes obstáculos nesse quesito.

Foi assim que revisei meu passado, busquei memórias nas minhas gavetas mais resguardadas, revivi todo o trajeto que um dia me levou a despertar esse sentimento que tanto me encanta e ainda desperta em mim os mais genuínos e afetuosos desejos de propagar, disseminar e costurar cada retalho que compõe esse universo chamado Taieiras. Cada recorte, cada cor... Passei por tantos desafios, tantas provações, problemas de saúde, questionamentos internos e as mais variadas angústias, e mesmo assim, cá estou eu, de pé e firme no propósito de trazer as respostas que nortearam toda esta produção, e que são o real sentido de hoje eu estar aqui. Ao passar por momentos difíceis, percebi que era necessário fazer uma desconstrução e uma dolorosa reconstrução de mim mesmo, das minhas dúvidas e de tudo o que me fazia por tantas vezes questionar até que ponto todo esse empenho, entrega e abdicação valiam a pena. Entre todos os enfrentamentos (que não foram poucos nem leves) relatados em minha apresentação — a exemplo da minha internação, da percepção de toda a minha fragilidade humana quando estive entre a vida e a morte —, ainda tive de me deparar, no finalzinho deste trajeto, com a perda de uma das peças mais fundamentais não só na construção deste trabalho, mas principalmente na manutenção diária, na luta pela cultura lagartense. Perdemos o mestre Eder! Fui pego de surpresa com a triste notícia de seu falecimento quando estava em viagem, numa dessas representações em eventos culturais, universo ao qual ele dedicou praticamente toda a sua breve existência.

Tudo isso me tocou e me machucou tão profundamente que me fez vir do Rio Grande do Norte (onde estava justamente a serviço da cultura) a Lagarto, reposicionando e ressignificando cada passo, cada luta, cada “e se”. Mesmo assim, aqui permaneço e me reconstruo dia após dia, honrando o meu propósito e com uma única certeza: eu precisava, por inúmeras razões, aqui chegar e responder a cada uma das perguntas que me nortearam até este desfecho.

Quando iniciei este percurso, não tinha a ideia exata de como seriam os sujeitos reais da minha própria pesquisa, uma vez que há uma espécie de universo paralelo entre o que os livros contam, o que a história traz e o que de fato foi e ainda é vivido pelas Taieiras de Lagarto, até então tão discretas (leia-se: apagadas da história). Confesso que nem de longe imaginava as gratas surpresas que me aguardavam pelo caminho, e como a experiência de cada um(a) me tocava de maneira única. Tudo o que eu de fato tinha eram as infinitas dúvidas, perguntas, anseios e angústias em relação às entrevistas, se conseguiria realizá-las com afinco e o mais importante: se realmente eu iria conseguir unir tais experiências, vivenciadas na prática, aos relatos descritos em toda a base bibliográfica que utilizei. Era um receio muito grande, uma vez que, como podemos verificar em tantos momentos aqui explanados, “na prática, a teoria é outra”. Mas hoje posso dizer o quanto fui agraciado e abençoado com cada escolha, cada participação, cada contribuição. Sou imensamente grato ao Universo e a cada um que costurou comigo cada recorte disto aqui.

Com certeza, aprendi com cada frase, palavra; signifiquei e ressignifiquei; e o mais importante: vivenciei cada trecho, cada descoberta, cada passo desta dissertação. Foi um trabalho produzido com alma, não só a minha. Cada um que trouxe o seu relato deu um colorido diferente ao branco das vestes. E posso dizer, sem medo de errar: não tive como meros entrevistados mestra Ione, mestre Eder, Dona Helena, Dona Dionísia, Dona Olivete e Dona Lindalva — cada um e cada uma compõem as cores das fitas deste trabalho.

O brilho nos olhos ao falar das Taieiras, as inquietudes pela busca incessante pelo reconhecimento, pelo apoio, pela sua preservação, bem como o orgulho trazido em cada narrativa, só me levaram a compreender o porquê de me manter até aqui. Foi uma honra inenarrável poder viver esta experiência, e mais que isso: poder trazê-la para todos vocês. Não há outra palavra que preencha tanto o meu coração neste momento que não seja: GRATIDÃO! EEEEEEEEEEEEEhhhh, TAIEIRAS...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO.M.H.B. (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. FESTAS PARA QUE TE QUERO: POR UMA HISTORIOGRAFIA DO FESTEJAR. **Patrimônio e Memória**, Universidade Estadual Paulista – UNESP/São Paulo, volume 7, 01/2011, p. (134-150), Junho, 2011.

ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade. contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Jan. eiro: EdUERJ.2010

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCI; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

BARATA, A. M. **Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência do Brasil, 1790-1822**. Tese (Doutorado em História). Campinas: UNICAMP, 2002.

BARBOSA, A. C. **Lagarto em verso e trova**. Aracaju. Gráfica e Editora J.Andrade, 2013.

BURKE, P. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **HISTÓRIA E ANÁLISE DE TEXTOS**. In.: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. Os domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p (436-567).

CASCUDO, C. **História da República do Rio Grande do Norte**. Edições do Val, 1965

CHAUÍ, M. **Produtividade e Humanidades**. Tempo Social. 1989.

CÔRTEZ, G. P. **Dança, Brasil! Festas e danças populares**. Belo Horizonte: Leitura, 2000

DANTAS, B. G. **A Taieira de Sergipe: uma dança folclórica**. 2º ed. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

DANTAS, B. G.; **A Taieira de Sergipe**. Editora:vozes. 1972

DANTAS, B. G.; FONSECA, A. E o folclore de lagarto nos anos 70. **Revista da Academia Lagartense de Letras**. Lagarto/SE. v. 1, n. 02. set. 2018.

DANTAS, B. G. **A Taieira de Sergipe: uma dança folclórica**. 3 ed. Aracaju. Ed. SEDUC, 2022.

DIAS, R. **Sociologia das organizações** / Reinaldo Dias. - São Paulo: Atlas, 2008.

DIAS, T. C. A atuação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos (Desterro) e a figuração sociopolítica em torno das eleições 1846-1847. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, v,21, n.45, p. (732-753), Set/dez, 2020.

DINIZ, M. H. **Imprensa**: São Paulo, Saraiva, **1991**.

DOSSE, F. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DOSSE, F. **O desafio Biográfico: escrever uma vida**. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2015.

FONTES, Aglaé Ávila. **Danças e Folguedos; Iniciação ao Folclore Sergipano**. 2ª edição. Aracaju-SE, **2003**.

GARCIA, J. C. R. Editorial (2006). Biblionline, v. 2, n. 2, **2006**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/15959>. Acesso em: 17 jun. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População de Lagarto**. IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/lagarto/panorama>. Acesso em maio de 2023.

LAGARTO. Prefeitura Municipal de Lagarto. **Mapa da Sede de Lagarto – Ruas e Divisão de Bairros Atualizado até 27/07/2022 (DWG)**. 2022. Disponível em: <https://lagarto.se.gov.br/download/mapa-da-sede-de-lagarto-ruas-e-divisao-de-bairros-atualizado-ate-27-07-2022-dwg/>. Acesso em: 25 maio 2023.

LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

MANETTA, A. Círculos de cooperação, usos do território das cidades e cultura popular no Brasil. **PatryTer**, v. 4, n. 8, p. 77, 2021.

MARTÍNEZ, L. F. P. **A pesquisa qualitativa crítica**. In: **Questões sociocientíficas na prática docente: Ideologia, autonomia e formação de professores [online]**. São Paulo: Editora Unesp, 2012, pp. 138-152.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação E Pesquisa**, 30(2), 289–300, 2004.

MAMIGONIAN, B. G. **Os direitos dos libertos africanos no Brasil oitocentista: entre razões de direito e considerações políticas**. História, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 181-205, jul./dez. 2015.

MORAES FILHO, M. **1843-1919. Festas e Tradições Populares do Brasil** / Mello Moraes Filho; com um prefácio de Sílvia Romero; de senhos de Flumen Junius. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

MORTARI, C. A. **A concepção semântica da verdade: textos clássicos** . São Paulo: Editora Unesp, 2007. 251p. (Co-organizador: L. H. A. Dutra).

NASCIMENTO, C. J. **Poesia livre**. Boquim. Gráfica Boquinhense, 1998.

ORTIZ, R. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1994.

QUEIROZ, T. D. **Dicionário Prático de Pedagogia**. 1.ed. São Paulo: Rideel, 2003

RABELAIS, F. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

REIS, C. M. S. **Andarilhando pelas trajetórias de formação: narrativas (auto) biográficas de pedagogas docentes universitárias**. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, 2017.

RIBEIRO, H. L. **Etnomusicologia das Taieiras de Sergipe: uma tradição revista**. 2003. 197 f. Dissertação (Mestrado) — Curso de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: <[https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Ribeiro\\_taieiras.pdf](https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Ribeiro_taieiras.pdf)> Acesso em: 19 jun. 2021.

ROMERO, S. **Sílvia Romero – trechos escolhidos por Nelson Romero**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1959. (Nossos Clássicos, 35).

SANTOS, C. M. **Contradições da romanização da igreja no Brasil: a Festa de São Benedito em Lagarto-SE (1971–1928)**. Aracaju: Edise, 2016. 408 p.

SANTOS, A. F.; ANDRADE, J. A. **Nova Geografia de Sergipe**. Aracaju: UFS/SEDL, 1998.

SPRADLEY, J. P.; MCCURDY, J. P. **Conformity and Conflict: readings in cultural**. São Paulo: Cultrix, 1975.

VILHENA, L. R. **Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro – 1947-1964**. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

# APÊNDICES

## Apêndice 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM  
CULTURAS POPULARES**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O Sr(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa “Recortes Biográficos das Taieiras de Lagarto-SE”, sob responsabilidade de André Barbosa de Santana e Prof. Dr. Micael Carmo Cortes Gome, discente e professor, respectivamente, do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Interdisciplinar em Culturas Populares (PPGCULT), da Universidade Federal de Sergipe.

Este termo traz todas as informações importantes sobre esta pesquisa a ser explicado pelo(a)s responsável(is), contudo, este termo deve ser lido cuidadosamente.

### **INFORMAÇÕES E GARANTIAS AO PARTICIPANTE DA PESQUISA:**

Sua participação ocorrerá de forma direta, através da realização de questionário e/ou entrevista. Sua participação não acarretará custos e também não haverá remuneração financeira.

Sobre o questionário e/ou entrevista, o mesmo poderá ser respondido quando a perguntar não lhe causar nenhum desconforto. Caso em algum momento se sinta desconfortável, é garantida a omissão ou a recusa em responder qualquer pergunta. Caso necessário o uso de imagem e/ou depoimento, o mesmo será obtido única e exclusivamente após prévio consentimento, que terá o **Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos**, como documento legal de autorização.

É garantida a liberdade para se negar a participar da pesquisa, bem como a sua desistência em participar em qualquer momento durante o seu andamento, a contar do início de sua participação.

O risco desta pesquisa é considerado mínimo e se refere ao desconforto em fornecer informações sobre sua vida pessoal, o qual será contornado com a oferta do sigilo e confidencialidade.

Caso concorde em participar, este termo será elaborado em duas vias, do qual terá todas as folhas rubricadas, constando de assinatura ao final do documento.

### **DESCRIÇÃO E PROCEDIMENTOS DO ESTUDO:**

Esta pesquisa tem como objetivo realizar o levantamento biográficos dos mestres(as) e brincantes do grupo Taieiras de Lagarto/SE.

A sua participação na pesquisa terá duração de aproximadamente 40 minutos.

Os resultados da entrevista serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa científica.

### **SIGILO E CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA:**

Será mantido o sigilo e confidencialidade do participante, por meio da codificação das informações, questionário e/ou entrevista, de imagem e/ou depoimento. Para essa codificação, serão utilizadas as seguintes informações:

- 1) Zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- 2) Garantir que os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados apenas para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) nesta pesquisa e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos participantes;
- 3) Garantir que os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de apresentação em encontros científicos ou publicação em periódicos científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos participantes da pesquisa.



### CONTATOS PARA DÚVIDAS, RECLAMAÇÕES E/OU DESISTÊNCIA:

Aqui os participantes terão todas as informações para entrar em contato com os responsáveis da pesquisa, no intuito de tirar dúvidas ou mencionar sua desistência. Também é disponibilizado o contato do Comitê de Ética em Pesquisa da UFS (CEP-UFS), uma vez que o órgão atua na função de proteção ao participante, onde poderá relatar qualquer reclamação ou entrar em contato a qualquer momento para obter informações sobre a validade da pesquisa bem como sobre os responsáveis da mesma.

### INFORMAÇÕES DE CONTATO

**André Barbosa de Santana**

**End.:** Travessa Zefinha de Amélia, 236, Cidade Nova, Lagarto/SE. CEP: 49.400-000.

**Tel.:** (79) 99913-4953

**E-mail:**

[cerimonialandrebarbosa@gmail.com](mailto:cerimonialandrebarbosa@gmail.com)

**Dr. Micael do Carmo Cortes Gomes**

**End.:** Avenida Marechal Rondon Jardim, s/n, Rosa Elze, São Cristóvão/SE. CEP: 49100-000. (Universidade Federal de Sergipe).

**Tel.:** (79) 3194-6600  
(68) 98124-8306

Declaro estar ciente do inteiro teor deste ***termo de consentimento livre e esclarecido*** e estou de acordo com a participação nessa atividade, nas condições aqui estabelecidas, sabendo que dela poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Todas as páginas devem ser rubricadas por entrevistado e pesquisador.

Data: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante voluntário(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

## Apêndice 2 - Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM  
CULTURAS POPULARES**

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, \_\_\_\_\_,  
portador do n.º de CPF \_\_\_\_\_ e n.º de RG \_\_\_\_\_,  
depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como, de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO**, através do presente termo, os pesquisador André Barbosa de Santana do projeto de pesquisa intitulado “Recortes Biográficos das Taieiras de Lagarto-SE”, a tirar as fotos e realizar as entrevistas que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento, bem como, a fazer a transcrição do mesmo sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores, acima especificados, a fim de garantir ao que está previsto na Constituição Federal da República (1988) em seu artigo 5º no que diz respeito à inviolabilidade da vida privada, honra e imagem das pessoas e ao que prevê as leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável

### **Apêndice 3 - Formulário de entrevista (GERAL)**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM  
CULTURAS POPULARES**

#### **ROTEIRO BÁSICO GENÉRICO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA (BRINCANTES E PARTICIPANTES EM GERAL)**

- A. Sobre a definição da manifestação cultural das Taieiras, em suas palavras, o que é essa apresentação?
- a. O que ela significa? O(a) senhor(a) poderia falar um pouco sobre isso?
  - b. Onde ocorreu pela primeira vez no município de Lagarto? Caso não se recorde da primeira, poderia, por gentileza, falar da primeira vez em que o(a) senhor(a) teve contato com a manifestação cultural popular das Taieiras?
    - i. Por que o(a) senhor(a) estava lá?
    - ii. Qual era o principal atrativo ao deslocar-se para assistir à apresentação da cultura popular das Taieiras?
      - 1. Música?
      - 2. Indumentária?
      - 3. Apresentação do grupo como um todo?
      - 4. Coreografia?
  - c. Existe uma regra para a execução do trajeto ou ele é livre?
    - i. Recorda-se do trajeto executado pelo grupo cultural?
    - ii. Como funciona a seleção dos trajetos feitos? É fixo e tradicional ou é itinerante e variável?
    - iii. Existem razões específicas para que se façam determinados trajetos?
      - 1. Quem determina o trajeto?
      - 2. Por que se determina dessa forma?

3. Quando ele é determinado em cada ano?
  4. Como se estabelecem os pontos de apresentação dentro desse trajeto definido?
  5. Onde a decisão é tomada?
- d. E sobre as indumentárias do grupo cultural popular, há ou havia alguma diferença entre o que hoje temos e antes em relação às suas vestes?
    - i. Poderia descrever os recursos e materiais usados, àquela altura, nos trajes usados?
    - ii. Já tivemos plumas, penachos, confetes ou lantejoulas utilizadas como recursos decorativos dos trajes?
    - iii. Como as peças de roupas são confeccionadas?
    - iv. Onde elas são preparadas?
    - v. Como e por quem elas são preparadas?
    - vi. Existe alguma tradição no preparo das peças e vestes dos trajes ou fica a critério da organização e dos(as) mestres(as)?
  - e. O senhor(a) saberia informar quando se deu a primeira apresentação de um grupo cultural de Taieiras em Lagarto?
    - i. Os objetivos e finalidades eram os mesmos de hoje?
  - f. Como ela ocorreu? Parecia-se com as que ocorrem hoje?
  - g. Por que se realiza essa manifestação? Qual é o verdadeiro objetivo da apresentação atualmente?
  - h. De que modo se organiza uma apresentação das Taieiras? Quais são os elementos que devem aparecer de forma imprescindível na apresentação?
    - i. Desses elementos mencionados, quais foram modificados, extintos ou transformados?
    - ii. Existem elementos constitutivos das apresentações mais antigas que foram excluídos do figurino, repertório musical, coreografia ou personagens?
      1. (Em caso de resposta positiva) Por que foram excluídos?
      2. (Em caso de resposta positiva) Quem assina a responsabilidade da exclusão?
      3. (Em caso de resposta positiva) Como ocorreu a decisão da exclusão desses elementos? Foi um processo democrático ou impositivo?
      4. (Em caso de resposta positiva) Quando ocorreu(ram) essas exclusões?

- B. Em relação ao grupo em si, quem e quantos são os membros que constituem a apresentação das Taieiras (brincantes)?
- Poderia, por gentileza, descrever em ordem os nomes das personagens?
  - Poderia descrever a função de cada um deles dentro do grupo?
  - E sobre o seu significado dentro da apresentação? O que representam?
    - Quem são os brincantes? São pessoas comuns ou recebem treinamento específico para a apresentação?
- B. Sobre as indumentárias: existe critério para a sua confecção?
- Por que são constituídas como vemos e não de outra forma, por exemplo, com características e temáticas africanas ou indígenas?
  - O que devem conter para serem caracterizadas como parte integrante de uma apresentação das Taieiras?
  - Especificamente, como se caracteriza a indumentária de cada brincante e cada membro da apresentação?
  - Qual a diferença, em termos de materiais, de cada tipo de traje usado pelos brincantes?
- C. Sobre as danças e coreografias: as coreografias, gestos e movimentos obedecem a alguma regra?
- Existem atuações obrigatórias e imprescindíveis? Se existem, quais as razões para serem centrais?
  - Qual a diferença de cada atuação entre os brincantes?
  - Existe um momento em que as coreografias sejam síncronas, ou seja, todos fazem a mesma movimentação? Por quê?
  - As diferenças de coreografias estão relacionadas com a hierarquia dos diferentes brincantes dentro da atuação (exemplo: a nobreza dança de um jeito para representar seu status enquanto as baianas dançam de outro para representar sua condição de servilismo)?
  - Quem define que tipo de coreografia será implementada?
  - Como se define o tipo, forma, velocidade, mudança e transição das coreografias?
  - Onde se ensaia e se treina para a realização das coreografias?
  - Com qual periodicidade se fazem os ensaios?

- i. As coreografias atuais têm relação com as anteriores e as do passado mais remoto?
- j. As coreografias são mudadas anualmente ou se repetem de forma sistemática?
  - i. (Em caso afirmativo) Se mudam, quem define estas mudanças?
  - ii. (Em caso afirmativo) Por que mudam?
  - iii. (Em caso afirmativo) Como mudam?
  - iv. (Em caso afirmativo) Quais são as mudanças mais sensíveis?

D. Sobre as músicas. Como as músicas são definidas para a apresentação?

- a. Quem as executa?
- b. Quantos são os músicos?
- c. Quais são os tipos de instrumentos inseridos na apresentação?
- d. Os instrumentos podem sofrer variações ou são fixos?
- e. As músicas, cânticos e ladainhas são fixas ou variam?
- f. Qual a origem das músicas entoadas? São religiosas? Populares? Ambas?
- g. Os músicos também têm função dentro da apresentação efetiva, além de dar ritmo, ou eles não se relacionam com a apresentação em si?
- h. Quem decide quais cantigas serão executadas?

E. Quais são os principais personagens da apresentação? E por que são centrais?

- a. (Em caso afirmativo) Quais são as personagens secundárias ou menores?
- b. Como isso é definido?

#### **Apêndice 4 - Formulário de entrevista (AUTOBIOGRAFIA)**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM  
CULTURAS POPULARES**

#### **QUESTIONÁRIO ESPECÍFICO (PARTE AUTOBIOGRÁFICA PARA MESTRES)**

- A. Como mestre de Taieiras, quando o(a) senhor(a) começou a liderar o seu grupo cultural?
- a. Quem o convidou ou convenceu a participar do grupo como brincante?
  - b. Como foi essa experiência inicial?
  - c. Era divertido ou parecia uma grande responsabilidade?
  - d. O(a) senhor(a) temeu não conseguir realizar a apresentação ou se apresentar publicamente em algum momento por questões de timidez?
  - e. Quem o convidou ou convenceu a participar do grupo na condição de mestre?
    - i. Onde se deu o seu início como mestre?
    - ii. Quando ocorreu esse convite?
  - f. Por que você decidiu encarar o desafio de liderar um grupo de Taieiras?
  - g. As Taieiras são um de seus maiores focos de produção ou você divide de forma equivalente seu empenho com outras manifestações culturais?
- B. Em sua opinião, o que é ser um mestre de um grupo cultural como as Taieiras de Lagarto?
- a. O que é ser um mestre dentro da apresentação das Taieiras?
  - b. Como se torna um mestre de uma manifestação cultural popular como as Taieiras?
  - c. Como se deu o processo de formação e o reconhecimento do status de mestre?



- i. Como é o dia a dia de um mestre em formação?
- ii. Onde o mestre busca referenciais para aprimorar suas competências, habilidades e saberes sobre as funções e atuações dos(as) brincantes?
- iii. Os mestres devem se manter em constante revisão de seus saberes sobre as Taieiras ou o que se sabe logo de cara é suficiente para toda uma vida como mestre?
- iv. Quando o senhor(a) se reconheceu como um mestre completo e responsáveis de todas as ações? (ou não acontece?)
- d. Quando um mestre é realmente percebido pelos demais integrantes do grupo como um líder pronto a gerir um grupo cultural?
  - i. De que forma o mestre apresenta suas competências ao grupo e os convence de conhecer a fundo os fundamentos da manifestação cultural?
  - ii. Existe indisciplina no grupo?
    - 1. Se sim, como um mestre lida com desobediências, teimosias e indisciplina entre seus membros?
    - 2. Como um mestre faz para contornar os problemas entre os membros?
    - 3. Já ocorreu a sensação de que perderia o controle dos brincantes devido a um membro indisciplinado?
- e. Quanto mais tempo um mestre exerce a função, mais experiente e conhecedor dos fundamentos ele fica. Qual a sensação do acúmulo de conhecimentos sobre a prática das Taieiras?
  - i. Você já pensou sobre os membros anteriores das Taieiras e o quanto eles são significativos para a manutenção da prática? De que modo pensou neles?
  - ii. Já precisou recorrer a algum mestre veterano para ter ideias ou contornar problemas e/ou encontrar soluções?
  - iii. Pensa na ideia de se aposentar como mestre? Se sim, quando?
- f. Por que um grupo como o das Taieiras precisa de um mestre?
- g. O que os mestres representam para o grupo?
  - i. Quais as responsabilidades do mestre em relação ao grupo? (em termos de cuidado, organização, etc.)
- h. Quais são as suas principais funções dentro do grupo?
  - i. São práticas?
  - ii. São teóricas?

- iii. São organizacionais?
- iv. São de orientação?
- v. Todas elas?
  - 1. São os mestres que põem a “mão na massa” para a realização de organização de espaços, vestes, etc. ou há membros específicos para essas tarefas?
- i. Como um mestre toma parte da manifestação cultural das Taieiras? Ele participa ativamente da apresentação ou fica nos bastidores com a organização exclusiva?
- i. Como os(as) mestres participam da apresentação?
- ii. Onde eles(as) se situam quando a apresentação está em curso?
- iii. Qual a importância do(a) mestre(a) dentro dessa apresentação com ele inserido no processo?
- j. A organização das apresentações é coletiva, ou seja, leva em conta as considerações dos outros membros ou é exclusiva dos mestres?
- k. Quando surgiu, pela primeira vez, a figura do mestre na história das Taieiras em Lagarto?
  - i. Ou ainda: qual o mestre mais antigo que você tem notícia desde que se inseriu no grupo?
  - ii. Por que esse mestre é o mais antigo em suas lembranças?
  - iii. Esse mestre fazia menção ou referência ao mestre anterior a ele? Ou ao mestre com o qual ele mais tinha proximidade e era mais antigo e experiente que ele?
- l. Você se inspira em algum outro mestre antecessor ou contemporâneo para exercer as suas funções?
  - i. (Em caso positivo) Quem seria esse mestre?
  - ii. (Em caso positivo) Por que se inspira nele?
  - iii. (Em caso positivo) Como ele se tornou seu referencial?
  - iv. (Em caso positivo) Onde o viu atuar pela primeira vez ou ouviu falar de suas atuações?
  - v. (Em caso positivo) Quando você reconheceu que ele lhe serviria de modelo para sua própria atuação enquanto mestre?
- m. Como deve agir um mestre, dentro do grupo, diante de problemas e decisões a serem tomadas?

- i. Os problemas são discutidos com o grupo ou é apenas identificado e resolvido pelo(a) mestre?
- ii. O grupo auxilia o(a) mestre(a) na condução e resolução dos problemas?
- iii. Quais tipos de problemas são os mais recorrentes?
- iv. Que segmento do grupo gera mais necessidade de resoluções ou, informalmente, gera mais problemas: Os tocadores? A baiana? A nobreza? As taieiras? Etc.
  - 1. Por que os problemas ocorrem mais nesse(s) grupos do que nos outros?
  - 2. Quando esses problemas costumam ocorrer?
  - 3. Como eles são resolvidos entre mestre(a) e segmento do grupo de Taieiras?

C. Sobre as indumentárias: existe critério, baseado na tradição, para a sua confecção?

- a. Qual o papel do mestre na escolha do figurino?
- b. O que devem conter para serem caracterizadas como parte integrante de uma apresentação das Taieiras, segundo o critério de um mestre?
- c. É o mestre quem se responsabiliza pelos trajes dos brincantes ou isso é responsabilidade individual de cada membro?
- d. O figurino é estabelecido a partir de uma tradição, de forma rígida, imutável e inflexível ou pode ser alterado de acordo com o desejo do mestre ou dos brincantes?
- e. As fitas que compõem o figurino têm relações com a religiosidade?
  - i. Qual a conexão religiosa?
  - ii. Qual o significado de cada coloração de fitas utilizadas nas apresentações?
  - iii. As conexões religiosas das fitas são harmônicas ou conflituosas?

D. E sobre as danças? As coreografias, gestos e movimentos obedecem a alguma regra ou tradição da prática das Taieiras?

- a. Qual o significado das coreografias?
- b. Elas têm um lastro histórico ou tradicional ou são definidas anualmente pelos mestres(as) de forma temática?

- i. (Em caso de possibilidade de transformação ou mudança da coreografia tradicional) Qual o nível de liberdade de mudança das coreografias para os mestres?
  - ii. (Em caso de possibilidade de mudança) O que pode ser mudado e o que é imutável?
  - iii. Por que os elementos acima citados não podem ser mudados?
  - iv. Por que os que podem ser mudados não implicam em problemas para a tradição?
  - v. Como a mudança ocorre? Ela é definida coletivamente com os brincantes ou decisões exclusivas dos mestres?
  - vi. Quando uma mudança é necessária na coreografia das Taieiras?
  - vii. As mudanças têm o intuito de se adaptar às novas realidades e demandas da apresentação?
  - c. Existem atuações obrigatórias e imprescindíveis dentro do bojo das coreografias? Se existem, quais as razões para serem centrais?
- E. Quais são os principais personagens da apresentação? Existem personagens secundários ou menores?
- a. Poderia descrevê-los e dizer o nome de cada um deles?
  - b. Quais são as suas funções dentro da apresentação? O que cada uma representa ou significa?
- F. Poderia nos falar um pouco de sua experiência como mestre ao longo desses anos? O que gostaria de destacar sobre seus feitos e atuações e que, porventura, não tenha sido aqui perguntado?

# ANEXOS

**Anexo 1 - Ata de fundação da Associação das Atividades Folclóricas da Cidade de Lagarto.**

| <p>Assembleia Geral para<br/>Fundação e Eleição da<br/>Diretoria e Apreciação<br/>do Estatuto da Associação<br/>das Atividades Folclóricas<br/>da Cidade de Lagarto-S.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Person Santos Silva<br/>Helio Santos dos Santos<br/>Neuza Alves dos Santos<br/>José de Oliveira dos Santos<br/>Jurelândia Rodrigues Dias<br/>Gerarazis José de Souza<br/>Eliano Santiago Teixeira Teles<br/>José Williams Santos Teles<br/>José Luiz dos Santos<br/>José Elias dos Santos<br/>Virgínia Barbosa Raimundo<br/>José Domingos dos Santos<br/>José Paulo Santos<br/>Maria Edilana dos Santos<br/>Maurício André dos Santos<br/>Alba Lipo da Costa<br/>MARIA BENEDITA dos SANTOS<br/>Maria Eli Santiago Teixeira<br/>Márcia de Melo Santos<br/>Claudete M<sup>te</sup> de Souza Chagas<br/>Alexsandro da Silva Melo<br/>Tatiane Santiago dos Santos<br/>Valdinei Estanislau Bezerra<br/>Sônia Cristina dos Santos<br/>Maurício dos Santos Neto<br/>Maurício Teófilo Silva Santiago<br/>Eliana Neto dos Reis<br/>Conceição dos Santos</p> | <p>Certifico que esse documento<br/>é a cópia fiel do original que<br/>me foi exibido.<br/>Lagarto SE AD de 07 de 2014<br/>O Tabelião</p> <p>Legado - Sérgio<br/>Racineide dos Santos<br/>Valéria Rosalva de Carvalho Souza<br/>Luiz Carlos Junior<br/>Tábella Substância<br/>Rêmios M. F. da Silva<br/>DO REGISTRO CIVIL DO<br/>CARTÓRIO DE<br/>Lagarto - S. P.<br/>SE AD 7002551</p> |



n.º alínea Para de Deus  
 Meire Almeida Santos  
 Adalberto Barbosa dos Santos  
 Patrícia Santiago dos Santos.  
 Agostinho dos Santos  
 Paulo Augusto dos Santos  
 Valdelice Santos Pereira  
 Rogério Maria dos Santos  
 António dos Santos  
 Ulisses da Silva  
 Cristiano Santiago de Souza  
 João Paulo dos Santos  
 José Maria dos Santos  
 António de Jesus Reis  
 Maria Leonice Santos Reis  
 Eulália Batista dos Santos  
 Jacinto dos Santos  
 Valdemira dos Santos Souza  
 João Carlos da Silva  
 José Carlos dos Santos  
 Geila Cristina C. Santos  
 Joséclide Leal Oliveira  
 Gabriela Gabriela Reis  
 Valdemir Calagano Bruno  
 Ulisses Calagano Bruno  
 Polício da Paizão Braga  
 Edmaria Maria de Jesus  
 Agostinho do Paizão Pereira  
 José de Oliveira  
 Valdemir Pereira de Sousa

Certifico que este documento  
 é a cópia fiel do original que  
 me foi exibido.  
 Lagarto 29 de 07 de 2014  
 O Tabelião



João Augusto de Aguiar

Aos vinte e um dias do mês de setembro  
 de mil novecentos e noventa e sete, às qua-  
 tize horas, na avenida Augusto Franco 238,  
 reuniram-se participantes de vários grupos  
 folclóricos com a finalidade de fundarem -



uma associação para desenvolver todas as modalidades folclóricas da cidade de Longato. Usando a palavra Senhor Gerson Santos Silva disse: Que esta associação vai reunir - junto aos poderes constituídos, as entidades privadas e as fundações meias para o surgimento do folclore na cidade de Longato. O folclore em nossa cidade é composto de grupo para-fun, grupo taurino, grupo Terno de Zabumba, Congarito, Reizado, São Gonçalo, Catolão de São-Joaõ, fogueiros, fogueiro-suje, Caladinhos, Marujada, Samba de Coco, Samba de roda, Pastoril, - Grupo máscara, Quadrilha, Capoeira, Elegância e os que possam surgir. Cada grupo terá o seu líder escolhido pela presidência da Associação, o líder é o responsável pelo grupo, para ensaios, indumentário, e ao que o grupo necessitar. Feitas as explicações do que é a associação. O senhor Hélio Batista dos Santos pediu aos presentes para indicarem o presidente da Assembleia, foi escolhido o senhor Arnival Romezes assumindo a função, convidou a senhorita Silvana Santiago Teixeira para secretária, o presidente da Assembleia explicou que o senhor Gerson Santos Silva no início desta Assembleia, falou da necessidade da criação desta Associação, assim sendo não é necessário de mais comentários a respeito, vamos passar para a eleição da Diretoria, concedo o tempo de trinta minutos para os presentes apresentarem chapas para concorrer a eleição do prazo deu Gerson Santos Silva apresentou a única chapa composta dos seguintes - nomes - Presidente - Gerson Santos Silva, vice-presidente - Hélio Batista dos Santos, 1º secretário - Sil-

SE AD 7002553

RECEBIMOS em caráter de depósito em nome de

Remetente: M. Prata Mendes  
 Tabelião Substituto  
 Luiz Carlos Junior  
 Valéria Rosina de Carvalho Souza  
 Escreventes Autorizados  
 Legário - Serpico

O Tabelião

Legatário

29 de 02 de 2014

Cartão de identificação

é a cópia fiel do original

meio eletrônico



Tesoureiro - Maria Benedita dos Santos; Diretor Social  
 Anatolio Garcia Moreno Sobrinho, Conselho fiscal - Claudete Maria  
 de Souza Chaga, José Willerms Santos Teles, José Val-  
 dir Santos, Joazez dos Santos Reis Maria Edilma  
 dos Santos, Elida Bispo da Cruz. Não havendo outra  
 Chapa para concorre, o senhor Antônio dos Santos  
 sugeriu que a eleição fosse por aclamação, o  
 senhor Locustival de Menezes presidente da Assembleia  
 colocou a proposta em votação, pediu para quem  
 tivesse de acordo com a votação por aclamação,  
 permanecendo sentados, não houve nenhuma restri-  
 ção, sendo eleitos os nomes acima citados. Na qua-  
 lidade de eleito o presidente eleito senhor Gerson  
 Santos Silva fez uso da palavra. Muito emocionado  
 o presidente disse: Que era um sonho que  
 sempre teve ter um órgão que defendesse os fel-  
 eleristas de Lagarto e do meu Estado de Sergipe,  
 agradeceu a confiança de todos e pediu ajuda de  
 todos que fazem fel elere, pois sozinho não somo  
 e por isso de nada, pediu a ajuda do nome bom -  
 Deus pois sem ele nada é possível. Nada mais ha-  
 vendo a tratar foi lavrada a presente ata que  
 vai assinada por mim que secretariei e pelo  
 presidente que a presidiu e os demais que a des-  
 fizerem. Silvano Santiago Teixeira Teles

## CERTIDÃO

Cartório de Registro Civil Gerson Santo Silva  
 Titulos e Documentos 3.º Oficial  
 Bel. Estelita Nunes de Oliveira  
 Legado - Sérgio

Certifico que às fls. 231 e do Livro  
 A nº 02 Pessoas jurídicas  
 sob nº. de ordem 548

foi registrada o presente documento.

Lagarto, 06 de novembro de 1997

Estelita Nunes de Oliveira

Bel. Estelita Nunes de Oliveira

OFICIAL DO REGISTRO CIVIL

TÍTULOS E DOCUMENTOS

Certifico que este  
 é a copia fiel do origi-  
 nal que foi exibido.  
 Lagarto 06 de 11 de 1997  
 O Tabelião



**Anexo 2 - Lei nº 7.432 de 05 de julho de 2012 que revalida a Lei nº 4.118 de 26 de agosto de 1999.**

## **LEI Nº 7.432, DE 05 DE JULHO DE 2012**

**Revalida o reconhecimento de Utilidade Pública Estadual e altera para "ASSOCIAÇÃO DAS ATIVIDADES FOLCLORISTAS DA CIDADE DE LAGARTO", a denominação da então Associação Folclórica de Lagarto, de que trata a Lei nº 4.118, de 26 de agosto de**

1999, com sede e foro na Cidade de Lagarto-SE.

Publicada no Diário Oficial Nº 26.520, do dia 11/07/2012

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE, Faço saber que a Assembléia Legislativa do Estado aprovou e que eu sanciono a seguinte Lei:

**Art. 1º** Fica revalidado, conforme dispõe a Lei nº 5.206, de 12 de dezembro de 2003, com as alterações introduzidas pela Lei nº 5.495, de 24 de dezembro de 2004, o reconhecimento de Utilidade Pública Estadual e alterada para "ASSOCIAÇÃO DAS ATIVIDADES FOLCLORISTAS DA CIDADE DE LAGARTO", a denominação da então Associação Folclórica de Lagarto, CNPJ Nº 02.231.855/0001-59, de que trata a Lei nº 4.118, de 26 de agosto de

1999, com sede e foro na Cidade de Lagarto-SE, endereçada na Travessa do Grupo, nº 111 - Bairro Horta.

**Art. 2º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**Art. 3º** Revogam-se as disposições em contrário.

República.

Aracaju, 05 de julho de 2012; 191º da Independência e 124º da

JACKSON BARRETO LIMA GOVERNADOR DO ESTADO, EM EXERCÍCIO

Francisco de Assis Dantas  
Secretário de Estado de Governo

Iniciativa da Deputada Ana Lúcia - PT

.fixar { position:fixed; margin-top: -400px !important; \_margin-left: 320px; margin-left: 380px; padding-top:15px; background-color: #fff !important; } #select-art { \_margin-top: 15px; width: 300px; position:absolute; display: none; margin-left: 320px; } #scrollable-content { max-height: 200px; overflow: auto; padding: 3px; }



**Anexo 3 - Lei n.º 76 de 07 de junho de 2002.**



**ESTADO DE SERGIPE**  
**PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGARTO**  
**GABINETE DO PREFEITO**

**PUBLICAÇÃO**  
Publicado(a) em 07 / 06 / 2002  
Lagarto, 07 de 06 de 02  
\_\_\_\_\_  
FUNÇÃO N.º 1 (A)

LEI Nº 76 / 02  
DE 07 DE JUNHO DE 2002

RECONHECE DE UTILIDADE PÚBLICA A  
"ASSOCIAÇÃO DAS ATIVIDADES FOLCLORISTAS DA  
CIDADE DE LAGARTO" E DÁ PROVIDÊNCIAS  
CORRELATAS.

**O PREFEITO MUNICIPAL DE LAGARTO, ESTADO DE SERGIPE:**

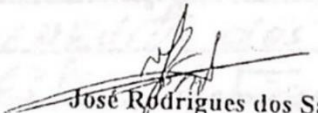
Faço saber que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica reconhecida de utilidade pública a "ASSOCIAÇÃO DAS ATIVIDADES FOLCLORISTAS DA CIDADE DE LAGARTO", com sede e foro jurídico nesta cidade de Lagarto, Estado de Sergipe.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogando-se as disposições em contrário.

**GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE LAGARTO, em 07 de**  
**junho de 2002.**

  
José Rodrigues dos Santos  
Prefeito Municipal

Anexo 4 - Lei n.º 15 de 04 de dezembro de 2004.



**GOVERNO DO MUNICÍPIO  
PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGARTO  
GABINETE DO PREFEITO**

**LEI Nº 153/04  
DE 30 DE DEZEMBRO DE 2004**

Inclui no currículo das escolas públicas municipais a disciplina **Cultura Lagartense** e institui providências afins.

**O PREFEITO MUNICIPAL DE LAGARTO, ESTADO DE  
SERGIPE:**

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

**Art. 1º - Fica incluída na Parte Diversificada do Currículo das escolas públicas municipais, Ensino Fundamental e Médio, a disciplina Cultura Lagartense.**

**Art. 2º - A equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura elaborará o conteúdo programático da disciplina, dando enfoque particularmente à obra dos ilustres lagartenses que se destacaram nos mais diversos ramos do conhecimento humano.**

**Art. 3º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.**

**GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE LAGARTO,  
em 30 de dezembro de 2004.**

  
**JOSE RODRIGUES DOS SANTOS  
PREFEITO**

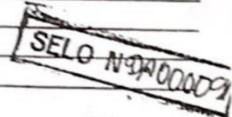
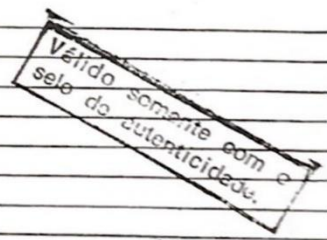


## Anexo 5 - Ata de Assembleia Geral extraordinária de afastamento e posse da nova presidência.

### ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO PRIMEIRO ADITIVO DE ALTERAÇÃO DO ESTATUTO SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO DAS ATIVIDADES FOLCLORISTA DA CIDADE DE LAGARTO - SERGIPE.

Aos treze dias do mês de novembro do ano de dois mil e cinco (2005), às 14:00 horas na sede da Associação situada na travessa do Grupo, nº 111 - Povoado Horta - zona rural - nesta cidade. Verificando o número legal de sócio a Srª RISOMAR SILVA, a secretária deu início aos trabalhos às 14:00 horas. Colocando em pauta a ordem do dia: resolver problemas de alteração do Estatuto da Associação (ASFLAG), afastamento do atual presidente e problemas com a sede e mensalidades pagas anteriormente pelos sócios, a Srª RISOMAR SILVA, ainda usando da palavra apresentou representante de cada grupo folclórico, e em seguida a pedido dos associados, passou a palavra a Srtª. RAIMUNDA CORREIA MONTEIRO (Técnica em Contabilidade). Onde a mesma falou sobre a necessidade de alterar o Aditivo Social desta Associação, uma vez que o Estatuto já se fazia necessário especificar, acrescentar e atualizar alguns artigos, letras, incisos ao novo Código Civil. Ainda por solicitação dos sócios a Srtª. RAIMUNDA CORREIA MONTEIRO, explicou de forma que todos pudessem entender, e as respostas foram aceitas pelos sócios em unanimidade. Ainda foi discutido nesta Assembleia Geral que através de solicitação dos associados, o afastamento do atual presidente o Sr. GERSON SANTOS SILVA, por motivo de saúde e sendo eleita à presidência a Srª. MARIA IONE DO NASCIMENTO. Onde já do conhecimento de todos presentes, inclusive do atual presidente o Sr. GERSON SANTOS SILVA, que a partir desse momento passou a presidência para a Srª. MARIA IONE DO NASCIMENTO, que foi aprovada por unanimidade e com mais de dois terço dos associados, ficou aqui registrado os novos membros da Diretoria: Presidente - Srª. MARIA IONE DO NASCIMENTO, Vice-Presidente - EDER CLAUDIO FERREIRA SANTANA, Primeira Secretária - RISOMAR SILVA, Segunda Secretária - OLIVETE MARIA DE JESUS SANTOS, Primeiro Tesoureiro - JOANA ANDRADE SOBRINHA, Segundo Tesoureiro - JOSEFA CRISTINA RODRIGUES DA SILVA, Conselho Fiscal - LEOSDETE PATRÍCIA DE OLIVEIRA LEMOS, Conselho Fiscal - MARIA IZABEL DOS SANTOS, Conselho Fiscal - JUVENAL BISPO DOS SANTOS, Conselho Fiscal - JOSE DA CRUZ BARBOSA. E não havendo nada mais a tratar eu, RISOMAR SILVA, Secretária desta Associação, lavrei a presente Ata que vai por mim e pelos membros da Diretoria assinada, e pelos sócios presentes na página seguinte. Lagarto, (Se) 13 de novembro de 2005.

Primeira Secretária: Risomar Silva  
 Presidente destituído: Gerson Santos Silva  
 Presidente eleito: Maria Ione do Nascimento  
 Vice - Presidente: Eder Claudio Ferreira Santana  
 Segunda Secretária: Olivete M. de Jesus Santos  
 Primeiro Tesoureiro: Joana Andrade Sobrinha  
 Segundo Tesoureiro: Josefa Cristina R. da Silva  
 Conselhos Fiscais: Jose da Cruz Barbosa  
Maria Izabel dos Santos  
Leosdete Patricia de Oliveira Lemos  
Juvenal Bispo dos Santos



**CERTIDÃO**  
 Certifico que às fls. 221 do Livro  
 1407 Pessoas jurídicas  
 sob nº de ordem 1176  
 foi registrado o presente documento.  
 Lagarto, 09 de dezembro de 2005

Belª Estelita Nunes de Oliveira  
 Oficial do Registro Civil, Notas,  
 Títulos, Documentos e Pessoas Jurídicas  
 ESCRIVENTE  
 Lagarto - Sergipe

Josefa Nemes de Siqueira Gomes  
 Belª Estelita Nunes de Oliveira / Escrivente  
 OFICIAL DO REGISTRO CIVIL, NOTAS,  
 TÍTULOS, DOCUMENTOS E  
 PESSOAS JURÍDICAS

Anexo 6 - Lei n.º 321 de 05 de abril de 2010.



ESTADO DE SERGIPE

**PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGARTO**

**LEI N.º 321**  
**DE 05 DE ABRIL DE 2010**

**PUBLICAÇÃO**  
 Publicado(a) em 05 de 04 de 2010  
 Lagarto 05 de 04 de 10  
 \_\_\_\_\_  
 FUNCIONÁRIO(A)

Institui, no calendário cívico-cultural do Município de Lagarto, o **Dia da Lagartinidade**, e dá providências correlatas.

**O PREFEITO MUNICIPAL DE LAGARTO, Estado de Sergipe,**

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

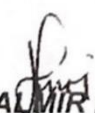
**Art. 1º.** Fica instituído, no calendário cívico-cultural do Município de Lagarto, o **Dia da Lagartinidade**, a ser comemorado anualmente no dia 20 de outubro, em alusão à data de fundação da Vila de Nossa Senhora da Piedade, em 1697.

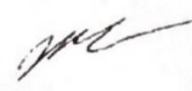
**Art. 2º.** O **Dia da Lagartinidade** deve envolver a realização de atividades cívico-culturais, destacando a valorização das tradições da gente lagartense, assim como reflexões sobre a importância histórica e social de Lagarto no desenvolvimento do Estado de Sergipe.

**Parágrafo único.** As comemorações e as atividades pertinentes ao **Dia da Lagartinidade** devem ser coordenadas pela Secretaria Municipal da Educação – SEMED, em articulação com a Secretaria Municipal da Cultura, da Juventude e do Esporte – SECJESP.

**Art. 3º.** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Lagarto, 05 de abril de 2010; 189º da Independência e 122º da República.

  
**JOSÉ VALMIR MONTEIRO**  
**PREFEITO MUNICIPAL**





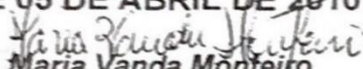


ESTADO DE SERGIPE

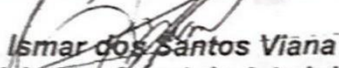
## PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGARTO

## LEI N.º 321

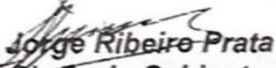
DE 05 DE ABRIL DE 2010

  
Maria Vanda Monteiro

Secretária Municipal da Educação

  
Ibrain Silva MonteiroSecretário Municipal da Cultura,  
da Juventude e do Esporte  
Ismar dos Santos Viana

Secretário Municipal da Administração

  
Jorge Ribeiro Prata

Secretário Chefe do Gabinete do Prefeito



## Anexo 7 - Transcrição da entrevista com Maria Ione do Nascimento

Áudio número 01 com tempo de transcrição de 08 minutos e 05 segundos.

**IONE:** Diz ele que era frei, mas não sei o que ele era não. Sei que ele usava o cordão de São Francisco, a finada Joaquina a gente foi, né, só que ficou devendo o carro e não pagou de jeito nenhum, parece que na terceira vez. A gente foi a primeira, a segunda, e tudo o certo; na terceira, ele deu calote. Nós fomos atrás dele com a finada Joaquina no esquisito brabo lá no fim do disconjuro, ele, além de ser religioso, diz ele que tem um centro sei lá de quê? Aí ele disse que a gente estava fazendo errado que o estandarte de São Benedito não era para ir na frente...

Mas ... A gente ficou imaginando! Por que o estandarte não pode na frente porque a gente está vendendo apresentação uma coisa lá um negócio lá que ele disse, só sei que ele disse em que a gente tava fazendo errado, né? E eu escuto muitas pessoas que vive na igreja né, que sabe E que diz né, aí eu fiquei imaginando, meu Deus será que a gente tava fazendo o certo mesmo ou se tava fazendo errado. Mas a finada dona Joaquina ainda era viva e falei pra ela vamos colocar andor no meio, vamos botar... Colocar no meio, porque parecia uma coisa, André. Sempre dava alguma coisa errada todo dia ia para um lugar todo dia era uma coisa, terminava que não dava pra fazer nada. Será que esse homem está falando a verdade? O estandarte da gente não é pra ir na frente. Aí a questão é essa, mas como a gente vive o profano, a gente não bota tudo no lugar.

**ANDRÉ:** (risos) Isso! (risos)...

**IONE:** Por que a gente levava, é... Levava o estandarte levava o andor, fui levava tudo em frente ou atrás ou no meio...

**ANDRÉ:** E outra coisa que eu achei bem interessante foi que a menina que levava sempre, na verdade não era a menina, era dona Joaquina que levava o andor, ela vinha vestida de baiana, e aí vêm os capacetes que é os batedores de espadas e faltou as lacraias, que na verdade as lacraias usava... Na verdade, na última vez que eu vi as lacraias, a última vez tem 25 anos.



**IONE:** E nem coisou... nem na época de finado tinha lacraias.

**ANDRÉ:** As lacraias, que na verdade as duas Taieiras de dona Cicinha não, de dona Zefinha do centro do Idoso e a de Gerson, e depois apareceu as Carnavalescas de Nete, então as de Zefinha ela tinha as questões do... do... das lacraias tinha, tem no nosso problema é que seu Gerson nunca quis colocar as meninas segurando a sombrinha que era um sombreiro que ele tinha azul não sei se a senhora lembra?...

**IONE:** Não cheguei a enxergar, não cheguei a ver não, não lembro!

**ANDRÉ:** Era um sombreiro azul grande e tinha lindo, era muito bonito, que era pra andar atrás do rei e da rainha

**IONE:** Ele nunca levou esse sombreiro lá em Olímpia, nem nos vídeos que tem em Olímpia a gente viu esse sombreiro.

**ANDRÉ:** Então, seu Gerson, ele na verdade era muito carnavalesco, e com que sentido? As coisas quando era certo ele não queria usar certo por que ele queria ter a visão dele que ele disse que aprendeu com Soledade. D. Soledade. E aí, como era uma pessoa muito respeitosa por que trabalhou no Mobral em 1971. Aí foi quando ela começou resgatar a questão do folclore junto com o seu Roberto Fonseca e a esposa dele.

**IONE:** Deixa eu falar na questão do Mobral. No enterro do meu padrinho, o irmão de Raí do caldo de cana, no mês passado encontra Edmundo. Edmundo foi meu professor. E ele disse: “eu tenho um material pra entregar, que é dos Parafusos, porque foi eu quem fiz!” Dizendo ele. Como eu trabalhava no Mobral, eu descobri muita coisa que não tem nada a ver com o parafuso de Adelmo.

Eu disse a ele não sei, eu tô seguindo o que eu aprendi, não sei o que foi o que não foi por que não estudei no Mobral para saber!

“Não, eu sei”, ele disse.

E eu disse e eu falei por que então ainda não me deu? O que essas coisas é pra ontem é não pra hoje nem amanhã e nem depois, ninguém sabe. E ele falou que ia me dar e até o dia de hoje.

**ANDRÉ:** Então eu vou procurar seu Edmundo, porque eu posso pedir à Wanda com a cara mais linda do mundo! Sim... E aí com as Taieiras, D. Ione, o que a gente precisa é fazer um estudo mais aprofundado, a gente precisa não é modificar, mas realmente fazer um estudo aprofundado e graças a

senhora que gente tem essa tradicionalidade que as Taieiras não é mais folclórica nem parafolclórica, ela pertence ao grupo da cultura popular porque quando a gente começar a dividir...

**IONE:** Glória a Deus!!!

**ANDRÉ:** É dividir o que é folclore e parafolclore, mas o que é folclore é algo que é uma manifestação do povo e sofre modificação, imagine um tecido que era usado há 200 anos atrás...

**IONE:** Tem condições?????

**ANDRÉ:** Hum... Bora lá, só podia dançar negras...

**IONE:** Tem condições?????

**ANDRÉ:** Bora lá...E as rainhas tinham que ser virgens...

**IONE:** Eu acho que nem as de laranjeiras era mais virgem!

**ANDRÉ:** (risos)... E a gente tem que voltar pra cá. Então, peças que são das Taieiras nós só precisamos de dois ensaios. Aí eu vou explicar a senhora, conversar e uma outra coisa que eu achei bem bonito, que a gente vai pesquisando. Tem um coral que canta as Taieiras que é a coisa mais linda, é um coral do Rio de Janeiro porque as Taieiras saíram de Santo Amaro vieram para Sergipe foram para Alagoas, subiram Pernambuco, e depois surge no Rio de Janeiro, então esse surgimento das Taieiras ele nos dão um olhar de que a música que é a parte fundamental da louvação, ela sofreu , ritmo, e também sofreu a parte modificação do modo de falar d povo. ETA!!, maracatu a gora, é no “Ê, É, MARACANU Ê, COLONIA AFRICANA TODOS VENHAM VER, TAIEIRAS... aí tem um lugar que é TÊ, TÊ MARACANUÊ, si vai no “T”

**IONE:** A gente não tem não no “t”.

**ANDRÉ:** Então, por quê? Por que a nossa linguagem já é uma linguagem do“Ê” E eu comprei o disco das Taieiras de 1971. Vai chegar quinta feira, com as graças de Deus. Minha irmã tá trazendo, porque eu consegui numa loja do Rio de janeiro. No site, era \$ 800,00 o disco; eu consegui por \$ 45,00, e a mesma obra, que é difícil de achar.

**IONE:** Olha que diferença...

**ANDRÉ:** E a mesma obra, e é difícil de achar, obra das Taieiras. Lembra quando perguntei a senhora se tinha uns discozinhos, uns LPs antigo, que seu Gerson tinha?

**IONE:** Então... A gente tem tudo. Aqueles LPs que Rodrigo foi quem salvou, porque a irmã queimou um bocado de coisa, ela tanto queimou quanto deu fim, inclusive um quadro belíssimo, que eu não sei o que foi que ela fez com esse quadro que ele ganhou lá nos Parafusos em Olímpia, né. Agora, é aqueles LPs pequenininho, é?

**ANDRÉ:** Sim...

**IONE:** Que a gente fez ou de fazer um trabalho para colocar no DVD, pra passar pro DVD e nunca se interessou. Mas a gente tem um monte daqueles pequetito assim, sei lá como é que se chama, mas a gente tem.

**ANDRÉ:** Desse tamanho os discos?

**IONE:** É.

**ANDRÉ:** A senhora tem algum guardado?

**IONE:** Tem sim, tem uma caixa ali *guardado*. Pois...

**ANDRÉ:** Pronto, eu quero ver depois, para minha pesquisa. Mas eu tenho algumas perguntas pra fazer para a senhora, até vai ser a nossa segunda etapa.

## **Anexo 8 - Transcrição da entrevista com Lindalva Maria Santos Oliveira**

Áudio número 02 com tempo de transcrição de 02 minutos e 39 segundos.

**ANDRÉ:** Bom dia. Hoje estou com a amiga das Taieiras. Como é o nome da senhora completo?

**LINDALVA:** Lindalva Maria Santos Oliveira

**ANDRÉ:** A idade da senhora?

**LINDALVA:** 73.

**ANDRÉ:** Quanto tempo a senhora já está nas Taieiras?

**LINDALVA:** Eu tenho mais ou menos, eu tenho mais de 12 anos, eu tenho uns 13 ora 14 por aí, é.

**ANDRÉ:** Qual a importância das Taieiras para a senhora?

**LINDALVA:** É uma brincadeira que dá alegria a gente, e pior eu que sou alegre com tudo, todo mundo gosta de mim e eu sou muito alegre graças a Deus!

**ANDRÉ:** Mas as Taieiras significam o que para a senhora?

**LINDALVA:** Alegria, né?

**ANDRÉ:** Alegria... Me diga uma coisa: dentro do grupo, qual o personagem que a senhora representa?

**LINDALVA:** Rapaz... Eu acho que é tudo... Eu não tenho escolha, o que botar, eu estou dentro.

**ANDRÉ:** Mas hoje a senhora é Taieiras, e a senhora já foi guia alguma vez?

**LINDALVA:** Não.

**ANDRÉ:** A senhora na Taieiras leva o que na mão?

**LINDALVA:** Às vezes aqueles chucalhinhos, às vezes, ou então as espadas. Essa semana, eu levei a espada.

**ANDRÉ:** Pronto. E o estandarte das Taieiras como é que vê as danças, os passos, é fácil, é difícil, tem uma regra?

**LINDALVA:** Pra mim é fácil, porque abasta ela dar uma explicação que eu já entendo, mas tem hora que eu erro.

**ANDRÉ:** Por que a senhora se empolga com a dança?

**LINDALVA:** André, sabe por que ela se empolga? Não está gravando não, né?

**ANDRÉ:** Tô (risos). Então... A senhora, na regra da dança, a senhora tava como Taieira. Me conte uma experiência de quando você entrou no grupo, como a senhora foi recebida, onde a senhora gostou mais se dançar...

**LINDALVA:** Se eu dizer a você, André, que eu não gosto de dançar, e todos os grupos ela bota eu para dançar...

**ANDRÉ:** Mas, assim... Onde foi o lugar que a senhora dançou e gostou, e se emocionou?

**LINDALVA:** Mas na Olímpia eu nunca fui.

**ANDRÉ:** Nunca foi para Olímpia?

**LINDALVA:** Não, eu fui com ela e, se eu gostei demais, os homens, as moças tudo gosta de mim. Os menino lindo!

**ANDRÉ:** Qual é a emoção de dançar as Taieiras? Pra senhora, o que é Taieiras?

**LINDALVA:** Esse daí eu não sei dizer, não.

## **Anexo 9 - Transcrição da entrevista com Rosimeire Leite da Costa**

Áudio número 03 com tempo de transcrição de 11 minutos e 43 segundos.

**ANDRÉ:** Eu tô com uma amiga das Taieiras. Nome completo da senhora?

**ROSIMEIRE:** Rosimeire Leite da Costa.

**ANDRÉ:** Qual a sua idade?

**ROSIMEIRE:** 63 anos

**ANDRÉ:** Tem quanto tempo que a senhora brinca nas Taieiras?

**ROSIMEIRE:** Uns dez anos.

**ANDRÉ:** Conte como foi que a senhora conheceu as Taieiras?

**ROSIMEIRE:** Bom... Eu conhecia Taieiras assim... Bem... Eu sempre ouvia falar que eu moro em Aracaju, né, mas participo com muito amor aqui ao folclore. Eu sempre ouvi falar nos Parafusos e nas Taieiras, que era o que mais a gente ver falar que é o mais importante. E assim eu tinha sempre vontade de vir conhecer. Aí, foi uma época que eu estava com muita ansiedade, com problemas de depressão, então eu conheci uma amiga que me trouxe aqui, e aqui eu fiquei. E amo as Taieiras.

**ANDRÉ:** Então, as Taieiras pra senhora foi uma cura? Então, conte um pouquinho dessa experiência. Quando a primeira vez que a senhora entrou, como foi que a senhora sentiu?

**ROSIMEIRE:** Olhe, a primeira vez que eu dancei Taieiras foi em Laranjeiras. Eu nunca tinha dançado. Então, quando eu cheguei lá, a Ione me botou com a espada, e eu disse: e agora? Mas São Benedito vai me ajudar que eu vou aprender, e no fim ele me ajudou até o final, batendo as escadas certinho e estou hoje como guia, com muito prazer... E só tem uma coisa que eu sinto muito na hora da dança de São Benedito, que é na hora da entrada, que eu lembro muito da minha companheira que já foi. Ela faleceu. Então, nessa hora que vem entrando, que tem aquela música... "SÃO BENEDITO, A SUA CASA CHEIA..." Ali, pra mim, é a hora que eu mais lembro. E é muito linda essa música de São Benedito.

**ANDRÉ:** A senhora já foi a Taieiras, e a senhora é guia. Qual a responsabilidade da senhora como guia?

**ROSIMEIRE:** A responsabilidade da guia é muito grande. É uma coisa que a gente tem que guiar certinho e sempre olhar para os lados um pouco, pois a gente te não pode falhar. Eu sempre lembro antes de ser eu guia, e a gente tava dançando ela só fazia olhar, ela havia assim eu já fazia certo. E hoje a mesma coisa, quando eu tô de guia eu também já fico olhando e quando gente já vai fazer o final eu olho um pouco para elas e ver aquela entrada que ficou muito lindo. Que é a meia-lua ... ficou muito lindo. Só teve uma coisa que eu sei que São Benedito vai perdoar, e já perdoou... A gente entendeu... O castigo foi na nossa mestre, que foi muita coisa, muita coisa e ela faz de coração, então é muita coisa pra cabeça dela.

**ANDRÉ:** Me conte a primeira vez que a senhora viajou para outro lugar, que a senhora vestiu a Taieiras e a representou.

**ROSIMEIRE:** Ah! Foi em Olímpia.

**ANDRÉ:** A senhora lembra o ano?

**ROSIMEIRE:** O ano, eu não lembro, só sei que foi em Olímpia. E foi uma emoção muito grande da nossa cidade Lagarto, e ali eu senti como se tivesse mesmo assim dentro de um paraíso, cantando São Benedito.

**ANDRÉ:** Me diz uma coisa: o traje tem uma tradicionalidade. A senhora vestiu a roupa das Taieiras; hoje, a roupa de guia. Qual a diferença de uma roupa para outra?

**ROSIMEIRE:** Assim... A diferença é muita, porque a das Taieiras é uma representação muito bonita, que é branca com aquelas fitas que chama mesmo, mas também tem a vermelha, que a gente vai como a certinha, representando as flores, que é a saia vermelha, e pra mim todas as duas é bom.

**ANDRÉ:** Qual a importância do rei e da rainha na sua concepção de grupo?

**ROSIMEIRE:** Olhe, é muito importante ter uma rainha e um rei. Porque toda vida que eu conheço teve um rei e uma rainha, então são muito importantes, principalmente quando aquela rainha bem morenona que fica linda, linda, linda. Mas hoje muitas se foram. Tá difícil de encontrar porque a maioria não quer, então, tá difícil demais. Aí a



nossa mestra coloca representando a branca ou a morena. Por quê? Porque é uma coisa que tem que ter a rainha, e ela coloca o que tem e o que pode, e representa muito bem.

**ANDRÉ:** A senhora acha que a cor da pele interfere na apresentação das Taieiras.

**ROSIMEIRE:** Assim... Da rainha?

**ANDRÉ:** Como um todo.

**ROSIMEIRE:** Assim... Eu acho que a rainha interfere, assim, porque ela é morena, e as outras não. Porque o que importa é a gente ter a alegria de dançar as Taieiras, de levar a cantoria linda que deixa a gente leve, emocionada. É isso que eu acho.

**ANDRÉ:** Como a senhora vê a permanência e atrair jovens para o grupo?

**ROSIMEIRE:** Eu acho que hoje precisa trazer jovens, que as mães, os professores de escola deviam incentivar para o grupo. É muito bom, porque ou do que a gente está hoje vivendo, então a gente tem que ter alguma atividade, como o grupo das Taieiras... Então, eu acho muito importante os jovens procurar um grupo.

**ANDRÉ:** Nesses dez anos, a senhora ouviu essa história das Taieiras de Lagarto por quem? A senhora pode relatar um pouquinho quem foi que convidou a senhora e como foi a recepção da senhora no grupo? Como foi sua experiência, conta pra nós.

**ROSIMEIRE:** Pra mim, essa experiência foi muito boa. Fui recebida com todo amor e todo carinho por d. Ione, que é a mestra do nosso grupo. Eu me sinto como se estivesse em casa, porque ela trata todos do mesmo jeito e tudo bem. Só tem uma coisa que às vezes a gente sai um pouquinho, aí ela dá um pouquinho de chamada. Não é bronca, é chamada... Mas é bom. Eu vejo que estou errada, eu não vou errar mais, me desculpe. Eu sou assim. Eu, muitas das vezes eu fico, mas depois ...

**ANDRÉ:** Mas quem foi que trouxe a senhora? Alguém de Aracaju ou alguém daqui? Quem foi que chamou a senhora pra vir junto?

**ROSIMEIRE:** Pra me trazer, foi de Aracaju, que ela é brincante daqui.

**ANDRÉ:** Quem é?

**ROSIMEIRE:** Ofenísia, que me trouxe, e aqui hoje estou.

**ANDRÉ:** Qual foi a importância de Ofenísia pra senhora?

**ROSIMEIRE:** A importância do convite de Ofenísia que é assim. A gente se conhecia de muito tempo, e quando ela via que eu estava com um problema, aí ela chegou e disse: “Você quer participar do grupo que eu estou?” Eu disse: “Quero”. “Mas a gente viaja...” E eu perguntei: “sim, e as roupas?”. Ela falou que não era para se preocupar com nada, que tudo tinha na associação. E foi assim que ela me trouxe aqui. Porque eu já estava no início de uma depressão e, então, eu hoje me sinto muito bem, muito bem. E foi o que me curou. Eu estar aqui hoje dançando as Taieiras.

**ANDRÉ:** Essa semana foi uma semana de emoção... A associação fez reconhecimento da sua mestra quanto para o grupo Parafuso, e a senhora estar presente. O que significa isso pra senhora?

**ROSIMEIRE:** Isso significa muito bom. Passamos já dois anos ou três anos que a gente não dança, e pra mim foi o maior prazer estar aqui dançado as Taieiras no dia do aniversário da cidade de Lagarto. Então, foi um convite especial muito bom.

**ANDRÉ:** E a senhora ver Dona Ione, sua mestra, o Parafuso, que faz parte da associação, receberem a Comenda Daltro, O que a senhora achou disso?

**ROSIMEIRE:** Eu achei uma coisa muito linda, muito importante. Achei lindo demais quando a gente vê dançado os Parafuso e as Taieiras. Eu me sinto muito feliz, muito bonito e muito bem e feliz.

**ANDRÉ:** A senhora já me falou que tem uma música que a senhora já cantou o refrão, mas quando canta a música “quem é aquele santo.”

**ROSIMEIRE:** É o santo São Benedito.

**ANDRÉ:** Qual é o trecho “QUEM É AQUELE SANTO QUE VEM NO ANDOR”?

**ROSIMEIRE:** “QUEM É AQUELE SANTO QUE VEM NO ANDOR, É SAO BENEDITO O NOSSO LOUVOU OU NOSSO SENHOR... TAIEIRAS...

**ANDRÉ:** Me conte um pouquinho como foi que a senhora conheceu as Taieiras? Como surgiu as Taieiras? (sussurros)...

**ROSIMEIRE:** Rapaz, a história que eu via era no tempo de minha avó, dos meus avós e minhas tias, que diziam que existia essas Taieiras. Eu só ouvia falar, mas nunca cheguei a conhecer, mas hoje eu faço parte delas, com todo coração e com todo amor.

**ANDRÉ:** Perfeito. Perfeito. Muito obrigado, Meire por nossa entrevista. Tenha certeza que você vai contribuir muito para minha apresentação.

**ROSIMEIRE:** Com certeza.

## Anexo 10 - Transcrição da entrevista com Dionísia Lisboa dos Santos

Áudio número 04 com tempo de transcrição de 06 minutos e 15 segundos.

**ANDRÉ:** Qual o nome da senhora completo?

**DONA DIOR:** Dionísia Lisboa dos Santos.

**ANDRÉ:** A senhora nasceu em que ano? A senhora lembra?

**DONA DIOR:** Eu nasci no dia 10 de julho de 1941.

**ANDRÉ:** Coisa linda! A senhora tem muita experiência... Incrível, dona Dior, me conta um pouquinho da sua história dentro das Taieiras. Como foi que a senhora entrou nas Taieiras?

**DONA DIOR:** Menino, eu entrei nas Taieiras. Foi bom demais! (risos)

**ANDRÉ:** A senhora é uma das mais antigas nas Taieiras, e quem foi que levou a senhora para as Taieiras?

**DONA DIOR:** Não precisou levar, não. Eu fui como a turma, nós fomos assim uma turma...

**ANDRÉ:** Uma turma de amigas, pronto! A senhora lembra uma parte importante das Taieiras, da brincadeira, como era a dança das Taieiras? Alguma música que a senhora lembra?

**DONA DIOR:** Eu sei algumas músicas, agora eu não tô lembrada.

**ANDRÉ:** Normal... A senhora lembra da finada Dona Santinha, da rua da Caridade. Tinha Finha, Santinha, era todas suas amigas que cantavam...

**DONA DIOR:** Todas minhas amigas.

**ANDRÉ:** Vou cantar um refrão para ver se a senhora se lembra “QUEM É AQUELE SANTO QUE VEM COM NO ANDOR, É SÃO BENEDITO COM NOSSO SENHOR... TAIEIRAS...”

**JUNTOS:** “AH! JESUS DE NAZARÉ, TAIEIRAS, AH! JESUS DE NAZARÉ... TAIEIRAS...”

**ANDRÉ:** “QUEM É AQUELE SANTO QUE VEM ACOLÁ, É SÃO BENEDITO QUEM VEM APARA ALTAR, TAIEIRAS...”

**JUNTOS:** “AH! JESUS DE NAZARÉ, TAIEIRAS, AH! JESUS DE NAZARÉ... TAIEIRAS...”

**ANDRÉ:** É uma das músicas que eu acho mais bonitas das Taieiras.

**JUNTOS:** “AH! JESUS DE NAZARÉ, TAIEIRAS, AH! JESUS DE NAZARÉ...  
TAIEIRAS...” SENHORA RAINHA, RABO DE TAINHA.

**DONA DIOR:** Hoje na cama amanhã na cozinha, Taieiras...

**JUNTOS:** “AH! JESUS DE NAZARÉ, TAIEIRAS, AH! JESUS DE NAZARÉ...  
TAIEIRAS...” SENHORA RAINHA, RABO DE TAINHA.

**ANDRÉ:** A senhora lembra que Dona Santinha era a rainha? Ela vinha com o rei debaixo do paládio, que era aquela cobertura que sai o santo e a senhora lembra um momento bem bonito do desfile que a senhora dançava? Tinha uma moça chamada Gorda, que o povo chamado de Gorda, mas ela era bem magrinha. A senhora dançou com o povo de Monteiro, a senhora dançou com d. Soledade também?

**DONA DIOR:** Não sei.

**ANDRÉ:** Com Gerson?

**DONA DIOR:** Também não sei.

**ANDRÉ:** Mas a senhora lembra que foi uma fase muito linda da vida da senhora, não lembra?

**DONA DIOR:** Ave Maria! Era a coisa mais linda do mundo!

**ANDRÉ:** A senhora, quando era menina, a senhora lembra de ter visto alguma vez as Taieiras em Lagarto?

**DONA DIOR:** Oxem...

**ANDRÉ:** Era na Igreja do Rosário que a senhora via?

**DONA DIOR:** Era.

**ANDRÉ:** Então, eu sei que a senhora é bem importante para a parte cultural da nossa cidade. Eu sei que a senhora foi Verônica, durante muitos anos.

**ALGUÉM:** Oxente... ela cantou!

**ANDRÉ:** Cantou? Que coisa linda! E qual a importância que a senhora dá, dona Dior, a todas essas memórias boas que vai e volta. É normal, por conta da idade, mas quando a senhora vê a sua neta dançando, o que a senhora fica por dentro?

**DONA DIOR:** Eu fico, Ave Maria! Eu fico... Eu não sei nem dizer com o é que eu fico.

**ANDRÉ:** Fica feliz, não é?

**DONA DIOR:** Feliz da vida! (risos)

**ANDRÉ:** A brincadeira das Taieiras lhe trazia paz por dentro?

**DONA DIOR:** Demais.

**ANDRÉ:** E os milagres de São Benedito na vida da senhora, foi muito? (canto) “SÃO BENEDITO A TUA CASA CHEIA, O CRAVO E A ROSA E A FLOR DE LARANJEIRA”... Então, toda essas demonstrações das cantigas que a senhora via uma Lagarto em que as Taieiras eram valorizadas.

**DONA DIOR:** Era muito!!!

**ANDRÉ:** senhora guardar alguma fotografia vestida de Taieiras?

**DONA DIOR:** Menino, eu não sei se ainda agora, eu não sei se ainda tenho.

**ANDRÉ:** Pronto, depois eu pergunto à sua menina. Mas, d. Dior, o que a senhora deixaria de lembrança ao ver tantos jovens hoje sem querer viver a cultura, sem querer ver uma coisa sadia que era ver as Taieiras?

**DONA DIOR:** Meu fio! Ninguém tá querendo mais, né? Ninguém quer mais fazer essas coisas.

**ANDRÉ:** Só quer coisa ruim.

**DONA DIOR:** É... Só quer isso, mas as *Taieiras* é muito bacana.

**ANDRÉ:** Que bom, d. Dior, falar com a senhora nessa tarde tão maravilhosa!

**DONA DIOR:** (canto) “QUEM É O SANTO QUE VEM NO ANDOR... É SÃO BENEDITO O NOSSO SENHOR, TAEIRAS... AH! JESUS DE NAZARÉ, TAIEIRAS...”

**DONA DIOR:** Tinha outra que era assim... É...

**ANDRÉ:** Depois a senhora lembra.

## **Anexo 11 - Transcrição da entrevista com Olivete Maria de Jesus Santos**

Áudio número 05 com tempo de transcrição de 15 minutos e 02 segundos.

**ANDRÉ:** Bom dia. Hoje eu estou com uma das componentes das Taieiras, e vou fazer algumas perguntas a ela, sobre a importância das Taieiras pra ela e como ela se vê. O nome completo?

**OLIVETE:** Olivete Maria de Jesus Santos

**ANDRÉ:** Qual a sua idade?

**OLIVETE:** 64.

**ANDRÉ:** E a senhora começou a brincar Taieiras quando? Ou como foi que a senhora descobriu as Taieiras?

**OLIVETE:** Eu comecei em 2002, mas eu já conhecia as Taieiras porque minha mãe já dançava nas castanheiras há muitos anos, e depois da cirurgia dela eu fui convidada a viajar com ela para um festival em Olímpia, e de lá eu fiquei nas Taieiras até hoje.

**ANDRÉ:** E sua mãe é referência como tudo!

**OLIVETE:** É... Ela é referência.

**ANDRÉ:** Fala um pouquinho de sua mãe nas Taieiras na parte é... Fala um pouquinho em ser Taieiras.

**OLIVETE:** Para minha mãe, era a coisa mais importante na vida dela, porque se tivesse uma dança de Taieiras pra ela ir e ela não pudesse ir, ela adoecia. Ela era apaixonada.

**ANDRÉ:** A senhora sabe alguma música, algum trecho que quando ouve a senhora se emociona?

**OLIVETE:** Aí fica difícil, né? Porque as músicas das Taieiras são todas religiosas, principalmente aquela de São Benedito, né? (canto) "SÃO BENEDITO, A SUA CASA" Aí, a gente tira o chapéu assim, e isso aí emociona demais, pois a gente tá falando uma referência muito forte na vida da gente.

**ANDRÉ:** A senhora hoje é componente das Taieiras. A senhora vem com algum instrumento ou a senhora vem com alguma coisa em mãos?

**OLIVETE:** Às vezes sem nenhum; às vezes, com o querequexé.

**ANDRÉ:** A senhora já foi, alguma vez, guia das Taieiras, aquela que veste a saia vermelha na frente?



**OLIVETE:** Não!

**ANDRÉ:** Sempre foi as Taieiras mesmo?

**OLIVETE:** Mas já fui por necessidade.

**ANDRÉ:** Pronto! A senhora acha ou a senhora tem noção da importância das Taieiras pra o seu desenvolvimento como pessoa? O que é as Taieiras pra senhora? É cura? É alegria? É felicidade? O que significa para a senhora ser uma taieira?

**OLIVETE:** É saúde, né? A gente se sente mais jovem, mais feliz, ainda mais que ser uma Taieira é ser uma religiosa, e a gente se sente bem, bem mesmo. A gente fica mais nova.

**ANDRÉ:** Quem é que organiza os trajes, a hora que vai organizar para ir ao cortejo?

**OLIVETE:** Isso fica a cargo da mestra da associação.

**ANDRÉ:** Pronto! Quem é sua mestra?

**Olivete:** Maria Ione do Nascimento.

**ANDRÉ:** Pronto! E aí, quando a senhora sai com o... Qual o nome mesmo do instrumento?

**OLIVETE:** Querequexé.

**ANDRÉ:** Isso é d. Ione que determina, aí a senhora ou então a senhora sai com a espada?

**OLIVETE:** Não. Olha, só a espada, só se for alguma emergência, porque eu tenho um movimento no braço que não posso, aí tem um movimento que posso fazer e ofender a outra, porque o movimento é forte.

**ANDRÉ:** Certo! Entendi. E o querequexé vai funcionando?

**OLIVETE:** Isso... Porque eu bato da minha maneira.

**ANDRÉ:** Pronto! Em que ano foi alguma apresentação que a senhora disse assim: esse ano se emocionou? Foi aquele ano que a senhora diz assim: esse ano tem uma história na minha vida que eu tenho que contar sobre as Taieiras?

**OLIVETE:** Assim... No momento, eu não lembro, não. Porque sempre dançar a Taieira é emocionante, entendeu?

**ANDRÉ:** E qual foi a primeira vez que a senhora dançou em Olímpia após a morte de sua mãe? Qual foi desses momentos mais importantes?

**OLIVETE:** Foi em Olímpia. O primeiro ano que fui sem a minha mãe, chegando lá, foi só... Eu sempre ajudava ela a trocar a roupa, e aí quando estava na

avenida, emocionava... A lágrima caía, porque estava lembrando dela, que podia estar ali comigo. Mesmo dançando, a lembrança vinha.

**ANDRÉ:** As Taieiras tinham uma tradição muito forte. As mulheres eram todas negras, eram as mulatas. E hoje a gente percebe que tá diferente. A senhora percebe se tem algum ancestral que foi negro? Tem a sua mãe, que era bem religiosa, que também tem os ancestrais dela. Como é que a ancestralidade na vida de vocês?

**OLIVETE:** Minha mãe sempre foi muito religiosa, então sempre, sempre. Ela ensinou a ser religiosa também, e nas Taieiras foi onde minha mãe se encontrou, porque na época era uma dança bem religiosa. Hoje, foi mudando com o tempo, porque cresce e os filhos que vão ficando, os netos...

**ANDRÉ:** Na última apresentação que teve recentemente, ouvi d. Ione falando com a senhora e comigo um relato bem interessante. A senhora poderia contar essa história pra gente? Por que São Benedito não foi para o evento? O que foi que aconteceu? (risos)

**OLIVETE:** Assim, né... Muitas apresentações no dia, muitas roupas, muitas indumentárias... A gente pega uma roupa, um chapéu, uma sandália, e São Benedito ficou em cima do armário. No outro dia que lembramos que ele ficou lá e não foi. Não foi e cobrou, porque ele não foi para a avenida desfilar...

**ANDRÉ:** E a mestra ficou sem dormir. Ele cobrou!

**OLIVETE:** Ficou sem dormir e com dor de cabeça. Teve que pedi perdão para poder dormir, porque ele não foi para a festa.

**ANDRÉ:** Olha o santo religioso, como é forte.

**OLIVETE:** Sim. E sempre a gente faz a missa no dia 6 de janeiro, a missa na Igreja Católica mesmo, a missa pra ele ajudar o ano todo pra gente dançar pra ele. Porque a gente dança pra São Benedito.

**ANDRÉ:** Amém! E algo bem interessante é que São Benedito é o nosso copadroeiro da cidade de Lagarto. A nossa padroeira é Nossa Senhora da Piedade.

**OLIVETE:** Então, quando tem a festa de Nossa Senhora lá na igreja do Rosário, Nossa Senhora das Dores, né?

**ANDRÉ:** Nossa Senhora do Rosário.

**OLIVETE:** Isso... Nossa Senhora do Rosário e São Benedito sempre dança lá nessa festa, na igreja do Rosário.

**ANDRÉ:** A senhora sabe informar quando foi que surgiu a primeira dança das Taieiras? Como foi, com quem foi, como foi o convite que ela teve?

**OLIVETE:** Ela foi participar através da d. Joanninha, e ela foi através de d. Joanninha, que convidou mãe, e todo ano a mãe ia, mais ela.

**ANDRÉ:** E quem era o mestre da época?

**OLIVETE:** O finado Gerson.

**ANDRÉ:** Seu Gerson tem uma importância muito grande para o grupo, pois ele manteve viva esta história. E vocês conheceram seu Gerson. e então, o que foi seu Gerson pra vocês? Qual a importância dele para o grupo?

**OLIVETE:** Não! Para o grupo, ele foi importante. Minha mãe era muito amiga dele, que morava ali, e ele corria atrás e fazia o possível e o impossível para manter o grupo vivo, porque ele gostava da tradição. Ele foi muito importante porque, se não fosse ele até o final, a associação tinha morrido de novo, os grupos folclóricos da cidade.

**ANDRÉ:** Ele foi muito importante, corria atrás, ele organizava tudo. Ele se preocupava com a indumentária, com músicos, com os instrumentos, com o transporte...

**OLIVETE:** Com tudo. Ele que ensaiava com a gente. Se a gente errava, ele puxava a orelha e falava: “olhe o balanço, ói” (risos). Eu até hoje eu me lembro, dizia para ele eu não sei dançar Taieiras, e ele dizia: “Não precisa saber dançar Taieiras, só observe o balanço”. Só era aquele balanço com a música, só ia e voltava... Depois a gente vai fortalecendo mais, a gente vai ficando mais prática.

**ANDRÉ:** A senhora sabia que as Taieiras têm 250 anos de existência? É o grupo mais antigo na cidade?

**OLIVETE:** Glória a Deus!

**ANDRÉ:** As Taieiras passaram um tempo dormindo. Então, mais ou menos 1950 para 60 foi quando ela ressurgiu e mantém até hoje a tradição.

**OLIVETE:** Mais ou menos, ali na praça perto de seu Adalberto, aí quase morre de novo. Aí finado Gerson pegou e levantou de novo.

**ANDRÉ:** A senhora sabe quem é os personagens das Taieiras, quem é *as taieiras*, o que é que tem dentro do grupo todo. Vumbora lá... Tem as duas guias que são as que puxam, tem as Taieiras...

**OLIVETE:** E tem os meninos que protegem. Agora me fugiu o nome que eles protegem a rainha e o rei.

**ANDRÉ:** A guarda.

**OLIVETE:** Sim, a guarda, que estão ali para proteger a rainha e o rei, e depois vem...

**ANDRÉ:** ... As lacraias.

**OLIVETE:** Isso mesmo. Para proteger, né?

**ANDRÉ:** A senhora éee... Tem um detalhe interessante nas Taieiras, que são mais ou menos quantas pessoas que acompanham o grupo. É mais de 15, mais de 20 pessoas. Como é *as taieiras*?

**OLIVETE:** Tem mais de 20, certo! Mais de 20 taieiras. Os homens só são os guardas para proteger o rei e a rainha, e o restante são mulheres religiosas e principalmente idosas.

**ANDRÉ:** A senhora vê uma necessidade de jovens participarem mais ativamente do grupo?

**OLIVETE:** Sim, sim... porque, como é que se diz, é uma referência, uma tradição da cidade. Senão vai morrer. Nós vamos ficando velha. Tem que ter alguém que vai substituindo, para levar para frente, vai morrer... Então, tem que ter um jovem para ir aprendendo sua história. A história das taieiras é a história deles.

**ANDRÉ:** Algo bem interessante que eu acho das Taieiras é quando elas, elas... vão fazer a meia-lua.

**OLIVETE:** Sem querer, querendo, mas fez. (risos)

**ANDRÉ:** Fizeram a apresentação, fizeram a meia-lua, e fizeram correta. E olhe que tem um detalhe: vocês esqueceram São Benedito. Mas ele aqui disse assim “Êpa! Elas me esqueceram, mas eu vou fazer com que elas façam tudo direitinho, pra eu não puxar a orelha”.

**OLIVETE:** Foi sim, porque a gente dançou tudo direitinho. Bonito mesmo

**André:** Então, quando a gente vê a dança corretamente, assim as guias precisam suprir e ir para trás para ajudar, mas desta vez vocês *foram certinha*. E tem uma ou outra que sai do passo, e vocês puxam ...

**OLIVETE:** É tanto que quando eu fico olhando... Teve um dia que eu dancei e eu sempre fico no final. Às vezes eu vou assim, com o querequexé, porque a gente não podia falar nem empurrar. Eu ficava empurrando porque ele vinha pra minha fila, aí eu ficava colocando na ordem, porque as guias não iam ver, elas tão puxando a gente.

**ANDRÉ:** É essencial as guias. A senhora já ouviu falar de Santinha da Rua da Caridade?

**OLIVETE:** Já, mas eu não conheci.

**ANDRÉ:** A senhora, então, nunca viu a apresentação dela como Taieira?

**OLIVETE:** Não. Se eu vi, não tenho lembrança. Às vezes, na época da minha mãe, eu via, mas não tinha conhecimento. Mas tinha muitas. Tem várias delas que eu não sei nem quem é.

**ANDRÉ:** Qual a frase que você definiria as Taieiras? Como você definiria em uma frase?

**OLIVETE:** É difícil dizer uma frase das Taieiras, porque é!!! Apesar da indumentária, que é branca, com aquelas fitas já dá uma paz, a dança que sempre... Sabe, a gente sente que a gente tá ali fazendo uma homenagem a São Benedito. É isso que fortalece as Taieiras, que pra mim, né? Porque, pra mim, eu penso eu estou aqui dançando para São Benedito.

**ANDRÉ:** Obrigado pela nossa entrevista, e em breve vocês vão ver o resultado desta entrevista.

## Anexo 12 - Transcrição da entrevista com Maria Helena dos Santos

Áudio número 06 com tempo de transcrição de 14 minutos e 11 segundos.

**ANDRÉ:** Boa tarde, eu estou com d. Helena. Dona Helena, qual o seu nome completo?

**Helena:** Maria Helena dos Santos.

**ANDRÉ:** Qual a sua idade?

**HELENA:** 82 anos. Vou fazer 83 em agosto.

**ANDRÉ:** Qual a importância das Taieiras para a senhora?

**HELENA:** Ave Maria, é muita coisa! As Taieiras é a coisa mais importante da minha vida, pois quando eu vivi de depressão, foi a coisa mais importante que aconteceu na minha vida foi as Taieira.

**ANDRÉ:** E a senhora conheceu como, as Taieiras?

**HELENA:** A verdadeira mesmo eu conheci eu tinha 12 anos de idade. Assim... A identidade dela eu não sei porque eu não tinha estudo, essas coisas, né... Era o finado Rubem que era o dono das Taieiras e do Parafuso.

**ANDRÉ:** Hummm! Lembro. E a senhora tinha quantos anos de idade?

**HELENA:** Eu tinha 12 anos.

**ANDRÉ:** Doze anos, quer dizer, setenta anos que a senhora viu as taieiras pela primeira vez. E quem foi que convidou a senhora para entrar nas Taieiras?

**HELENA:** Zefinha Monteiro. Foi assim eu entrei nas Taieiras ali no CCU, era o nome dela a mulher de dr. Antônio, como era?

**ANDRÉ:** Acácia?

**HELENA:** Não, não era Acácia, não. Éeee... Não era Acácia, não. Valei-me, meu Deus! Eu sei que não era ela, era uma outra pessoa. Depois foi pra outra tomar de conta, depois Dionísia que ficou tomando de conta, depois Monteiro. Zefinha Monteiro era ali no CCU, depois foi para atrás da igreja, da igreja viemos para aqui, para o centro de idosos, do centro de idosos foi quando cabo Zé ganhou e nós saímos daqui e fomos pra lá, pra Rádio Progresso, e de lá foi quando Jerônimo ganhou e nós voltamos para o centro de idosos.

**ANDRÉ:** Eu percebi que as mudanças dos ensaios sempre eram políticas, né?  
Atrapalhou o bem-estar de vocês.

**HELENA:** Exatamente. E quando eu vim representar as Taieiras para representar lá fora, para São Paulo, eu tinha 52 anos.

**ANDRÉ:** E qual foi a experiência mais incrível que a senhora sentiu das Taieiras?

**HELENA:** Ah! De tudo na vida, porque eu senti assim: senti alegria do meu sentimento, a alegria da minha vida, a experiência de viajar. Dessa viagem, rodei São Paulo quase toda. Fui pra Goiânia, andei em Brasília, andei em... No Paraná, eu não fui, não, mas para o Rio Grande do Norte, nesse mundo quase todo a gente já foi representando as Taieiras. E em Olímpia tinha um samba de roda que eu tenho as *roupa* tudo aí. As roupas das Taieiras.

**ANDRÉ:** Me conte qual a música mais tocante das Taieiras que a senhora, quando escuta, dá vontade de chorar, de dançar?

**Helena:** São Benedito.

**André:** A senhora lembra um trequinho?

**HELENA:** “São Benedito que dia viesse, domingo chegasse”... Agora, esqueci...

**ANDRÉ:** Tá certo!

**HELENA:** “São Benedito, a tua casa cheira ao cravo e roda e a flor de laranjeira...”

**ANDRÉ:** Linda essa música.

**HELENA:** Pois é.

**ANDRÉ:** A roupa das Taieiras como eram antigamente?

**HELENA:** Tá aí, as minhas roupas. Era branca toda de fita. Peraí que eu vou buscar pra você ver. Fica aí.

**ANDRÉ:** Certo! D. Helena, o que significam as cores destas fitas na saia das Taieiras?

**HELENA:** Meu filho, pra mim significa muito. Antigamente, como é que se diz, quando a gente ia fazer o rezado, tinha as *fita* de toda cor, tanto faz a saia como as blusa. Pra mim, fica bonito porque aí faz parte dos Parafusos. Era a saia e dos Parafusos atrás.

**ANDRÉ:** E quanto tempo você brincou as Taieiras?

**HELENA:** Rapaz, uns 30 anos.

**ANDRÉ:** A senhora tem saudades das Taieiras?



**HELENA:** Tenho, tenho, tenho sim. Sabe por quê? Quando eu *tava* na tristeza de toda a minha vida com meu esposo, foi quando ele me abandonou, saiu e foi embora, me deixou eu grávida, *adepois* chegava e dizia que não era filho dele, dizia que era filho disso e daquilo, até short vestido por baixo tinha, pra quando a gente dançava não amostrava as *caçola*.

**ANDRÉ:** D. Helena, a roupa das Taieiras sempre mudava ou sempre foi assim?

**HELENA:** Sempre foi assim... Nunca mudou, sempre foi assim. Aqui era as duas anáguas, e botava bastante goma pra ficar bem rodada, era bem *rodadona*. Agora eu tinha uma que a primeira roupa que nós vestimos não era assim, era de três saias, mas essa parte daqui não tinha nenhum babado. A gente botava a roupa, botava por dentro e deixava as fitas por fora. Aí, depois que Zefinha Monteiro tomava de conta, que foi que mudou assim, pra fora.

**ANDRÉ:** Me diga uma coisa, D. Helena, as roupas têm uma importância muito grande, a dança também. A senhora pode explicar um pouquinho a dança das Taieiras?

**HELENA:** A dança é assim, as Taieiras é assim... Tem as espadas, né? Tem o batimento das espadas. Quer dizer que quando a gente vai fazer o caminho, batendo com as espadas, aí segue o caminho, cada um pra o seu lado, e depois *nós vira* e vai bater as espadas. Passa uma do lado para outra, aí vai trocando, batendo as espadas. Era a coisa mais importante pra mim, era o bater das espadas, porque, como é que se diz... Botava as duas de frente. que era eu e a menina, como é o nome dela... Hilda. Pois é... Lá na frente, era eu e Hilda, *adepois* colocaram dona de Zefa.

**ANDRÉ:** Pra ser as guias...

**HELENA:** Atrás de nós, né? A nós era as cantadas, as cantadas era nós, e nós era na frente, *apois os batimento* da espada era todas que sabiam bater, não.

**ANDRÉ:** Qual o instrumento que usava sem ser a espada?

**HELENA:** A *zabumba*...

**ANDRÉ:** A gaita...

**HELENA:** O *zabumba*, a caixa que era as caixas das pequena e tinha aquele negócio que fazia “bumbumbum”... Agora, eu esqueci...

**ANDRÉ:** É... Esqueci agora o nome.

**HELENA:** É... Tinha isso, as caixas e as Taieiras, colar... Tinha muito colar das Taieiras, mas eu dei tudo. A primeira que comecei brincar em Olímpia, o povo começou a tomar *nossos colar todinho*. E principalmente os meus, que era bonito, cheio de contas, que era bonito e o povo tomava os colar tudinho, pedindo.

**ANDRÉ:** Eita! Me diz uma coisa: quem... A senhora brincou alguma vez com o mestre Gerson?

**HELENA:** Muitos anos. Foi com quem eu comecei aqui a sair pra fora, foi com ele.

**ANDRÉ:** E qual era a sua função com mestre Gerson nas Taieiras?

**HELENA:** Era tudo. Era tudo porque depois que o mestre Gerson morreu, as Taieiras se *acabou*. Aqui dentro de Lagarto, não tem Taieiras mais. Pra se fazer os grupo que se fazia mais, não, porque quando a gente chegava no Gbarbosa pra chegar cá no ribeirão, aqui pro lado de cabo Zé, ali era bonito, viu? Eu passei pouco por macumbeira. Quando eu passava com aquelas saias rodadas e os *colazão* bonito, né? Gritavam “Ói as macumbeiras”, e eu dizia: “a primeira macumba que eu vou jogar é pra sua mãe!”

**ANDRÉ:** (risos) A senhora lembra da rainha das Taieiras e do rei?

**HELENA:** Me lembro da finada Joaninha. D. Joaninha, uma preta que tinha...

**ANDRÉ:** D. Santinha, que morava na Rua da Caridade?

**HELENA:** Tinha uma lá do campo da vila, uma morenona, bem grandona, que tinha a filha de Zefa de Cota. A primeira rainha que saiu com Gerson, que saiu foi... Como é o nome dela? ela já morreu. Acho que não morreu, não. Filha de Zefinha do *véio* de Conça, lá de baixo do Campo da Vila de lá de baixo. Era uma morenona bem bonitona, altona, era bonita... Ela vestida de rainha era muita bonita.

**ANDRÉ:** A senhora lembra quantos brincantes louvavam São Benedito?

**HELENA:** Rapaz, eu não lembro, não, mas eram muitas. Era mais ou menos umas 25, com a rainha...

**ANDRÉ:** Tinha o rei e os batedores de espada.

**HELENA:** Isso, isso... Os batedores de espada *era nós*, tinha o *reis*, quando ele se separava da rainha para bater as espadas, quer dizer que tinha uns 25 pra bater as espadas com a rainha que tinha que sair na frente para *bater as espada* se fazer as partes. Era isso, mas era muito bonito.

**ANDRÉ:** Qual o passo mais bonito da rainha? Da rainha, não...! Das Taieiras? Era o meia-lua?

**HELENA:** Ave Maria, era a meia-lua, que a meia-lua dentro do... do... do parque lá no Olímpia, era nós mesmo.

**ANDRÉ:** Como era essa meia-lua?

**HELENA:** Era assim... A situação, nós ... A gente sobe... Quer dizer, tem o palco, o degrau pra gente subir. Quer dizer, quem for pra esse lado passa pra esse lado, quem for pra esse lado e passa pra cá, e vai fazendo a roda, e se encontra tudo pra cá e sai. Rapaz... Até que chega a derradeira de trás e sai. É lindo demais. É muito lindo... Vai *devagazinho* e rodando.

**ANDRÉ:** É lindo! As *função* das Taieiras de São Benedito na Nossa Senhora do Rosário, a concepção de quando a senhora entrou era de louvação ao santo ou era mais folclórica?

**HELENA:** Não era de louvação a São Benedito. *Nós* teve um tempo que nós saía. Eu tinha mais ou menos uns 15 anos. A primeira vez que eu saí na novena de São Benedito, eu tinha 14 anos.

**ANDRÉ:** E onde acontecia a novena de São Benedito?

**HELENA:** Na Boa Vista de Boquim. era na Boa Vista de Boquim.

**ANDRÉ:** E a senhora é natural de Lagarto?

**HELENA:** Sou. Nasci e me criei aqui. Eu nasci no Pacheco.

**ANDRÉ:** Hummm! E as músicas eram entoadas no motivo de alegria ou tristeza?

**HELENA:** Era entoada. Era de motivo de alegria.

**ANDRÉ:** Qual a parte ou história que a senhora lembra bem emocionante na sua vida quando as taieiras se *apresentou*?

**HELENA:** Rapaz... Tinha uma música que dizia assim... Meu Deus, não faz jeito de me lembrar.... Assim... Quando a gente fica de idade, vai ficando nervosa. Já tive depressão três vezes, aí eu me esqueço. Assim... *Tu viu* que eu me lembro de tudinho, mas tem outro dia que não me lembro.

**ANDRÉ:** “QUEM É AQUELE SANTO QUE VEM ACOLÁ, É SÃO BENEDITO QUE VAI PARA O ALTAR...”

**HELENA:** Mas não é essa não!!

**ANDRÉ:** “ Ê, Ê COLONIA AFRICANA TODOS VENHAM VÊ” ... Não é essa, não? Então, vamos para outra.... Vamos para a próxima música...

**HELENA:** Veja aí se você se lembra...

**ANDRÉ:** “SENHORA RAINHA, RABO DE TAINHA...”

**HELENA:** Também não é! É bonita também, mas é linda. Eu quero que você veja como é... Meu Deus... como é? Tem dias que te digo todas as cantigas, mas tem dia que tá parecendo que eu não sei de nada. Chama as fias todas de uma vez, e pronto.

**ANDRÉ:** Pronto. D. Helena, foi um prazer,

**HELENA:** Essa dizia assim: “SÃO BENEDITO QUE DIA VIESSE, DOMINGO CHEGASTE E MILAGRE FIZESSE...”

**JUNTOS:** “SÃO BENEDITO EM TUA CASA CHEIRA O CRAVO E A ROSA E A FLOR DE LARANJEIRA”...

**HELENA:** Essa já é a saída que a gente faz quando está saindo...

**JUNTOS:** “SÃO BENEDITO QUE DIA VIESSE, DOMINGO CHEGASTE E MILAGRE FIZESSE...”

**HELENA:** “São Benedito, a sua casa cheira a cravo e a rosa e a flor de laranjeira.”  
Aí era bonito, né?

**ANDRÉ:** Perfeito, D. Helena.

### **Anexo 13 - Transcrição da entrevista com Luís Carlos da Cruz Santos**

Áudio número 0 com tempo de transcrição de 04 minutos e 17 segundos.

**ANDRÉ:** Boa noite. Qual o seu nome completo?

**LUÍS:** Luís Carlos da Cruz Santos.

**ANDRÉ:** Sua idade?

**LUÍS:** 28 anos.

**ANDRÉ:** Pronto! Luís, como foi que você conheceu as Taieiras de Lagarto?

**LUÍS:** Eu conheci através de um cortejo que teve aqui mesmo em Lagarto. Aí, eu fiquei apaixonado pelo grupo e, através do grupo, eu recebi o convite de Eder para eu poder entrar.

**ANDRÉ:** E, dentro do grupo, você tem uma função. Qual é a sua função?

**LUÍS:** É ser rei.

**ANDRÉ:** E o que significa ser rei pra você?

**LUÍS:** O rei significa a parte da nobreza que acompanha a rainha na parte dos cortejos.

**ANDRÉ:** É... Imagine um jovem, você negro, faz parte do cortejo e você sabe que o rei e a rainha são duas simbologias muito fortes na Taieiras. Eles têm uma fisionomia sempre, seria mostrando o lado nobre... E o seu traje é composto de quê?

**LUÍS:** Ele é composto de uma coroa, a capa, a veste completa, a camisa e uma calça.

**ANDRÉ:** Pronto! Você, em alguns momentos, também tem uma espada? Quando o rei sai com o traje completo.

**LUÍS:** Tem, sim.

**ANDRÉ:** Pronto! Me diz uma coisa, quando é que você vê que na hora a música das Taieiras diz assim: “senhora rainha, rabo de tainha”, que é o momento em que você acompanha a rainha dentro do cortejo, né? Para a apresentação da nobreza. O que significa pra você este momento de apresentação? E o que significa pra você essa parte?

**LUÍS:** Significa uma emoção muito grande de poder participar deste grupo das Taieiras e também ver um pouco da emoção do público.

**ANDRÉ:** Qual o trecho da música das Taieiras que você mais gosta.

**LUÍS:** De São Benedito.

**ANDRÉ:** Você pode só cantar um pouquinho o refrão. É aquela “São Benedito ...”

**LUÍS:** “São Benedito que tiraste o chapéu, Taieiras ...”

**ANDRÉ:** A parte que você mais gosta é quando faz a parte da apresentação do rei e da rainha.

**LUÍS:** Isso!

**ANDRÉ:** “SENHORA RAINHA, RABO DE TAINHA”. É essa?

**LUÍS:** Isso!

**ANDRÉ:** Pronto! Então, me conte que ano mais ou menos você entrou no grupo. Você é o mais novo do grupo, dos membros das Taieiras.

**LUÍS:** Foi em 2019.

**ANDRÉ:** 2019. E, então, você ainda não teve o prazer de desfilar Sete de Setembro.

**LUÍS:** Ainda não.

**ANDRÉ:** Pronto! Então, qual o contexto que você vê a necessidade, dentro deste contexto, de atrair jovens? Você é jovem, dentro dos nossos parâmetros, e qual importância ou a necessidade de se atrair jovens pra dentro?

**LUÍS:** A importância é dos jovens permanecerem mais um pouco da cultura e sair mais um pouco de...

**ANDRÉ:** Então.... Qual é a importância de atrair os jovens, Luís? De que forma você poderia ajudar a atrair essas jovens?

**LUÍS:** Seria através de mostrar um pouco da cultura das Taieiras e pra eles terem mais conhecimento.

**ANDRÉ:** Nas escolas.

**LUÍS:** Nas escolas, nos bairros, precisam um pouco mais.

**ANDRÉ:** Entendi! Então, enquanto rei, você precisa decretar que precisa mais de jovens no nosso grupo.

**LUÍS:** Precisa, sim.

**ANDRÉ:** Até eu me sinto parte do grupo, mas de 25 anos que conheço o grupo, eu vejo que os jovens não se sintam atraídos em participar da cultura popular. É uma grande dificuldade. Então, você acha que através da escola a gente poderia atrair mais componentes para esse grupo?

**LUÍS:** Isso, sim. É verdade.

**ANDRÉ:** Pronto! Obrigado, Luís.

**LUÍS:** Por nada!

**ANDRÉ:** Em breve, estarei de novo contigo.

**LUÍS:** Tá certo.

## **Anexo 14 - Transcrição da entrevista com Eder Cláudio Ferreira Santana**

Áudio número 08 com tempo de transcrição de 20 minutos e 28 segundos.

**ANDRÉ:** Boa noite. Hoje, estou com o mestre dos Parafusos, porém hoje nós iremos estudar um pouco as Taieiras, né? Ele vai falar sobre a importância das Taieiras. Seu nome completo?

**MESTRE EDER:** Meu nome é Eder Claudio Ferreira Santana, mais conhecido como Eder Santana.

**ANDRÉ:** Sua idade?

**MESTRE EDER:** Hoje estou com 38 anos.

**ANDRÉ:** Pronto! Como foi que você conheceu as Taieiras?

**MESTRE EDER:** Então, as Taieiras eu conheci através dos Parafusos, né? Que, para eu chegar aos Parafusos, foi através de amigos. Eu recebi o convite de um para participar de um ensaio lá na travessa do Caldo de Cana, onde residia a sede dos Parafusos, com seu finado Gerson, e indo ao ensaio, eu tive o prazer de conhecer a dança do Parafuso e, junto dela, a das Taieiras, que são as devotas de São Benedito.

**ANDRÉ:** Você lembra quem foi a pessoa que convidou você a entrar no grupo?

**MESTRE EDER:** Olha... Quem me convidou a participar do grupo, o nome dele é Tadeu. Ele era dos brincantes, Tadeu, junto com o Carlinhos, que morava em Campo Novo. Eles me fizeram o convite e eu já trabalhava com ele, mas não conhecia o grupo, e daí eles me convidaram a participar do grupo. Eu fui ao ensaio e, na primeira vez, eu não gostei muito. Passou uma semana, depois quinze dias, retornei lá e estou até hoje.

**ANDRÉ:** Pronto! Como foi sua experiência inicial? Eu quero que você conte como foi a experiência da primeira vez nas Taieiras.

**MESTRE EDER:** Pronto! A primeira vez que eu brinquei as Taieiras foi no desfile de Sete de Setembro, tradição em Lagarto sempre o folclore participar no desfile cívico. E eu tive o prazer de ajudar as Taieiras a se apresentar montando o enredo junto com... Aí, já foi junto com o finado Gerson. Daí a gente conseguiu botar o desfile na



rua, e eu peguei amor às Taieiras. É a música das Taieiras que é uma história bem contada e pra mim foi emocionante. Estou até hoje fazendo parte do grupo das Taieiras, da parte da versão de canto, e também faço na parte de *bateção* de espada, que é parte da proteção da rainha e do rei.

**ANDRÉ:** Me conte qual é a responsabilidade que você tem dentro do grupo? Qual é a parte principal, hoje, que você gerencia?

**MESTRE EDER:** Olha, a parte principal que eu gerencio dentro do grupo das Taieiras hoje, eu posso dizer que é o canto, que é uma parte principal da Taieiras. Necessita muito dos batedores, e eu fico na parte do canto.

**ANDRÉ:** Hoje poderia considerar você também como comestre do grupo. E qual a importância do comestre no antes, no durante e no depois da apresentação?

**MESTRE EDER:** Olha, eu acho muito importante, até então, pra somar junto com a terceira idade. Porque a gente vê que as Taieiras é um grupo de senhora. As Taieiras de Lagarto é um grupo de senhoras e tem toda uma regalia na hora de colocar as indumentárias, de colocar o cordão, de colocar a rainha no lugar certo; depois da apresentação, de olhar os componentes pra ver como eles estão, se estão numa proteção correta, né? Daí eu acho muito importante a participação do comestre nesta questão, por essa questão de somar na organização.

**ANDRÉ:** Dentro do grupo, sabemos que existem os personagens. Quem são as guias?

**MESTRE EDER:** Sim, sim... Então... As guias são as floristas que estão vestidas de vermelho, representando as tálias de flores de São Benedito. Elas duas representam os cordões da frente e as demais brincantes seguem atrás no cortejo de apresentação.

**ANDRÉ:** Quem são as Taieiras com as espadas?

**MESTRE EDER:** As Taieiras com as espadas representam a... Peraí...

**ANDRÉ:** Então, explique novamente pra mim quem são as Taieiras com as espadas?

**MESTRE EDER:** Então... As Taieiras com as espadas, elas fizeram, ou seja, elas vieram com uma proteção a São Benedito.

**ANDRÉ:** E essa proteção foi quando tentaram capturar...

**MESTRE EDER:** Foi quando tentaram capturar São Benedito, porque ele foi acusado de estar roubando o palácio, e quando o rei descobriu e foi até ele e pediu pra ele virar o cesto, e quando ele virou o cesto, só caiu flores, né? E quando o rei mandou abrir o cesto, só caiu flores.

**ANDRÉ:** Foi o primeiro milagre de São Benedito. E quem são as moças que seguram o querequexé?

**MESTRE EDER:** As moças do querequexé, elas representam a vitória de São Benedito. Representa é... Fugiu agora da mente...

**ANDRÉ:** Quando viu o milagre.

**MESTRE EDER:** Isso, representa o milagre, o primeiro milagre de São Benedito. Elas saíram em festejo com os querequexé.

**ANDRÉ:** Quem são os batedores de espada? Ou a guarda real que chama, né?

**MESTRE EDER:** Ei, aqui em Lagarto a gente chama de batedores de espada, mas na época das Taieiras eram chamados de guarda real, que são os quatro que ficam em proteção do rei e da rainha. Quando o rei passa, ele cruza as espadas para o rei passar e vão fazendo toda a trajetória, e depois eles fazem a luta da guerrilha de espada, na hora da apresentação.

**ANDRÉ:** Ótimo. Quem são as lacraias?

**MESTRE EDER:** As lacraias é quem segura o sombreiro para o rei e a rainha. e então, são quatro lacarias que vão segurando um sombreiro com tecido rendado de forma quadrada que o rei e a rainha vão embaixo, que vai fazendo sombra para o rei e a rainha.

**ANDRÉ:** Pronto! Qual a importância do rei e da rainha das Taieiras?

**MESTRE EDER:** A importância do rei e da rainha das Taieiras é muito, é por conta que segue uma história e uma tradição. Nessa questão do rei e da rainha representa a realeza, que era pra quem São Benedito trabalhava. Essa é a peça fundamental que não pode faltar na apresentação, que é o rei e a rainha.

**ANDRÉ:** Qual a importância, pra vocês, da mestra dentro da organização dentro das Taieiras?

**MESTRE EDER:** Eu posso dizer que a mestra é muito importante pelo conhecimento, pela valorização e pelo respeito que os componentes têm pela mestra.

**ANDRÉ:** E qual a importância que você falou aí do respeito, mas qual a importância da mestra na organização da dança?

**MESTRE EDER:** Olha, a importância da mestra na organização da dança é pontuar cada brincante, cada tocador, as lacraias, o rei e a rainha, os batedores de espada no seu devido lugar. Essa é de uma importância muito grande, pois uma parte da organização e do cortejo, digamos, é ela que organiza o que os demais vão ter que fazer, como vão se posicionar, tipo, os dois cordões estão ali, ela está lá para indicar os dois cordões. Na hora da apresentação, ela está lá para fazer a meia-lua, ela está organizando a hora de fazer a meia-lua, que é a hora de fazer a rainha entrar, a hora de voltar, a hora dos cordões voltarem para a posição que estavam, a hora de bater as espadas; é a hora que as mulheres batem as espadas e que mostram a luta de São Benedito; a hora de balançar o querequexé, que é a hora do milagre de São Benedito, representando a vitória; os tocadores, os dois tocadores, os porta-estandartes que vêm logo na frente abrindo; e sem falar no andor de São Benedito, que vem o cortejo com uma baiana, né? Vem o andor de São Benedito; primeiro, vem o estandarte; a mestra coloca o estandarte no lugar e logo em seguida vem com o andor de São Benedito, e ali ela coloca os batedores de espada, ela já posiciona; depois dela posicionar, os batedores de espada; aí ela pode chamar o rei e a rainha; depois vêm as flores, as mulheres do cesto de flores e aí vêm as demais brincantes, que são as batedoras de espadas e as mulheres do querequexé. Essa é uma peça muito importante da mestra dentro do grupo.

**ANDRÉ:** Quais são os instrumentos que se utilizam durante o cortejo?

**MESTRE EDER:** Os instrumentos dentro do cortejo são *os zabumbas*. São duas zabumbas de corda e couro que são tocadas e um louvador.

Então, pra fazer todo o cortejo, é preciso de dois tocadores de zabumba, que são de cordas originalizadas e couro, e o louvador.

**ANDRÉ:** Prooonto! Eder, uma coisa bem interessante é das Taieiras em Lagarto, quando foi que você aprendeu? Como ela surgiu? Como foi que mestre Gerson passou pra você?

**MESTRE EDER:** Então... Olha, as Taieiras, quando *veio* para Lagarto, *veio* através de Sílvia Romero, né?

**ANDRÉ:** Éder como foi que você conheceu sobre e se dedicou sobre as Taieiras? Como foi que mestre Gerson passou pra vocês?

**MESTRE EDER:** Olha, as Taieiras que *foi passada* por mestre Gerson, ele sempre falava das devotas, as mulheres que dançavam e eram devotas de São Benedito. E daí eu passei a conhecer, eu jovem, lá com ele, passei a conhecer, a participar de alguns ensaios e apresentações em Laranjeiras, e também aprendi que lá a Taieira é católica, sagrada, e aqui a gente trabalha com o profano, que é a que não tem a religião firme da afrodescendente, mas ela tem a sua função dentro desse contexto.

**ANDRÉ:** Qual a sua memória mais antiga de seu Gerson organizando as Taieiras? Qual foi o momento que marcou você da presença de seu Gerson?

**MESTRE EDER:** Olha, uma das coisas mais marcantes: ele era muito organizado, era muito rígido em colocar as coisas no lugar na hora das apresentações, dele fazer acontecer. Então... Pra mim, era uma pessoa muito incrível, muito boa e dentro da Taieira ele tinha essa questão de manter viva, de dar continuidade à Taieira e buscava, levava, e ele tinha esse pulso de manter viva essa história.

**ANDRÉ:** Ele era um dos mestres mais antigos que você conheceu. Você já viajou com o mestre. E, nessas viagens, o que foi de importante que ele passou pra vocês?

**MESTRE EDER:** Eu fui em algumas viagens com mestre Gerson. Participei de alguns fóruns *cultural* com ele, e assim ele passava muito a importância da valorização cultural, como ele chamava, danças folclóricas, que existem e a preservação, na resistência de se manter viva essa tradição. Hoje eu busco dele também a questão

de que eu aprendi com ele que é manter viva as tradições que venho dando continuidade junto com Dona Ione também.

**ANDRÉ:** Bem... Ele fez parte de alguma inspiração como brincante, como ... Ele foi sua inspiração em tornar você como contramestre, ou melhor, aquele mestre que está em ascensão que tá levando junto, na falta da mestra você já substitui, como é que você tem esse referencial? De Dona Ione, hoje, a atual mestra do grupo?

**MESTRE EDER:** Olha, eu tenho essa questão já através do finado mestre Gerson, pela questão do que ele passou pra mim antes. Ele me ensinava como é que *os cordões tinha* que fazer. Como ele já era uma pessoa idosa, ele não podia estar participando de todos os eventos, não podia tá correndo, está correndo com os brincantes de um lado para o outro. E ele já me destinava fazer parte da equipe pra coordenar as Taieiras. E eu participei de algumas apresentações, tendo elas lá em Laranjeiras, que eu acompanhava os brincantes. Eu acompanhava os cortejos e ali eu também já participava de com o ir e vir, daí já peguei também com a mestre Ione. Daí a gente está dando continuidade até hoje.

**ANDRÉ:** Qual a maior problemática hoje de manter o grupo? É atrair os jovens para a atividade cultural ou problemas internos?

**MESTRE EDER:** Atrair os jovens para as tradições, porque os jovens estão muito afastados. Os jovens, hoje, eles não querem, eles não querem ver com outros olhos, eles querem ver como eles querem. A gente já faz um papel importante na sociedade, que é manter viva a tradição, mas precisaria que os jovens tivessem esse conhecimento e das valorizações.

**ANDRÉ:** E como mestre, contramestre, como é que você vê a educação levando esse conhecimento cultural para as escolas?

**MESTRE EDER:** Eu vejo a educação levando para as escolas, pois é nas escolas que eu vejo formadores de cultura populares e conhecedores também. Eu acho que a palavra-chave é “conhecedores”. É dos pequenos que se *faz* os grandes. Então, tem que vir da escola, pois você, levando para a escola, você vai tá passando conhecimento e vai trazer toda a história, a história de um

antepassado todo, que os jovens não conhecem a sua história, a sua origem, as suas raízes... E precisam buscar!

**ANDRÉ:** Falando da roupa das indumentárias das Taieiras, o que significa a roupa das guias?

**MESTRE EDER:** Então.... Elas fazem parte do cordão, que são as floristas. Elas vêm com as indumentárias diferentes, que são as vermelhas, que representam o sangue derramado dos injustos, e o branco representa a paz, que são a paz alcançadas entre eles. E também elas usam as fitas, cada uma de uma cor, que representam o santo. Como São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, a festa que é em janeiro, então a fita representa um pedido, que cada um vai fazer um pedido de proteção de paz de libertação, uma promessa feita. A fita tem essa, essa... Como é que eu posso dizer...? É uma peça fundamental dentro das Taieiras, que simboliza todos os santos, todas as cores.

**ANDRÉ:** Qual o significado das fitas que você falou? E então, as fitas simbolizam Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, as outras são as bênçãos alcançadas?

**MESTRE EDER:** São as bênçãos alcançadas.

**ANDRÉ:** Qual a conexão que existe com a indumentária, o figurino e a história das Taieiras?

**MESTRE EDER:** Você pode repetir pra mim, por favor?

**ANDRÉ:** Qual a importância, ou seja, o que significam as vestes?

**MESTRE EDER:** As vestes significam as bênçãos alcançadas das Taieiras de todo um contexto.

**ANDRÉ:** Perfeito! Me diga só uma coisa: a coreografia, que não é uma dança e sim uma louvação, ela tem um significado. Quais são os passos mais importantes?

**MESTRE EDER:** Olha, o passo mais importante da dança são os cordões, e depois seguindo para meia-lua, né? Essa parte é fundamental porque quando desfaz, já vem em batalha com as espadas e volta com o querequexé, que é a vitória alcançada.

**ANDRÉ:** O bater espada e a meia-lua pode sofrer uma alteração?

**MESTRE EDER:** Não, não pode sofrer alteração, pois ela já vem de uma longa data, de uma história que é mantida viva. E, então, ela não pode ser alterada.

**ANDRÉ:** Sabemos que algumas adaptações foram feitas e hoje nós consideramos na palavra folclore e parafolclore. Hoje, ele não tem muito valor pra gente, porque na verdade todo contexto está na cultura popular. E aí as Taieiras têm uma simbologia da cultura popular nas danças populares e também na crença popular. Como é que vocês têm essa percepção de mudar o que for necessário para mudar uma tradição que é centenária, ou melhor, bicentenária? As Taieiras é dos grupos mais antigos e tem uma importância imensa para a nossa cidade. Como é que você, como contramestre, se sente nessa participação ativa dentro das Taieiras? Assim... O que significa pra você, em uma frase, uma frase só, você pode dizer assim: “Quando eu vejo as Taieiras, vem na minha cabeça...”.

**MESTRE EDER:** Quando eu vejo as Taieiras, sabe o que vem na minha cabeça? Assim que eu vejo as Taieiras, eu vejo fé. É a frase que define: fé e esperança.

**ANDRÉ:** Pronto. Eu agradeço a sua participação e eu tenho certeza que você, com a sua fé e a sua participação nas Taieiras, vai continuar a nossa cultura popular em Lagarto.